01

SÉRIE TODOS OS CORAÇÕES PARTIDOS



TODAS AS NOSSAS MENTIRAS

UM ROMANCE ESCRITO POR

L. JÚPITER



SÉRIE TODOS OS CORAÇÕES PARTIDOS

TODAS AS NOSSAS MENTIRAS

UM ROMANCE ESCRITO POR

L. JÚPITER

TODAS AS NOSSAS MENTIRAS

TODOS OS CORAÇÕES PARTIDOS - LIVRO 1

Copyright © 2021 L. Júpiter
Capa: GB Design Editorial
Diagramação: Liana Hollis
Betagem/revisão: Letícia Brilha e Pigmalateia
Ilustração: Gabi Heifer (the.bunnybee)

Esta é uma obra literária de ficção.
Todos os personagens, estabelecimentos e acontecimentos retratados são produtos da imaginação da autora.

Qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência. **Todos os direitos são reservados à autora.**

É expressamente proibida a distribuição ou reprodução de toda ou qualquer parte desta obra por qualquer forma, meio eletrônico ou mecânico sem a prévia permissão da autora.

Plágio é crime

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.


1/4
4/4

Sumário

Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19

Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Epílogo
Bônus

Notas da Autora

Todas As Nossas Mentiras conta a história de Leonardo e Maria Luíza, sendo o primeiro livro da série *Todos Os Corações Partidos*. Os livros são independentes então — se você estiver lendo no futuro — não precisa ler um para entender o outro, mas haverão *spoilers* dos livros anteriores.

Esse livro não tem intenção alguma de causar desconforto, mas eventualmente existem alguns gatilhos como ***luto/perda, autodepreciação e abandono parental***. Assuntos como ***alcoolismo e ansiedade*** são citados ou brevemente descritos.

Apesar de não ser considerado erótico, o livro também possui cenas de sexo, insinuação sexual e linguagem imprópria. A *leitura é recomendada* para *maiores de 16 anos.*

Boa leitura.
Com amor, Júpiter

Sinopse

Se me perguntarem quando percebi que estava apaixonado por você, eu saberia responder com clareza de detalhes tudo o que aconteceu naquele dia.

Quando nossos olhares se cruzaram, pareceu ser a primeira vez, mesmo que isso acontecesse todos os dias.

Ainda éramos crianças e eu não entendia nada sobre o amor além dos f ilmes de princesa que você me obrigava a assistir.

Você sorriu para mim, Estrelinha. E aquele simples gesto f ez meu coração disparar como nunca antes.

Porém, nossos corações f oram partidos de maneiras dolorosas e isso f oi escada para que você sucumbisse na própria dor.

Você estava acostumada a silenciá-la, mas eu odiava te ver triste. Eu queria poder te abraçar e arrancar de você tudo que te af ligia, amor, mas você não deixava.

Um dia, em uma situação incomum, precisamos f ingir o que não éramos, mas eu desejava arduamente. Aquela f oi a melhor experiência da minha vida, até que eu estraguei tudo.

Todas as mentiras que contamos um para o outro ao longo da nossa amizade atrapalharam toda a nossa história. As coisas

poderiam ser dif erentes se tivéssemos sido sinceros desde o iní cio.

Você iluminou meu coração com todas as estrelas do seu corpo. Agora, eu não consigo mais dormir porque você não está aqui, e acho que tenho medo do escuro.

Playlist

Para acessar a playlist desse link, clique aqui ou escaneie o QR code abaixo:



Esse livro é dedicado para quem ainda acredita em prí ncipe encantado.

À s vezes, você precisa apenas descer da torre *sozinha*.

mapeei a dedo tuas sardas
contornei sem jeito tuas linhas
que te entregam e desvendam o melhor em ti
me perdi no céu das suas pintas
me encontrei no céu da tua boca
tu é labirinto, rua sem saí da
me rendi a tua alma nua, vem cá

F i ca - Anav i t ór

Estrelinha,

tenho muito orgulho de você. Espero que você nunca mude para caber em alguém. Nem se esse alguém f or o amor da sua vida. Você é perf eita do jeitinho que Papai do Céu criou e Ele nunca dá ponto sem nó, lembre-se disso todos os dias.

Todas as vezes que se olhar no espelho pense no quanto é especial para mim. O seu sorriso vai conquistar o mundo, assim como me conquista todas as vezes que te vejo.

Com amor, seu anjinho da guarda.

Prólogo

Em um piscar de olhos, tudo muda.

Leonardo

Aos 14 anos

Estalo meus dedos sem parar enquanto ando de um lado para o outro no enorme quintal da casa dos Lobos, impaciente e ansioso.

Bruno embala Vicente em seus braços, enquanto tenta acalmá-lo no balanço, a alguns passos de mim.

Me sinto sufocado.

Tem um bolo na minha garganta, mas me recuso a colocá-lo para fora. Não vou fazer isso agora.

Eu deveria est ar em casa dormindo, mas não vou conseguir desligar meus pensament os e evit ar pensar no piorEst ou há horas me pergunt ando o que pode t er acont ecido.

Não sei se não t er not í cias a essa hora da noit e é bom ou ruim, mas já f az um t empo desde que me disseram que o Gabriel precisou ir às pressas para o hospit al.

Meu pai não deixou claro o porquê, mas, implicit ament e, eu percebi que não era boa coisa. Ele precisou ir ao hospit al t ambém, para cuidar da Malu e me deixou aqui, onde Bruno e Vicent e já esperavam.

São duas da manhã e ninguém apareceu para nos dar not í cias. Ninguém f alou absolut ament e nada.

— L éo?

— Não quero brincar agora, L una — digo rí spido demais para a pequena t errorist a que t em me seguido para t odos os lugares nos últ imos t rês anos. Ela não obedece, t eimosa como sempre.

Eu at é gost o dela. Não é sempre. L una é muit o chat a, mas o que me irrit a mesmo é aquela mãe dela. Ôh, mulherzinha chat a.

— Porque est amos na casa da Barbie? — insist e, se ref erindo a Malu. — E porque ela não est á aqui?

Tenho que cuidar dela porque sua babá est á de f olga e a C í nt hia só vem buscá-la na semana que vem.

Não a respondo. Não quero f alar com ninguém. Quero not í cias do meu amigo. Quero saber porque Anna t ambém est á envolvida nisso e quero ver minha Est relinha.

Não saio sem t er cert eza de que os t rês est ão bem.

— Vem cá, bebêzinha. Deixa o Léo quieto — Bruno chama ela, percebendo que não estou nas melhores condições.

— Léo? — o ignora. — Cadê a Barbie? — repete minha irmã.

Não é como se eu não gostasse da pirralha. Eu a amo. Mas não gosto da mãe dela, preciso que meu pai entenda isso.

Não entra na minha cabeça que ela seja tão egoísta a ponto de usar a própria filha para tirar dinheiro dele. Não é justo, ela é apenas uma criança.

— Por que estamos…

— ME DEIXA EM PAZ, LUNA! — explodo, querendo que fique calada.

— Leonardo… — ouço a voz do meu pai.

Respiro fundo e estalo todos os dedos de uma só vez, me dando conta de que gritei com a nossa princesinha, mas sou orgulhoso demais para admitir meu erro, então, ignoro sua carinha de choro e olho para o meu pai.

— Cadê ele? — é a primeira coisa que pergunto quando vejo meu pai abraçando as duas.

Meu pai não responde, e nem precisa. Não demora muito até que Malu saia do seu abraço e encare cada um de nós com um beicinho triste e o rosto todo vermelhinho.

Minha Estrelinha nunca esteve tão triste. Seu cabelo está bagunçado e ela veste o mesmo vestido branco que a vi usando esta manhã, quando saí daqui quando acordamos.

Seus olhos dizem muit o, mas o que conf irma minhas suspeit as é quando ela corre para mim, enf iando o rost o no meu peit o e me apert ando como se eu f osse sua salvação.

— O Gabriel f oi embora — sua voz f alha, abaf ada pelo choro

Os sons de choro são audí veis por t odo o quart eirão. Nenhun de nós esperava por isso.

Vicent e e L una olham para cada um de nós, sem ent ender at é que meu pai se abaixa e t ent a explicá-los da melhor f orma possí vel.

Anna, est á vest indo o casaco que meu pai vest ia quando saiu de casa, e seu cabelo est á uma bagunça, Bruno a abraça apert ado quando percebe que est á est át ica.

J á eu, não penso duas vezes ant es de apert ar a loirinha em meus braços, promet endo para mim mesmo que, enquant o eu respirar, Maria L uí za nunca est ará sozinha.

Capítulo 01

tudo que eu f aço pra me suportar desde cedo
tudo que eu passo em segredo
a lágrima oculta por trás do sorriso
eu preciso lidar com meus medos

Eu Tô Bem *- L uiz L ins*

Maria Luiza

Aos 11 anos

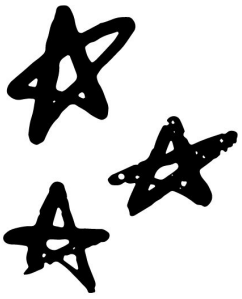
— Tô louco pra t e ver chegar — a voz desaf inada de Gabriel invade meu quart o ant es mesmo dele ent rar— Tô louco pra t e t er nas mãos. Deit ar no t eu abraço, ret omar o pedaço que f alt a no meu coração…[1]

O cabelo pret o, t ão dif erent e do meu, est á molhado e respingando em t odo cant o do meu quart o. Ele sempre é bagunceiro, por isso, nunca o deixo sozinho no meu quart o. Não quero que o meu se t orne uma ext ensão da sua zona de guerra.

Grit o quando ele balança a cabeça, me molhando int eira.

— SAI DAQUI , GABRI EL ! — cubro a cabeça com o t ravesseiro, t orcendo pra que me deixe dormir só mais um pouquinho.

— Eu não exist o longe de você e a solidão é o meu pior cast igo… Eu cont o as horas pra poder t e vęmas o relógio t á de mal comigo… Por quê? Poooooooor quê? — Gabriel est ende o f inal, desaf inando e me f azendo rir ant es de se jogar em cima de mim e começar a me encher de beijos. — L evant a, Est relinha dorminhoca.



Meu corpo treme e o suor escorre por todo ele, sujando os lençóis brancos que vou precisar trocar novamente.

Respirar se torna dif í cil, meu coração está apertado e mal consigo controlar as lágrimas que insistem em escorrer.

Nenhum barulho sai. É sempre assim, nunca consigo colocar para f ora.

Af asto as cobertas no automático, me sentindo abaf ada. Minha cama vira uma bagunça, normalmente arrumo-a no instante em que me ponho de pé, mas, dessa vez, não me importo. Não consigo me importar.

Me seguro na parede f ria do box para manter o equilí brio quando a água f ria entra em contato com a minha pele, molho a cabeça tentando despertar desse pesadelo que parece nunca ter f im.

Meu peito sobe e desce rápido demais e o primeiro soluço escapa mas sou rápida em tentar controlá-lo antes que não consiga mais parar.

Tudo o que mais quero é que a água leve tudo isso embora. As lembranças que atormentam minhas noites, a dor que rasga meu peito todas as vezes que lembro dele, de *como* ele se f oi e, acima de tudo, da naturalidade com que todos conseguem lidar com essa situação.

Deixo que as lágrimas escorram livremente, sem qualquer barreira. Aqui, sozinha, não tenho motivos para segurá-las.

Andar por aí , f ingindo estar bem, está esgotando todas as minhas energias de um modo maçante e cansativo, é algo que não consigo f ugir

Sendo realista, me tornei o resto de alguém que um dia existiu. E que continua esperando por outro alguém que não vai voltar. *Nunca mais.*

À s vezes preciso me alertar de que isso nunca será possí vel.

Tudo isso não passa de mais um dos meus sonhos impossí veis, esse é o meu lembrete de que as coisas nunca serão do jeito que quero ou desejo.

E mesmo tendo consciência disso, sempre que olho para o céu, peço para que Deus f aça tudo isso passar ou que eu acorde desse pesadelo interminável.

É doloroso não ter uma resposta, mas sei que me ouve.

Preciso que me ouça.

Consigo lidar com o silêncio de todos, mas o Dele é o que mais dói. Saber que me vê passar por tudo isso e não f azer nada, me f az achar que não sou amada o suf iciente nem por Ele.

Não lembro muito bem de quando decidi sair do lugar onde não conseguia me sentir conf ortável. Não que alguém tenha se importado,

mas com essa parte — a negligência daqueles que deveriam cuidar de mim — já estava acostumada.

Eu só não consegui lidar com a indif erença e a ignorância com tudo que nossa f amí lia passou.

Então, só precisei juntar o útil ao agradável e *sumi.*

Deixei uma ou duas pessoas importantes para trás, mas era isso ou me apagar completamente. Então f ui egoí sta uma vez na vida e me escolhi.

O problema é que, mesmo que hoje eu esteja rodeada por pessoas que estão sempre comigo, a sensação de vazio continua aqui. Falta algo em mim.

É como tentar se equilibrar em uma corda bamba por um f io, prestes a cair num abismo prof undo.

É suf ocante.

A solidão *realment e*deve ser o meu pior castigo. Pelo quê? É uma boa pergunta. Talvez eu só esteja pagando por pecados que não cometi.

Ouvi dizer que Deus só dá aquilo que cada um pode suportar, mas acho que, talvez, Ele esteja me conf undindo um pouco.

Não sou tão f orte quanto pareço e também não tenho o menor interesse em carregar o f ardo de outras pessoas.

Fiz isso durante toda a minha vida e no f inal, ninguém f ez o mesmo por mim. Foi quando entendi que algumas batalhas, nós precisamos lutar sozinhos.

Minha solidão não f oi uma escolha ou ao menos uma opção.*Foi o rest o,* a sobra das coisas boas que deveriam ter me dado.

Durante meus vinte e sete anos, aprendi que existe uma linha tênue entre *est ar*sozinha e *sent ir-se* sozinha. As duas coisas são igualmente terrí veis se você não souber f azer disso algo proveitoso. Eu conheço todos os lados dessa moeda. Mas esse é um caso à parte.

O f ato é que depois de tantos anos, me acostumei ao silêncio. Na verdade, eu gosto dele, sabe? Viramos amigos e até curtimos a presença um do outro.

O silêncio sempre f oi o meu grito mais alto. O problema é que as pessoas à minha volta estavam barulhentas demais para perceber isso.

Hoje é dif erente. As três pessoas com quem divido meu tempo não são os maiores f ãs da calmaria e por isso, f az dois anos que o silêncio já não é a minha principal companhia durante a maior parte do tempo.

Eles gritam sempre que podem. No chuveiro, assistindo jogos ou um com o outro. Demorei pra me acostumar, mas acho que não vivo mais sem eles.

A verdade é que sempre f ui carente. Algumas palavras eram o suf iciente para me machucar e como se não bastasse, a f alta delas doí a — e ainda dói — duas vezes mais.

Eu me sentia aprisionada a elas, palavras costumam ter um poder muito f orte. Seja bom ou ruim.

Lembro da última vez que ouvi um *eu t e amo* de alguém que não f osse meus amigos. Naquele dia, desejei, pela primeira vez, o silêncio.

Porque o que veio depois dessas palavras, partiu um pouco mais a minha corda bamba.

— Malu — a voz de Anna invade o banheiro. — Vicente e eu já estamos saindo, mas Léo está terminando o caf é.

— Tá bom, boa sorte no trabalho — desejo.

Anna é a mais nova jornalista investigativa da casa. Por enquanto, ela trabalha apenas nos bastidores e já cobriu alguns colegas, mas anda animada com a possibilidade de ser contratada de f orma ef etiva.

Vicente trabalha como editor na I nterestelar, empresa do nosso padrinho, o pai do L éo. O padrinho vive elogiando o trabalho dele, diz que ele é crí tico, sem ser of ensivo e que ultimamente tem sido bastante procurado entre os autores.

— Hoje eu vou precisar — ouço seu resmungar baixinho quando desligo o chuveiro. — Não f ica muito triste, tá bom? Ele não ia gostar de te ver assim.

Ela sai sem esperar uma resposta, me deixando ainda mais abalada pela f orma com que isso reverbera na minha mente.

Meu irmão odiava me ver inf eliz. Ele deve estar decepcionado comigo, lá de cima.

Respiro f undo mais uma vez enquanto me visto e saio do banheiro f azendo um esf orço astronômico para não desabar de uma vez. Não agora.

Estendo a toalha na lavanderia e volto para o quarto, desembaraço meu cabelo e deixo solto, sem vontade de buscar o secador no quarto de Anna. Calço meus chinelos e vou para a cozinha, encontrando L eonardo ainda de costas enquanto coloca o caf é na xí cara.

Não preciso dizer nada, ele entende. Todos eles entendem.

Observo suas costas largas enquanto se movimenta na minha cozinha procurando pelo açúcar, porque nunca lembra onde f ica. L eonardo é alto, sua postura f irme pode até passar a impressão de durão, mas todo mundo sabe que ele é uma manteiga derretida de tão f of o.

A pele bronzeada do seu torso, coberta por algumas tatuagens, está exposta porque ele é contra a ideia de usar roupa dentro de casa.

Não posso reclamar, é uma bela visão. Uma mexa do seu cabelo castanho cai na sua testa quando se vira e seu rosto ainda sonolento não o faz parecer menos bonito.

A tatuagem que mais me encanta é o *1/4* que fica no ombro esquerdo. Vicente, Anna e eu também temos uma parecida. Esse é um dos elos que nos une, resolvemos fazer em um aniversário do Vicente e ele estava triste. Ele está sempre triste no seu aniversário, que por sinal, é amanhã. Nada o alegra mais do que rabiscar o corpo, daqui a um tempo não vai ter mais nenhum espaço em seu corpo. Se deixássemos ele tatuaria até o pau.

Léo me encara e eu me sinto melhor, tudo culpa desses olhos azuis piscina. Eu sou apaixonada pelos olhos dele. E o sorriso… quando ele sorri, eu viro gelatina.

Ainda é cedo, não passa das nove e ele não vai trabalhar hoje, como nos dois últimos anos, nessa mesma data. Tudo para não me deixar sozinha.

— Você deveria estar no trabalho — repito o de sempre, sendo ignorada.

Leonardo se senta ao meu lado, mas evito olhá-lo agora porque já sei o que vou ver. A mesma dor que está refletida em mim.

Saudade, o nome.

Ele beija o topo da minha cabeça, parecendo receoso, como se não soubesse como agir, empurrando a xícara para mim.

Me sinto acuada, mas sei que faz isso para o meu bem. Então bebo o café mesmo contra a minha vontade e me levanto.

Já há um filme qualquer pausado na tela, então me jogo no sofá-cama que custou meus rins e espero Leonardo sentar ao meu lado para dar *play*.

— Oi, Miau — f aço carinho na bola de pelos que se acomoda nas minhas pernas. — Seu papai desnaturado já cuidou de você hoje?

— J á — responde L éo. — Alimentei e dei os remédios, mas não consegui terminar de trocar o curativo.

— Pega minha maleta na cômoda? — espero que retorne do meu quarto enquanto acaricio o pelo branco que está começando a crescer novamente.

Miau f ica quietinho enquanto limpo suas f eridas e ref aço o curativo na sua pata dianteira. Ele chegou na clí nica que trabalho como veterinária há algumas semanas e estava muito debilitado quando cuidei dele. Uma das suas patinhas f icou f raturada por conta de um atropelamento e estava desnutrido por f alta de vitaminas, por isso está bem magrinho e seu pelo ainda é muito curto e ralo.

O senhor que o encontrou na rua, f oi muito gentil em pagar seu tratamento enquanto estava na clí nica mesmo não podendo f icar com o gatinho porque sua f ilha é alérgica.

F iquei com tanto dó do coitadinho que acabei trazendo para casa quando recebeu alta e implorei para o L éo adotar ele, já que tenho outras três bolas de pelo em casa e não teria tempo para cuidar de mais um. Ele se manteve f irme na negativa, até a primeira lágrima escorrer no meu rosto.

— Esse salaf rário! — acusa. — Quando encostei nele, f ez o maior escândalo e com você nem resmunga.

— Deixa de ser ciumento, L éo — sorrio, beijando o f ocinho gelado do gato branco. — Ele pref ere a mamãe, não é, amorzinho?

— Eca, para de beijar essa coisa.

Beijo a bochecha dele rindo, vendo-o f azer uma careta de nojo antes de me puxar para o seu abraço.

Me aconchego em seu corpo quentinho, me sentindo protegida. Léo faz um carinho no meu cabelo e eu fecho os olhos tentando não voltar ao passado.

A porta do meu apê está aberta, como sempre fica. Moro com a Anna, mas Leonardo e Vicente vivem mais aqui do que na própria casa, os dois moram do outro lado do corredor. Às vezes me sinto a própria Mônica Geller[2].

Perco a noção do tempo olhando para o nada e me remexendo ao redor do Léo, até que meu telefone toca.

Todo resquício de calmaria some quando o nome de Fernanda aparece na tela. Me levanto do sofá, com uma sensação de desconforto me tomando por inteira.

Hoje é treze de setembro, o que quer dizer que meus familiares não me ligam. Todos ignoram totalmente essa data, como se fosse um dia qualquer. Mas eu sei que não é.

— Oi, Nanda — cumprimento minha irmã, mordendo a ponta do dedão com força numa tentativa falha de conter o nervosismo.

— *Maria!* — ela saúda animada. Junto às sobrancelhas sem entender o porquê dela parecer tão feliz. —*Tudo bem?*

— Tudo… — antes mesmo que eu possa terminar de responder, ela me interrompe, atropelando as palavras e quase gritando de tão eufórica.

— *Eu tô ótima!*— abro a boca novamente em vão, porque ela não espera que eu pergunte para prosseguir o monólogo. — *Eu vou casar! O Bruno me pediu em casamento!*

Será que ela se lembra que dia é hoje?

Fico em silêncio por alguns segundos tentando processar a informação. Demoro até entender o que disse. Bruno casando? Essa sim

é uma novidade. Mas a simples ideia de estar em um casamento faz a bile subir a minha garganta.

— *Foi tudo tão lindo. Nem acredito que finalmente vou realizar o meu sonho* — continua, alheia à minha presença do outro lado na linha.

— Imagino que tenha sido muito especial, pequena — apesar do desconforto, forço as palavras a saírem. Não é justo descontar nela. — Quando começarão a preparar tudo?

— *O mais rápido possível. Você vem, certo? Preciso de você um tempo antes para me ajudar em algumas coisas.*

— Claro, Nanda. Só me avisa antes para acertar as coisas no trabalho.

— *Maria, tem mais uma coisa…*— ela diz mais baixo e eu me preparo, coisa boa com certeza não é. — *O Pedro vai ser padrinho do Bruno*.

Paraliso no lugar. De repente, não consigo respirar direito. O silêncio se estende dos dois lados até que alguém a chama e ela precisa desligar, sem ao menos se despedir direito.

Encaro o celular, já desligado, e ao invés de tristeza, o que sinto é raiva. Como eles conseguem fingir que nada aconteceu? Fernanda mais do que ninguém deveria lembrar. E o Bruno… Deus, eu nem consigo acreditar em toda essa confusão.

Meu anjinho diz que eles estão felizes e é isso que importa. Mas o diabinho, aquele que em momentos como esse tem a palavra final, sabe que ela fez de propósito só para me ver explodir

Não quero acreditar que são ruins a esse ponto, mas o que esperar de uma família que não tem mais o que esperar? Isso mesmo, um grande nada.

— Você tá bem, Estrelinha? — a voz calma e receosa de Leonardo me alcança. Não quero mentir, então não respondo.

A dor e a saudade se misturam com as lembranças de quem mais amei na vida. Mas a tristeza, dessa vez, não consegue ser maior do que a raiva. Minha vista embaça e tudo em mim parece estar em combustão.

Nem penso duas vezes quando atiro o celular contra a parede, ouvindo Leonardo me chamar. Sigo em direção ao quarto, sabendo que ele me segue mas agora não quero ser consolada. Quero chorar e botar para f ora o que há muito me consome. Sozinha.

— Me deixa sozinha, Léo. Não quero conversar agora — digo trêmula quando me chama do lado de f ora da porta trancada.

— Me chama se precisar de algo — rebate baixinho e eu concordo, mas não ouço seus passos se af astando.

Dessa vez, não me importo com os sons, deixo tudo sair como há muito não f aço. Como prometi a mim mesma que nunca mais f aria.

Queria dizer que estou chorando no chão do meu quarto como uma garota mimada porque vou precisar rever e lidar com a presença do meu ex, ou porque assim que colocar os pés naquele lugar, vou virar a atração principal.

Mas não é verdade. Não ligo para o que acham ou deixam de achar sobre mim.

Estou chorando porque não aguento mais toda essa indif erença. Não aguento mais ouvir o silêncio. Não quero mais ter que lidar com tudo isso sozinha.

Essa é a gota d'água que f altava para que eu transbordasse, ultrapassasse o limite do aceitável.

Tudo que mais quero hoje é um abraço bem apertado e a garantia de que tudo isso vai passar. Quero mostrar meu lado vulnerável e ouvir

que tudo vai f icar bem, mesmo sabendo que não é verdade.

Ainda sou nova, mas de alguma f orma esquisita, sinto como se carregasse um f ardo maior do que sou capaz de suportar

Não queria estar chorando. Mas choro. Porque hoje, estou dando lugar a dor. E me sinto f raca por isso.

Fraca por não ser como eles.

Fraca por não conseguir controlar essas malditas lágrimas.

Fraca porque dói.

Fraca porque, ainda assim, não consigo ser dif erente e desejar o mal para cada uma das pessoas que um dia me machucaram.

Não sei há quanto tempo estou trancada, mas não quero sair, mesmo sabendo que deixei Leonardo preocupado.

Normalmente, não ligo. Ignoro tudo que me f az reviver a dor maçante daquele dia. Mas hoje f az quinze anos desde que tudo mudou, então hoje a saudade machuca mais do que nunca e só por isso, me permito ser vulnerável *mais uma vez* e chorar por alguém que nunca mais vai voltar.

Respiro f undo e me arrasto até a cama, caindo em um sono prof undo, onde ninguém me lembra o quanto minha dor é insignif icante.

— Malu — desperto com a voz baixa de Vicente me chamar do outro lado. Estico meu corpo sentindo os músculos reclamarem por conta da posição nada conf ortável. — Estamos preocupados. Você está bem?

Levanto com cuidado para não acordar Sid, meu gatinho listrado, que dorme tranquilamente em cima do meu travesseiro. Abro a porta quase o derrubando por estar encostado nela.

— Eu pareço bem pra você, João Vicente? — não era minha intenção parecer grossa, mas acabei de acordar, então é mais forte que eu. Ninguém pode me julgar. — Foi o que pensei.

Vicente sorri, o que o deixa ainda mais bonito. A pele negra, coberta por tatuagens, que diferente das minhas, não tem significado algum, está coberta por uma camiseta cinza e a barba por fazer dá um charme a mais ao rosto quadrado.

— A Anna trouxe japa, mas como você não tá bem… — ele levanta as mãos em rendição, pronto para se virar. — O Léo e eu podemos fazer esse sacrifício e comer por você.

— Vocês acham que vão me comprar com comida? — coloco a mão na cintura, tentando parecer ameaçadora. — Pois acertaram, vou tomar banho.

— Ei, ei, ei, mocinha! Não tá esquecendo de nada não? — olho confusa para ele, que abre os braços em resposta. — Acha que vai sair de graça?

Sorrio e me atiro contra seu corpo, aconchegando minha cabeça em seu ombro quando me carrega sem o mínimo de esforço.

Meu ar quase vai embora quando os outros dois se juntam ao abraço.

— Você fica tão feia chorando, Estrelinha — Leonardo, brinca me abraçando por trás, antes de beijar minha bochecha, fazendo meu coração acelerar com o ato.

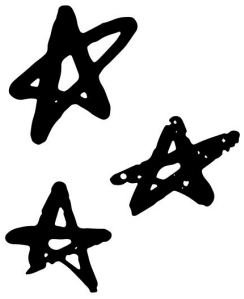
— Ninguém quer te ver assim — Anna completa, de frente para mim, fazendo esforço para se encaixar no abraço e conseguir abraçar os dois brutamontes.

— Tira a mão da minha bunda, Vicente — o outro reclama.

— Por que você sempre estraga os momentos fofinhos, Léo?

E assim mais uma briga recomeça entre os dois. Escondo a cabeça no pescoço de Vicente rindo e chorando ao mesmo tempo.

Não sei o que faria sem eles.



Aos 6 anos

— Olha como é bonita, Gabe — Encaro minha irmã através das grades do berço.

Ela parece uma boneca, os cabelos são escuros como os do anjinho e o rosto é perfeito, sem manchas.

— Posso te contar um segredo? — ele sussurra como se a bebê pudesse entender Bobinho.

— O quê? — rebato no mesmo tom.

— Você e suas estrelinhas são mais bonitas que ela — sorrio e o abraço, beijando sua bochecha.

Todo mundo diz que minhas pintinhas são defeitos, mas meu irmão não perde a oportunidade de elogiá-las e esse é o único motivo pelo qual não sinto vergonha delas.

— O que estão fazendo aqui? — Tatiana entra no quarto com a mão na cintura. — Já falei que não podem ficar tão perto dela assim, Fernanda pode pegar alguma bactéria.

— Mas a gent e só est ava… — Gabriel começa, mas ela int errompe.

— Não quero saber, garot o. Vão para o quart o de vocês — nossa madrast a apont a para f ora.

— Quant as vezes vou precisar dizer para não f alar assim com os meus f ilhos, Tat iana? — a voz irrit ada do nosso pai invade o quart o.

Odeio quando eles brigam, os dois grit am muit o alt o. Eu f ico assust ada, às vezes o Gabe at é me leva para dormir no quart o dele.

— Mas, amor, eles… — Gabriel segura minha mão, me levando para f ora do quart inho da bebê, quando começam a discut ir pela t erceira ou quart a vez hoje.

— Bruxa — meu irmão sussurra quando passamos pela port a me f azendo colocar as mãos na boca para não rịrant es de sair correndo.

Capitulo 02

coração não é tão simples
quanto pensa
nele cabe o que não cabe na despensa

Or ação -*a banda mais bonit a da cidade*

Leornado

Aos 13 anos

Cruzo os braços irrit ado, quando vejo Pedro se sent ar ao lado de Malu. Esse cara est á sempre se aproveit ando desses moment os para est ar pert o dela e de bônus me provocar

As coisas com a minha mãe se complicaram e eu acabei descont ando — sem querer — nela. Não conseguia me livrar do seu int errogat ório e grit ei com ela.

Sou idiot a por isso, eu sei. O Bruno já quis me comer na porrada quando cont ei o que acont eceu há dois dias e nem quero pensar no que o Gabriel queria f azer

Sinto um tapa na nuca e sobressalto assustado, quase o esmurrando por ter recebido essa deste graça.

— Quando vai deixar de ser burro e contar pra ela logo, hein?

— Não sei do que você está falando — barganho e desvio o olhar dos dois para qualquer outro ponto aleatório.

Sei exatamente do que ele fala, mas me recuso a assumir

— Leonardo, não se faz, tá bom? — revira os olhos. — Eu te conheço desde sempre, você não é a melhor pessoa em disfarçar e ela é lerda demais para perceber. Então, se você não falar, ela não vai nem desconfiar

— Mesmo se eu contasse, não adiantaria de nada. Ela gosta do Pedro.

Gabriel passa as mãos no rosto, como se estivesse prestes a explodir, resmungando algo sobre odiar guardar segredos. Depois, grita por Malu e diz que está na hora de ir

Respiro fundo quando passa por mim emburrada, sem me olhar e de braços cruzados, esperando o irmão.

— Vai na frente, Estrelinha. Eu vou esperar a Anna, ela foi ao banheiro — sinaliza, apontando para o caminho, quando ela vai, Gabriel me empurra na mesma direção. — Vai consertar sua merda, Léo.

Nego com a cabeça, mas sigo adiante, tentando acompanhar seus passos apressados.

— Vai ficar me ignorando? — pergunto atrás dela.

— Você grita comigo, espera que eu te dê flores como a Letícia — ironiza e eu rio, chamando sua atenção, que se vira e põe as mãos na cintura.

— Tudo isso por causa de ciúmes?

— Não sint o ciúmes. Nem seu, nem de ninguém — f ala pausadament e.

Gabriel e Anna, que já nos alcançaram, começam a rir.

Que ment ira.

Maria L uí za é a pessoa mais ciument a que conhecemos.

— Não dá pra conversar com você, é por isso que vamos f icar de mal para sempre, L eonardo!

Corro at é ela, a carregando pelas pernas, do jeit inho que ela odeia, só para provocar mais um pouco.

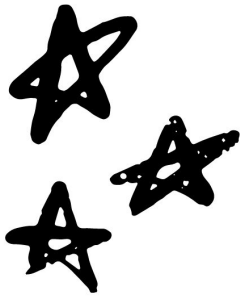
— Para com isso, Est relinha. Me desculpa, t á legal? Eu não deveria t er grit ado com você, já ent endi. Quer sorvet e?

— Quero… — diz, ainda brava e se debat endo. — Agora me solt a, assim eu vou morrer. Gabriel, f az alguma coisa!

— O meu sorvet e é de baunilha — Anna grit a animada.

— E o meu de chocolat e — ele rebat e no mesmo t om.

— Traidores!



Existem muitos pontos negativos em estar — *secret ament e* — apaixonado pela sua melhor amiga.

Quando ela acha que você é imune a ela e simplesmente invade sua cama com o mí nimo de roupa possí vel e te *obriga* a dormir de conchinha com ela, por exemplo.

Ou quando a amiga em questão se chama Maria L uí za e gosta de te torturar contando todos os detalhes da própria vida sexual como se não f osse nada. *Nada*.

E o pior de todos: quando preciso passar horas em uma poltrona estupidamente conf ortável esperando ela experimentar as mais curtas e provocantes roupas para que eu possa opinar.

Me chame de masoquista. Eu sou mesmo. Passo a maior parte do meu tempo livre ao seu lado, mesmo que seja ouvindo sobre as últimas aventuras com o vizinho de cima.

Sua voz me acalma e sua presença me f az esquecer, mesmo que por pouco tempo, toda a bagunça do lado de dentro.

E por isso, dividir uma das piores lembranças da minha vida com ela é duas vezes mais doloroso. Parte o meu coração vê-la chorar e não poder f azer nada.

L embrar daquele dia e da f orma como tudo aconteceu parece me matar aos poucos.

Tenho que lembrar que já f az *quinze anos*.

Mas não parece tanto tempo quando ainda consigo escutar a voz dele me dizendo que não preciso ter medo dos outros garotos ou que não posso tratar minha irmã mal só porque não gosto da mãe dela.

Não parece tanto tempo quando Vicente parece estar cada vez mais se af undando no trabalho e esquecendo de viver só para não ter que lidar com a própria mente.

Não parece tanto tempo quando Anna ainda parece estar presa aquele dia toda maldita vez que dá de cara com algum gatilho.

Não parece ter acontecido a tanto tempo quando vejo Malu se apagar a cada vez que conquista algo e ele não está aqui para presenciar.

Quero dizer que, comigo, ela não precisa f ingir estar f eliz. Estrelinha pode ser quem quiser na minha presença, não me importo.

Eu posso t e cuidar, Malu. Promet i que f aria isso, me deixa cumprir Não f inge pra mim. Est ou aqui por você.

Há outras milhões de coisas que quero lhe dizer. Há outras milhões de coisas que quero f azer

Mas não posso f azer nada do que penso, porque, no f undo, tenho medo de que f uja se um dia chegar a lhe revelar os sentimentos que tenho por ela. Ou que de alguma f orma me af aste.

Malu corre de sentimentos como o diabo f oge da cruz. Querer que ela retribua os meus seria como tentar tirar leite de pedra.

— Será que se esqueceram que dia é hoje? — sua voz corta o silêncio do quarto escuro. — Ou será que f azem isso só para esf regar na minha cara que todo mundo superou e eu não?

Precisei tirar a garraf a de cerveja dela quando percebi que já estava começando a f icar animada demais. Amaldiçoei Vicente e Anna por terem deixado que bebesse tanto, mas no f im também precisei colocá-los em seus devidos quartos. Não aguentava mais ouvir o choro sof rido dos três.

Vicente iria completar dez anos no dia seguinte quando tudo aconteceu e isso o f az odiar o seu aniversário, o que não nos impede de tentar alegrá-lo com algo que goste.

Aquele dia f oi traumatizante de diversas f ormas dif erentes para cada um de nós. Para Anna, principalmente.

Mas agora, sozinhos, é quando a máscara de f elicidade de Malu se vai, dando lugar a alguém triste.

Assim como eu.

Passei a última noite em claro, preocupado com eles, pensando se teria que me desdobrar em três, como no ano passado. Vicente sumiu, Anna não saiu da cama e Malu não parava de chorar grudada no ursinho de pelúcia que pertenceu ao Gabe.

Esse ano, os dois saí ram para o trabalho, enquanto Malu e eu f icamos em casa. Mas meu pai disse que Vicente passou o dia inteiro olhando para o nada e mal tocou no almoço. Esperei que Malu dormisse para buscá-lo e trazê-lo de volta, mesmo a contra gosto.

As lembranças ainda vivas dentro de mim, f izeram questão de se f azer presentes pela porra do meu dia inteiro. Precisei ref rear as lágrimas inúmeras vezes, desde o momento em que acordei e ouvi o choro baixinho de Vicente do outro lado da parede. Ou quando cheguei no apartamento das duas e vi Anna sentada no sof á com olheiras enormes e os olhos vermelhos, um sinal de que assim como eu, não pregou os olhos a noite inteira.

Ninguém se olhou nos olhos hoje. Poucas palavras f oram trocadas. Porque sabemos que se o f izéssemos, irí amos cair em um choro sem

f im.

Assim que abaixei para pegar seu celular quando se trancou no quarto, a tela de bloqueio se iluminou, mostrando uma f oto de todos nós, incluindo Bruno, no primeiro aniversário de L una. Então, quem chorou f ui eu.

Senti saudades do nosso anjo, de tudo que todos nós já vivemos juntos. Senti saudades até do *t raí ra*do Bruno.

Sentei com as costas coladas à sua porta, ouvindo-a f ungar e soluçar, vez ou outra soltando palavras incoerentes.

Eu já sabia que isso aconteceria. Meu pai ouviu boatos sobre esse casamento através de algum conhecido e me alertou sobre o que isso poderia causar.

Só não f azia ideia de que F ernanda e Bruno escolheriam justo um dia tão… delicado para dar a notí cia.

Eu deveria ter mais empatia. Af inal, não é só a f amí lia da minha melhor amiga, convivi com aquelas pessoas durante boa parte da minha vida. Meu pai era melhor amigo da L ara, minha madrinha e mãe da Malu e do Gabriel.

Mas eu não consigo f ingir que gosto das pessoas que f azem mal àqueles que amo.

Esperei que Anna chegasse para contar o que havia acontecido, busquei Vicente e assim que contei sobre o casamento, ele se transf ormou. A raiva dominou a tristeza e ele mal prestou atenção no que continuei a f alar

Cheguei no meu apartamento há pouco, depois que Vicente dormiu precisei voltar ao 202 e praticamente empurrar Malu para o banho. Mas como já imaginava, não demorou até que invadisse meu quarto e se encolhesse na cama. Agora, ela está abraçada a mim, como se eu f osse seu travesseiro.

— Eu devo ter colado chiclete na cruz, porque não é possí vel. Ela vai casar com o Bruno e o Pedro ainda vai ser o padrinho. Vê se pode isso, Léo?!

Corto o impulso de xingar o babaca na sua f rente. Não o suporto. Pedro era como uma pedra no meu sapato, f ico até mais alegre quando lembro que não preciso mais ter que aturá-lo.

Porém, não é novidade que Fernanda tenha permitido que Pedro seja o padrinho, aquela cobra sabe muito bem como colocar o dedo na f erida dos outros. Principalmente da Malu, mas ela é boa — ou lerda — demais para perceber.

— Não, não pode — respondo, colocando uma mecha loira de seu cabelo atrás da orelha.

— Parece que meus problemas transam entre eles e se reproduzem, não é normal tanta desgraça pra uma pessoa só, Léo.

— Você está bem?

— Por que será que todo mundo vai embora? — ignora minha pergunta, divagando sozinha.

— Eu estou aqui, Estrelinha.

Malu suspira, como se não acreditasse. Logo depois se impulsiona para cima e beija minha bochecha, f azendo meu peito disparar com a proximidade. Ela encaixa a cabeça no meu pescoço, se aninhando a mim.

— Me pergunto quando você vai embora também.

Sem chances.

Beijo seus cabelos, sentindo seu cheiro gostoso. Me questiono o porquê de não acreditar nas minhas palavras, já que nunca dei motivos

para que duvidasse de mim.

— Isso nunca vai acontecer — sussurro.

— Obrigada, Léo.

— Pelo que?

— Por me trazer de volta.

Pisco repetidas vezes para espantar as lágrimas até que uma batida na porta soa. Anna nem espera que dê permissão para entrar arrastando o Vicente que por incrível que pareça está de cueca.

— Eu poderia estar pelado — resmungo, fingindo estar bravo.

Os dois se jogam na cama como se fosse feita de papel e eu preciso arrastar minha Estrelinha para mais perto para que tenham espaço.

— Você ama dormir de conchinha comigo, confesse — ele brinca.

Então vem o silêncio. Por longos minutos, nenhum de nós pronuncia uma palavra.

— Sinto saudades dele — Anna sussurra. — Acho que nunca vou aceitar sua partida.

Malu gira em meus braços, grudando as costas no meu peito e ficando de frente para os dois. Penso que vai dizer algo, mas ela apenas estende a mão e afaga seus cabelos, tentando trazer conforto.

É uma verdade dolorosa, mas nenhum de nós pode duvidar; aquele dia nunca será esquecido.

— Passou da meia noite — começo, tentando nos livrar do clima pesado que se formou. — Sabem o que significa?

— Feliz aniversário, Vicente — Estrelinha diz, se apoiando no cotovelo e se inclinando para beijar a bochecha do outro.

— Parabéns, insuportável — desejo.

— Feliz vinte e cinco, bebê.

— Eu amo vocês — Vicente boceja, se aconchegando mais e passando a coberta pelo corpo de Anna.

— Nós também te amamos, João — ela repete o ato, apoiando uma das pernas no corpo de Malu.

Quando abro os olhos, a primeira coisa que vejo são seus cabelos espalhados pelo meu travesseiro. Meu braço direito está dormente, porque as duas resolveram fazê-lo de travesseiro durante a noite.

A porta se abre e Vicente aparece vestindo uma calça que tenho quase certeza ser minha.

— Léo, levanta — ele fala baixo quando percebe que estou acordado. — Tô fazendo café.

Com cuidado, deixo as duas dormindo na minha cama e vou ao banheiro aliviar minha bexiga. Escovo os dentes e saio do quarto, abraço Vicente mesmo que ele seja resistente ao ato, e o ajudo com o café enquanto conversamos sobre amenidades.

Observo as duas passarem pela soleira. É impossível não lembrar de como Malu ficou após a ligação e meu peito se aperta. Precisa ser muito filho da puta para magoar alguém tão boa como a Estrelinha.

Penso no babaca do Pedro e me sinto inquieto, não quero nem falar tipo de coisa que faria se tivesse oportunidade. Quanto a Fernanda, não posso fazer nada mas não tem ideia do tipo de coisa que a Anna seria capaz de fazer a ela se um de nós deixasse.

Acordo dos meus pensamentos quando Vicente diz que vai se arrumar para o trabalho. Esf rego os olhos, já nervoso só de imaginar ir à empresa e passar o dia inteiro analisando e assinando relatórios que não me interessam nem um pouco.

Um dia eu vou comandar aquele lugar, como meu pai gosta de lembrar sempre, mas não me sinto nem um pouco ansioso por isso. Não é como se eu não quisesse dar continuidade aos negócios da f amí lia, eu quero.

A I nterestelar é a minha vida e cresci pelos corredores da empresa, tendo acesso aos mais diversos livros e ideias, f iz amizades com todos os f uncionários e já gerenciei lançamentos que até hoje nem acredito que f iz parte.

Mas queria f azer parte da empresa de outra f orma. Uma que tenho muito receio em contar para alguém além de Vicente e Anna — que f oi enxerida e descobriu por acaso.

Quero viver um pouco antes de ser resumido a herdeiro e ganhar mais dinheiro do que sou capaz de gastar.

Eu posso simplesmente sentar e f ingir que trabalho ou dizer ao meu velho que não quero mais trabalhar para ele — mesmo sabendo que ele provavelmente teria uma sí ncope se o f izesse.

Então o que me resta é tentar conciliar os dois trabalhos e arrumar um jeito de mostrar para o meu pai o que tenho vontade de f azer

Capítulo 03

ela é bem resolvida, não quer chamar atenção
mas nem precisa disso pra ganhar meu coração
é algum poder bizarro que ela tem
eu só sinto isso com ela, nunca senti com ninguém, não

Meu Modo - *J oão Napoli*

Leonardo

Estalo os dedos, nervoso enquanto observo Vicente decif rar uma f orma ef iciente de abrir o embrulho que chegou a algum tempo de um remetente que nos surpreendeu muito.

Chegamos do trabalho há um tempo, mas por f alta do que f azęr viemos verif icar a correspondência das nossas vizinhas e encontramos algo endereçado a nós dois.

— Vai acabar estragando *sei-lá-o-quê* que está aí dentro.

— Estou curioso — ele diz e eu sinto vontade de rir. Vicente é a pessoa mais f of oqueira que eu conheço.

Quem o vê pessoalmente com sua carranca, acha que é alguém sério e recuado. Mas, na verdade, você só precisa dar um pouco de abertura e abrir uma cerveja e em menos de cinco minutos ele está por aí , dançando Beyoncé, te dando conselhos e opinião sobre tudo e todas as coisas que vê.

Encaramos o que parecem ser convites dentro da caixa. Ele estende pra mim e eu abro o papel dobrado.

"Eu sei que est ão chat eados comigo por t er agido daquele jeit o. Sei t ambém que quando verem meu nome no remet ent e podem jogar diret o no lixo mas eu só peço que, por f avor… me escut em. Est ou t ent ando ent rar em cont at o a meses, preciso que me ouçam. Me caso e alguns meses e não quero começar uma nova vida sem vocês. Mas, se por algum acaso, não aparecerem, eu vou ent ender Só quero que ret ornem as minhas ligações, nem que seja para me xingar

E, se f or a últ ima vez que t enho a chance de dizer isso a vocês… ainda amo cada um como amava há quinze anos.

Bruno A."

Leio mais uma vez e me jogo no sof á. Sem saber o que f alar ou como agir depois dessa.

— Você vai?

— Não — responde seco.

— Vicente…

— Não, Léo. Não começa. Foi o Bruno quem escolheu isso tudo, ele que aguente as consequências sozinho. Do mesmo jeito que deixou todos nós.

— Não quer nem ouvir o cara?

— Me surpreenderia se você quisesse — comenta, buf ando.

— Não quero, mas você sabe…

— Se a Malu f oꝛ você vai.

— Não posso deixar ela ir sozinha.

— Tá certo, vou ver o que posso f azer para a Anna não se sentir mal.

— Não chegou um pra Anna? — pergunto, desconf iado e ele nega. — Porra!

— Tá vendo? Ele não é mais o mesmo — resmunga, com um bico enorme. — E ainda tem a audácia de dizer que nos ama. Filho da puta.

Realmente. Bruno já não é mais o mesmo há tempos. Ainda estou meio surpreso com essa notí cia do casamento. Ele passou a vida inteira dizendo que isso nunca estava em seus planos e agora, de repente, vai casar em menos de dois meses e aquele traste do irmão dele ainda vai ser o padrinho.

— À s vezes, pref iro f ingir que ele nunca existiu — ele resmunga.

Nego com a cabeça e dou um gole no suco de laranja, a única bebida decente que tem na geladeira das meninas.

Sei que por trás de todas as brincadeiras e birras existe alguém triste e ressentido. No f undo, ainda sente f alta do que perdeu. Não adianta tentar desmentir, todo mundo tem um lado que deseja esconder.

Quando se mudou para o meu apê, ainda estava com *ela*. A dona de todas as suas promessas não cumpridas. Eram lindos juntos. Um completava o outro, tinham os mesmos gostos, costumes e manias bestas. Chegava a ser irritante.

Apesar do que diz, sei que nunca a esqueceu. Não é à toa que ele vive pulando de relacionamento em relacionamento, procurando tapar uma f erida aberta, como se de alguma f orma, mudasse em algo.

Vontade de dizer que isso não adianta é o que não me f alta, mas ele se recusa a ouvir sobre ou simplesmente tocar no nome dela. É complicado explicar para alguém tão teimoso que não se cura um amor com outro.

O amor, independente de qual tipo seja, é aprendizado. E isso não dá pra esquecer, substituir ou ignorar.

J á f iz isso, tentar me enganar e tentar esquecer só serviu para me mostrar que tudo que sinto por Maria L uí za não é uma simples paixão adolescente, não é uma brincadeirinha de criança.

Ele sabe disso. Pode ser teimoso e por vezes, até orgulhoso demais para admitir que está errado, mas sabe que o que tanto quero explicá-lo é verdade. Minha parte, eu f aço, mas apenas ele pode se ajudar.

— Tô preocupado com a Estrelinha — Vicente muda de assunto, olhando para o nada. — Se ela f or pra esse casamento… não gosto nem de pensar naquelas duas perto dela de novo.

— Nem f ala, cara.

Obviamente, eu não seria o único a f icar em alerta com o comportamento da Malu após a ligação da irmã.

Quero ligar para meu pai e pedir para que impeça ela de ir até lá, mas sei que se f izer isso, Malu f icará chateada. Ele tem um f raco por ela e não vai conseguir manter a lí ngua quieta dentro da boca, certamente ligaria para Malu no segundo seguinte.

Maria L uí za tem dessas de andar por aí com um sorriso na cara e sempre parecer f eliz, mas esquece que seus olhos sempre f oram expressivos demais.

Esquece que eu a conheço demais.

Conheço todos os seus sinais, mesmo que não perceba isso. Assim que bati os olhos nela quando chegou com a mudança, há dois anos, eu soube que tinha algo errado. Não precisava de muito para perceber que estava triste.

E, mesmo que na época eu tivesse insistido para que me contasse o que aconteceu, ela respondia algo irreal, como "estar adulta demais para morar com o pai" ou que "Tatiana estava muito insuportável".

Bem, a última desculpa não é bem uma mentira.

Mas então, quando ela f inalmente parece estar se reerguendo, uma ligação estraga tudo.

Hoje de manhã, por exemplo, o bom dia f oi desanimado, não teve nenhuma piada sem graça no elevador e nem Vicente apanhando por alguma gracinha.

Coisas simples, eu sei. Mas todos nós percebemos que isso mexeu com ela. Mais até do que ver o Palmeiras perder um jogo importante — isso porque o time é o amor de sua vida.

— Será que ela ainda gosta do Pedro? — meu amigo volta a f alar

— Você acha? — pergunto, desconf ortável com esse assunto.

— À s vezes, sim — torço a boca, tentando controlar o ciúmes que borbulha dentro de mim.

Odeio pensar na pequena possibilidade que existe de que isso possa ser verdade. Pref iro acreditar que isso seja impossí vel.

Sinceramente? Não sei o que ela viu naquele cara, ele parece o salsinha do *Scooby-Doo*, só que não é engraçado. Nem esperto.

Quant o mau gost o, Maria L uí za.

Eu sou muito mais bonito e gostoso que ele.

Conheço o Pedro, sei que ele nunca f oi f lor que se cheire. Crescemos juntos, af inal.

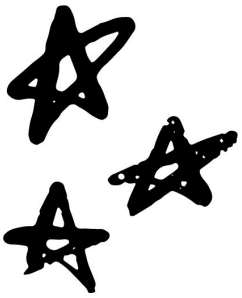
Soube do — *quase* — casamento deles há dois anos, mas recusei o convite quando me procurou. Nunca apoiei aquele relacionamento e deixei isso bem claro desde o princí pio, mesmo assim ela pref eriu continuar com aquilo.

Tem dias que me arrependo dessa decisão. Eu deveria ter a apoiado independente da minha opinião ou sentimentos.

Suspiro f undo, tentando espantar essas lembranças.

É passado, L eonardo.

Sem o que f azer, abro a carteira e olho para a f oto que guardo de nós dois juntos, na adolescência. Ela me encara de uma f orma muito bonita. Todas as vezes que vejo essa imagem, meu coração acelera. Queria que me olhasse assim para sempre.



Um barulho no corredor f az Vicente se assustar. Ele é rápido em esconder os convites e f ingir estar entretido com qualquer coisa em seu celular quando Anna e Malu entram em casa. As chaves são jogadas no aparador e os sapatos vão parar no canto atrás da porta.

— A cópia da chave é para emergências — Anna resmunga, se jogando em um dos sof ás, resmungando sobre f inalmente estar em casa. Malu vem logo atrás, toda séria e com o rostinho exausto.

— Comida é uma emergência — levanto o copo de suco e os salgadinhos que roubamos.

— Precisamos f azer compras, urgente — Malu buf a.

As olheiras cobertas pela maquiagem f raca, f icam visí veis para mim quando coloca a bolsa e o jaleco na mesa de centro e se joga no sof á, deitando a cabeça no meu colo. Depois, me encara com esses olhos de cachorro que caiu do caminhão de mudanças e abre a boca em um pedido silencioso pelo salgadinho de queijo em minha mão.

— O que estão f azendo aqui? — pergunta após engolir o salgadinho e abrir a boca novamente.

Meu subconsciente não consegue negar nada para esses olhinhos pidões e a desgraçada sabe disso, porque ri baixinho todas as vezes que f aço o que quer

— Conf erindo a correspondência e tentando decidir qual o bar que iremos hoje — repreendo Vicente com o olhar, mas ele apenas dá de ombros, me ignorando.

— Nós bebemos ontem.

— É meu aniversário! — rebate o que Anna diz.

— Vamos em algum que dê pra voltar andando então — Malu decide, abrindo a boca novamente.

Olho para Vicente mas ele já está com a cara enf iada no celular, um vinco nas sobrancelhas e a expressão de quem não gosta do que vê.

Resolvo não perguntar nada agora. Até porque, quando se perde nas nossas conversas, é sinal de que envolve Amanda, sua namorada —

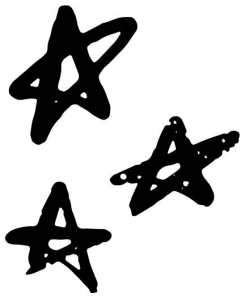
ou quase isso.

Anna e Malu detestam a garota, que apelidaram gentilmente, pelas costas do nosso amigo, de "cabelo de salsicha".

Ele não sabe disso, mas também não vou com a cara dela. Apenas a suporto e tento não a deixar desconf ortável porque ele parece se importar com ela. Mas Amanda é chata e superf icial, além de, é claro, ser muito escandalosa. I sso ou o gostosão do outro lado da sala é adepto ao BDSM.

Não entendo o que vê nela, mas quem sou eu pra julgar, não é mesmo?

Coloco o último punhado de salgadinho na boca de Malu, antes das duas sumirem apartamento adentro para começar a se arrumar.



— Eu nunca f iz a três — é o que Anna dispara assim que a garraf a chega na metade e a brincadeira ganha um rumo mais pesado.

Vicente sorri de canto antes de beber e f azer um toque comigo. Rio da sua espontaneidade e as duas me encaram. Ele provavelmente é o que mais está bêbado de nós quatro.

— Se eu gostasse de novinho… — Anna diz após engolir sua dose, provocando Vicente que mostra o dedo para ela.

— São só seis anos — resmunga, contrariado.

— Seis e meio.

— Porque ninguém me chamou para participar? — Malu pergunta, encostando a cabeça no meu ombro e f azendo um biquinho. Arqueio as sobrancelhas.

— Você não gostaria de saber com quem f oi — Anna diz, risonha.

— E o Leonardo nunca dividiria você, amorzinho — ele se inclina sobre a mesa, exalando baf o de vodca e aperta suas bochechas. Ela f ica sem graça e eu chuto a canela do babaca, o f azendo urrar— Para com isso, f oi só uma brincadeira — Vicente quase grita, virando outra dose sem motivo algum. — Eu nunca f ingi um orgasmo.

Apenas Malu bebe e todos nós a encaramos.

— Ele não sabia usar o brinquedo dele, eu estava começando a f icar entediada — explica encolhendo os ombros e f az sinal para prosseguirmos.

Tento puxar na mente alguma lembrança dessa história e me pergunto qual dos caras com os quais já f oi para a cama, ela se ref ere, mas nenhum me vêm à cabeça.

— Eu tenho mais uma! — Vicente começa sem disf arçar o subir e descer das sobrancelhas. — Eu nunca tive um *crush* em alguém dessa mesa.

Um momento de hesitação acontece antes de todos beberem.

Automaticamente, toda nossa atenção vai para Malu, mas vermelha que qualquer coisa que já vi na vida.

Vicente, provavelmente, já se sentiu atraí do pelas duas. E Anna pelo Vicente. E eu pela Malu.

A pergunta está explí cita em nossos rostos.*Quem*.

Que seja por mim. Que seja por mim.

— Vamos continuar? — ela bate o copo na mesa repetidamente, desvia o olhar mas continuamos encarando-a.

É quando meu telef one toca pela quadragésima vez essa noite. "Pai" pisca na tela e mais uma vez ignoro.

— Atende isso, Léo — minha prima manda.

Reviro os olhos e estico a mão para recusar, mas acidentalmente, acabo atendendo.

Desesperado, empurro para Anna, que empurra para Vicente, que empurra para Malu.

Af undo na cadeira quando ela pega o aparelho antes que eu possa impedir. Estrelinha bêbada é um problema.

Normalmente, eu atenderia. O escutaria f alar sobre a empresa e as minhas responsabilidades, concordaria mesmo que não me agradasse e me despediria.

Meu pai não é tão chato quanto descrevo, eu conf esso. Ele sempre f oi atencioso e amoroso, principalmente comigo, que f ui criado por ele desde que nasci. A empresa está passando por uma f usão, então ele só f ala sobre isso, o que me irrita.

O problema é onde estou.

Além de ouvir sobre negócios, ainda encararia uma palestra sobre consumo de bebidas alcoólicas.

Não é como se ele não tivesse razão. Sei que tem. Eu só quero que conf ie em mim o suf iciente para saber que não vou cometer os mesmos erros *dela.*

— Alô… Ah, oi, padrinho. Tudo bem?... que bom, eu também… estamos em um bar perto de casa, comemorando o aniversário do João, mas não se preocupa que eu tô cuidando de todo mundo… o Léo? — ela me encara e eu aceno que não, esperando que entenda e invente algo para que eu não precise atender. — Foi no banheiro, o senhor quer deixar recado?... hum, certo… — Malu ri de algo que ele diz do outro lado. — Tudo bem, se cuida… Manda um beijo pra ela, tchau.

Conserto a postura depois do "tchau". É só isso? Ele não deu um show? Não vai falar durante horas? Nem mesmo esperar eu "chegar" do banheiro?

A ligação mal durou dois minutos e ela não tirou o sorriso do rosto. A filha da puta até riu.

Nós três continuamos a encará-la, que intercala o olhar entre nós parecendo confusa.

Vicente e Anna, do outro lado da mesa, que conhecem como tem andado o meu relacionamento com meu pai nos últimos tempos, estão embasbacados.

— Diz que você pensou no mesmo que eu — Vicente diz para ninguém em especial.

— O plano perfeito.

— Dois coelhos numa cajadada só.

— Do que estão falando? — Malu pergunta quando os dois começam a conversar em códigos.

— De vocês dois fingirem ser namorados.

Capitulo 04

seu perf ume tem um cheiro de problema
você é conf usão, é conf usão
mas não tem problema
porque eu sou a solução

confusão - *Melim*

Maria Luiza

Aos 16 anos

— Quando podemos começar a f azer o t rabalho? — Pedro pergunt a sent ado ao meu lado na mesa. F echo o caderno e guardo na mochila, já apressada.

— Vou ver e t e aviso.

— Tá bom, vê se não esquece dessa vez. Da últ ima, f izemos quase no dia da ent rega e perdemos pont o porque você f ez de mau jeit o — reviro os olhos quando t ermina de f alar

Eu at é gost o do Pedro. Mas, às vezes, ele é muit o babaca. Odeio o jeit o que ele f ala comigo, como se eu est ivesse sempre para t rás em t udo que f aço.

Ele volt a a f alar enquant o guardo meus mat eriais e eu apenas assint o, sem realment e prest ar at enção em algo.

— … Tchau, L ê. Obrigado pelas dicas, mas acho que não vou precisar — a voz de L eonardo me chama at enção.

Ele se despede de L et í cia, em f rent e a minha sala. Não gost o dos dois junt os, mas at é que ela é legal. Seu pai é padrinho de L una e o irmão dela, Nat han, já est udou comigo.

A loira acena para mim quando percebe que est ou olhando, aceno de volt a e ela se despede dele com um abraço.

Um moviment o de cabeça é como L eonardo cumpriment a Pedro, com uma cara nada boa ao meu lado. L éo abre um sorriso quando olha pra mim e sent a na minha cart eira.

Ele se inclina e beija minha bochecha.

— Tudo pront o — sussurra no meu ouvido, f azendo cosquinhas na minha pele.

— Tem cert eza? — pergunt o baixinho, insegura.

— Vai dar pra t rás agora?

— Não f oi o que eu disse — rebat o, chat eada. L éo apert a minhas bochechas aument ando meu bico.

— L inda. Vamos logo — levant a, espera que eu f aça o mesmo, segura meus ombros e sussurra: — Se despede desse boboca ant es que vire est át ua.

— Tchau, Pedro — me despeço em meio a tropeços, já que o apressadinho já está me puxando para fora. — Eu marco o dia do trabalho — ele acena e eu belisco a costela de Leonardo, que nem se mexe. — Custava esperar eu me despedir do garoto?

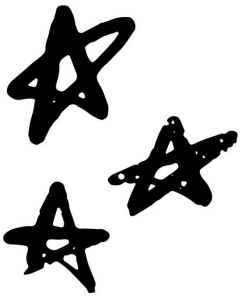
— Custava senso. Você vai fazer trabalho sozinha com ele?

— O que é que tem?

— É perigoso — começa. — Ele é um menino. E menino só pensa em…

— Não começa, Leonardo. E não finge que não pensa no mesmo.

Um sorriso toma conta do seu rosto e ele olha pra mim. Nem tem coragem de desmentir



— De vocês dois fingirem ser namorados.

Leonardo e eu caímos na gargalhada assim que a frase mais aleatória e ridícula do mundo sai da boca de Anna.

Que minha amiga é louca? Disso eu sempre soube. Mas que ia dar uma ideia dessas, me surpreende totalmente.

Respiro fundo tentando voltar ao normal, mas recomeço a rir quando Leonardo vira uma dose de tequila e engasga.

— Anna, amiga, acho que você tá lendo muita *f anf ic* — digo entre risos, ao mesmo tempo que estapeio às costas de Leonardo, igualmente risonho e vermelho.

— Pensa, Léo — Vicente começa, como se o outro f osse uma criança. — É sua chance de arrumar tempo pra f inalizar o *projet o* sem o padrinho na cola — Leonardo para de rir na mesma hora. Ele aponta para mim. — E a senhorita não vai sozinha para aquele covil. Tem que mostrar que seguiu em f rente.

Encaro Leonardo com um *não* bem grande estampado na minha testa. Sem chances. Não mesmo.

— Não diz que tá pensando nisso.

— Talvez… — responde, mordendo os lábios.

— Não.

— Mas, Malu… — Anna tenta.

— Sem chances, meu padrinho não vai cair nessa.

— Claro que o *nosso padrinho* — Vicente dá ênf ase. Ciumento. — Vai cair nessa. Vocês nem precisam f ingir muito, já são quase um casal só que sem beijos. E sem sexo, eu espero — Leonardo chuta ele por debaixo da cadeira e eu rio.

I sso não é verdade.

— Vai, Malu… — Anna implora.

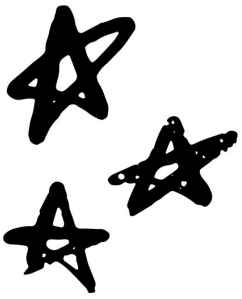
— Não dá.

Posso ver seu olhar de decepção do Léo quando dou minha resposta f inal e isso mexe comigo. Odeio vê-lo triste, mas não quero ter que mentir para ninguém. Não mais.

Anna e Vicente começam a discutir por nada em especial e Leonardo chega mais perto, rodeando meu corpo com o braço. Sua mão se encaixa na minha cintura, por debaixo da blusa me arrepiando inteirinha.

— Promete que vai pensar — pede, com o queixo apoiado no meu ombro e a barba tocando meu pescoço.

Assinto, incapaz de pronunciar qualquer palavra quando está tão perto.



Dois meses depois...

Se eu disser que não pensei naquela proposta maluca, estarei mentindo. Penso nisso todos os dias, desde que me dei conta de que poderia funcionar

Mal posso acreditar que o Léo também pensou que isso traria benefícios de alguma forma para ele.

Me senti excluída da por não saber sobre o tal projeto que Vicente citou, mas preferi não me meter Se não me contaram, é porque não é da minha conta.

Constantemente me questiono porque não aceitei a proposta na hora. Não que eu ache que preciso aparecer lá com um homem para provar que segui minha vida ou que estou melhor assim. Mas a ideia de aparecer acompanhada não me parece ser tão ruim assim.

Depois que Gabriel morreu, tudo pareceu perder a cor. Eu só tive os meus amigos ao meu lado, já que a f amí lia estava lidando com os traumas que Fernanda desenvolveu depois do acontecido.

Foi quando as piadinhas e especulações de que éramos um casal aumentaram. Viví amos sempre juntos, eu praticamente morava em sua casa e nos seguí amos para todos os lugares. Em um dado momento, eu também cheguei a conf undir nossa amizade.

Mas também, né?! Quem não conf unde? O cara é um deus grego, é gentil e respeita os limites. Ele lê romance e, *pasme*, não age como um babaca por conta disso. É um perf eito *gent leman*. E ainda me trata como uma princesa, me dá até comida na boca quando estou doente e me deixa f alar sobre tudo sem me interromper ou diminuir.

Foi então que veio o Pedro. *A maior burrada da minha vida.* Me envolvi em um relacionamento muito cedo, aos dezenove, não muito tempo depois do Léo se mudar para o outro lado da cidade e estarmos af astados. Nunca perdemos o contato, mas não tinha porque negar que aquilo abalou nosso relacionamento. Conf esso que em partes, estava carente e por isso f ui burra ao ponto de quase me casar.

Rio sozinha só de imaginar a cara de Fernanda e Tatiana se nós dois aparecermos juntos, já que sempre f oram as únicas que nunca colocaram f é de que nós dois éramos uma possibilidade. Se elas soubessem…

Os dois grandalhões, jogados na minha cama, parecem se interessar pelo motivo do meu riso, já que me olham atentos, esperando eu me arrumar para irmos para a casa do meu padrinho, virar o ano e encher a cara, relembrando os tempos antigos.

— O que f oi, Estrelinha? Tá no mundo da lua? — Vicente debocha do meu apelido, ganhando uma cotovelada do Leonardo.

— Nada, estava só pensando em um negócio.

— Hum… E esse negócio, por acaso, envolve você de mãos dadas em um casamento com um cara bonitão, todo bombado, cheiroso, de olhos azuis piscina e todo tatuado que atende por Leonardo D'Ávilla?

Me viro bruscamente com as sobrancelhas arqueadas, ouvindo o riso dos dois. Vicente sabe bem como ser inconveniente quando quer.

Tenho pena da próxima namorada do Léo, do jeito que o Vicente é intrometido, a coitadinha nunca mais vai ter paz com tanta puxação de saco que existe entre esses dois.

— Já experimentou ir tomar no cu hoje, João Vicente?

— Olha como ela me trata! — aponta para mim. — Faça alguma coisa, Leonardo.

— Para de falar assim com o nosso *bebezão*, sua megera! — Leonardo me repreende e eu reviro os olhos.

Têm cinco anos, não é possível.

— Malu, me empresta sua chapinha? — Anna entra no quarto vestida com um roupão, arrastando uma cadeira pelo assoalho.

Garfield e Salém aproveitam o descuido para entrar também, tomando conta da minha janela e do peitoral de Vicente.

— Você nem se vestiu — Leonardo choraminga.

— Desse jeito só vamos chegar lá ano que vem — Vicente brinca, rindo da própria piada. É o *tio do pavê* do grupo.

— Segunda gaveta do guarda-roupa — aponto, ignorando os dois. Anna se senta ao meu lado, brigando por espaço no espelho.

— Você tá cheio dessas piadas sem graças pra contar, não é? — ela pergunta, vendo-o afirmar com um sorrisinho de quem vai nos perturbar muito essa noite.

Não demora até que meu telef one comece a tocar. *Fernanda.*

Desde aquele dia, ela não me retornou novamente. Mandou uma ou duas mensagens durante esses quase três meses dizendo que assim que resolvesse as últimas pendências, entraria em contato.

Paro o que f azia no cabelo, indecisa entre atender ou não. Passei um bom tempo pensando numa desculpa boa o suf iciente para não precisar ir. Mas a real é que não importa o que eu diga, elas nunca acreditariam, sempre será por causa do Pedro.

— Atende — Anna diz. — Estamos aqui com você.

— *Oi, mana* — ouço sua voz agitada do outro lado e mesmo sabendo que posso me comprometer com o ato, coloco no viva-voz, vendo Leonardo e Vicente se sentarem na ponta da cama para ouvir melhor.

— Oi, Fernanda.

— *Tô ligando pra saber se você poderia vir, sei lá… uma semana ant es? Quero que me ajude a escolher o vest ido, já que você t em experiência com isso* — despeja.

Fico sem palavras. Queria poder dizer que essa alf inetada f oi sem querer, inconsciente, mas não seria verdade. Assim como sua mãe, ela sabe desestabilizar alguém sem muitos argumentos.

Não levanto a cabeça. Não quero encontrar pena nos olhos dos três, então apenas encaro o celular, vermelha e sem graça.

— Tudo bem, para quando é?

— *Preciso de você aqui no dia dezoit o… Ah, espera…* — ela diz quando a chamam no f undo, logo a voz de Tatiana é ouvida.

— *Você vem sozinha ou vai t razer alguma amiga, Maria Luí za?*

Cansada, suspiro.

Sempre odiei o tom de voz que usa para f alar comigo ou se ref erir a mim. Como se f osse minha dona ou como se de alguma f orma f osse superior a mim, apenas por exercer o papel de mulher do meu pai. A raiva, novamente se acumulando, também não me ajuda a pensar melhor.

Queria poder levar os três e esf regar na cara delas que f amí lia nãc tem nada haver com DNA. Porque é aqui, com os três ao meu lado, que sei que não estou sozinha.

— Eu não vou sozinha… — f ito Leonardo através do espelho, em uma pergunta muda se tem certeza onde está se metendo.

Ele assente e levanta, pairando atrás de mim. Me sinto um pouquinho melhor com o beijo demorado que ele deixa no topo da minha cabeça.

— *E vem com quem? Preciso preparar t udo.*

— Eu vou com ela — Léo responde antes de mim. Mordo os lábios, prendendo um sorriso.

— *E você é…?*

— Leonardo D' Ávilla,*Tat i*— sua voz é carregada de deboche. — O namorado da Maria Luí za.

Capítulo 05

é um vaso de cristal com f lores mortas
um drink f orte numa boate qualquer
sua vontade incontrolável lhe f echa e abre portas
ela chega e sai a hora que ela quer

L i nda, l ouca e mi mada *- Orient e*

Leornado

Sempre odiei o silêncio.

Cresci em uma casa barulhenta, daquelas que o pai acorda às cinco da manhã para assistir programa de caminhoneiro no volume mais alto, só pelo gostinho de acordar todo mundo.

Minha irmã também não f icava para trás. Ela tinha medo de dormir sozinha e sobrava para mim dividir a cama e ela sempre se mexia muito durante o sono, f ora que não conseguia dormir no escuro.

Maria L uí za, Anna, Gabriel, Bruno e V icente costumavam passar a noite em alguns dias que a brincadeira durava um dia inteiro. L una se

intrometia e meu pai passava a noite acordado tentando controlar tanta gente junta.

Ele colocava milhares de colchões na sala, mas dormí amos todos agarrados depois de assistir algum f ilme de terror qualquer e sempre tentávamos separar as brigas bobas de Malu e Bruno durante a madrugada.

Mesmo que depois dos meus dezessete, quando Gabriel já não estava mais conosco, o grupo já não era o mesmo e era apenas eu na maior parte do tempo, a bagunça f icava marcada para os f ins de semana quando L una vinha nos visitar.

O silêncio externo, provoca a bagunça interna. E isso era reservado para os dias que eu passava com a minha mãe.

Acho que por esse mesmo motivo, não quis morar sozinho e na primeira oportunidade, chamei Anna para vir comigo — sendo abandonado um tempo depois, quando ela se mudou para o apê da Malu.

Então Vicente f oi despejado do antigo imóvel e convidado a passar alguns dias comigo enquanto não arrumava um lugar bom para f icar — o que ele, obviamente, entendeu como um pedido de casamento, já que sequer procurou um novo lugar depois disso.

Assim como Malu, ele também é af ilhado do meu pai, sua mãe, Dandara, é amiga dele e uma das únicas autoras nacionais da editora. *O que mudará em breve*, se meu projeto de dar mais atenção a esse público der certo.

Depois do Vicente, veio a Malu. E ela só precisa de duas garraf as de cerveja para animar todo mundo. Quando ela, Vicente e L una estão juntos, o apartamento f ica pequeno. Parecem até crianças.

Então, no geral, nosso andar vira um trio de carnaval aos f ins de semana. O que é bom… quer dizer, não para os outros vizinhos. Eles devem nos odiar.

Sou grato por cada uma dessas pessoas. Faria qualquer coisa por todos elas.

É por isso que concordei com essa ideia que mais parece ter saí do de uma *f anf ic* do Harry Styles.

Porque odeio vê-la triste, ainda mais sozinha. Ela esteve comigo nas minhas piores f ases, nada mais justo do que retribuir agora, não?

Eu a amo e f aço qualquer coisa que esteja ao meu alcance só para ver seu sorriso, mesmo que isso signif ique me torturar um pouco mais.

Ganhar tempo para meu projeto se tornar real sem que meu pai saiba antes do previsto, é um bônus. A cereja do bolo é ver a f elicidade iluminando as estrelinhas do seu rosto.

Ainda estou indeciso sobre levar o projeto para f rente. Não sei se estou indo pelo caminho certo, mas Anna e Vicente estão conf iantes e eu conf io na opinião e na f é que tem por mim para simplesmente decepcioná-los desistindo antes de tentar.

Malu não sabe do que se trata e por enquanto pref iro que seja assim. Apesar de saber que é algo que já conversamos antes, ela pode se empolgar demais ou não dar a mí nima, então pref iro postergar isso até que seja inevitável esconder ou que descubra por acaso.

Acabamos passando a noite na casa do meu pai. Quando o ano virou e nós já tí nhamos devorado toda a comida da casa enquanto Vicente contava suas piores piadas sobre o ano que se passou, dormimos todos abraçados e encolhidos na minha cama. Luna f ez uma chamada de ví deo durante a virada e todos nós choramos com o discurso que f ez do outro lado da tela. Ela sabe ser f of a e delicada quando quer.

Bateu até uma saudade da minha *pit ica*

À tarde, seu Enrico já não estava mais nos suportando, então, gentilmente, nos colocou pra f ora de sua casa, pegou sua mala e f oi viajar a trabalho. Mas eu, como um bom conhecedor do velho, presumo que esse trabalho seja uma mulher.

Só espero que preste dessa vez.

Vicente come toda a comida que sobrou com a desculpa de que só se vive uma vez e passamos mais um dia nos empanturrando de besteira.

O primeiro dia do ano f oi tão cansativo que nem me visto antes de me jogar na cama, ainda molhado do banho recente. Faz tanto tempo que não f aço isso, que já nem lembro qual a sensação.

É boa. Muito boa. Não tanto quanto dormir com a minha Estrelinha, mas dá para o gasto.

— Léo, tá pelado? — f alando na diaba…

— Não — respondo, mas ela abre a porta antes que eu possa me cobrir direito.

Malu veste uma das minhas camisetas antigas, que provavelmente roubou do varal depois que lavei. Já a vi algumas vezes com essa, mas nunca pedi de volta porque f ica muito mais bonita nela. O par de meias, uma de cada cor, se estende até um pouco abaixo dos joelhos e é impossí vel ver a barra dos shorts.

— Mentiroso — acusa e eu arqueio as sobrancelhas, conf uso. — Ainda consigo ver sua bunda.

— Por que tá olhando pra minha bunda? — digo e Malu senta na cama com as costas na cabeceira.

— É bonitinha.

— A sua é mais — brinco, ela ri e me belisca. — O que f oi? Sua cama deu f ormiga?

— Não é isso… quer dizer, também, mas… — suspira. — Tem certeza disso? Ainda dá tempo de voltar atrás, não precisa ir. Sabe como eles são.

Solto o ar pelo nariz, meio rindo, meio buf ando. Me arrasto até ela, deitando em suas coxas e abraçando sua cintura, recebendo um caf uné gostoso em troca.

F aço qualquer coisa para nunca mais t e ver chorar, Est relinha.

— Pensa pelo lado bom — solto um gemido de aprovação quando sua mão começa a passear pelas minhas costas. — Pelo menos a gente vai se pegar. Cinco minutinhos sem perder a amizade.

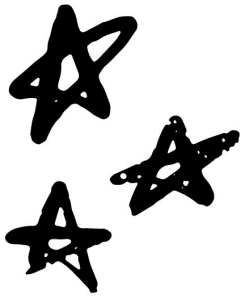
Espremo os olhos e espero pelo tapa. Mas, ao invés disso, ouço seu riso.

A porra do som mais f of o do mundo.

— Você só pensa nisso — resmunga. — Sabe que você é muito importante para mim, não sabe?

Concordo, sonolento. Puxo-a um pouco mais para baixo, aconchegando a cabeça em sua barriga buscando por mais contato.

Realment e, L eonardo. Amarrado pelas bolas.



Entre odiar o silêncio e ser acordado aos berros, existe uma linha muito, *muit o*tênue.

Meu colchão balança, f azendo a cabeceira ranger f orte contra a parede. *Não é da f orma que eu gost aria.*

Minha cabeça lateja e a primeira coisa que f aço ao recobrar a consciência, é segurar seu pé, f azendo-a cair ao meu lado, xingando.

— Para com isso, Maria L uí za — resmungo ainda de olhos f echados, tentando puxá-la para mim, para quem sabe, receber mais um carinho antes de ter que levantar.

A coberta está tão quentinha, qual a necessidade de f azer esse barulho tão irritante?

— Sou bonita mas não tanto — a voz doce me f az abrir os olhos no mesmo instante. Me sento na cama bruscamente, a puxando para um abraço apertado e a enchendo de beijos. L una é insuportável, mas f az muita f alta no meu dia-a-dia. Hoje, ela tem cheiro de saudade. — Ainda preciso respirar, lindinho. E você tá pelado, que nojo.

Por um tempo, eu realmente pref eri me manter distante dela. Em partes por inf luência da minha mãe, em partes pela arrogância e prepotência da mãe da minha pequena. Eu odiava o jeito que ela tratava a mim e a meus amigos e ela me odiava. Então, não f oi muito dif í cil unir tudo isso e af astar L una.

Ainda me sinto culpado por isso, af inal, ela não tinha culpa alguma. Por isso, hoje em dia tento estar por perto o máximo possí vel.

Para mim, ela sempre será minha garotinha.

Lembro de quando soube da sua chegada. Eu queria um menino, mas Luna nunca f az ou é o que esperam. Também me recordo de todas as vezes que chegava perto da barriga de Cinthia e ela simplesmente não conseguia f icar quieta.

Eu que escolhi seu nome. Gostava do universo por inf luência de Gabriel, então quando meu pai pediu opinião — a um garoto de onze anos, vale ressaltar — não hesitei antes de dizer o que já estava na ponta da lí ngua.

Lua, em espanhol.

— Tá bonita — elogio, passando a mão entre as trancinhas pretas. — Trocou de cor ontem?

— Sempre f ui — ela sorri, convencida. — Sim, gostou? — assinto. Todas as cores combinam com ela.

Luna é uma cópia de sua mãe. Baixinha e de pele negra, do meu pai ela só puxou a personalidade. Minha irmã gosta de ser o centro das atenções e ter holof otes apontados para si. Mas quem pode julgar? Ela é perf eita.

— Você nunca mais veio me ver — f aço um bico dramático.

— Para de f azer drama — me repreende. — Você sabe bem onde eu moro — ela aperta meu nariz e morde minha bochecha. Sempre agressiva.

— Não suporto aquela bruxa.

Luna f echa a cara e se levanta, seu humor muda em um piscar de olhos.

— Você, por acaso, vai me ver ou ver minha mãe, Leonardo? — os braços cruzados e os pés batendo f reneticamente no chão chegam a ser cômico.

— Mas já vamos começar a brigar? — bocejo, me jogando novamente na cama.

Ela xinga alto e sai do quarto batendo em tudo que encontra no caminho, destruindo meu apartamento. Rio sozinho e entro no banheiro me preparando para aguentar o f uracão Luna por um dia inteiro sem surtar ou querer enxotá-la da minha casa.

Saio do quarto alguns minutos depois vestindo uma calça moletom. O dia está quente, mas isso não impede o pequeno demônio de grudar em mim assim que vou até a cozinha preparar meu caf é, como se a pouco não estivesse vermelha de raiva.

— Cadê o pessoal? — sua voz sai abaf ada contra minhas costas.

— Não f aço ideia. Provavelmente dormindo. Quer caf é? — of ereço Luna nega.

A porta se abre, revelando Malu, com uma carinha cansada, como se tivesse passado a noite em claro. *Será que f oi minha culpa?*

Ainda vestida com a minha camiseta e com um sanduí che pulando de uma mão pra outra a f im de esf riá-lo mais rápido, entra no meu apê como se f osse a dona.

Luna, abraçada a mim, me solta só pra se jogar nela.

— Nunca mais veio me ver, Luna. Achei que já tinha me esquecido.

— Ah, f iquei sem tempo. Quis f azer uma surpresa — arqueio as sobrancelhas desacreditado do que ouço.

Vê? Maria Luí za só pode ser a porra de uma f eiticeira. Minha f amí lia inteirinha f ica de quatro por ela e esse par de olhos encantadores Parece piada perceber o quanto meu mundo gira em torno dela.

Me apoio na bancada que divide a sala e a cozinha enquanto as duas se jogam no sof á conversando e f ico ouvindo a conversa, sem vergonha alguma em admitir isso.

O que eu posso f azer? Sou curioso.

— Tenho uma novidade — é o que minha pequena diz depois de tanto mistério e conversa f iada.

— Fala logo.

— Perdi a virgindade.

Cuspo o caf é na mesma hora, começando a tossir desesperadamente, engasgado e com a lí ngua pegando f ogo.

Por Deus, acho mesmo que vou inf artar antes dos trinta. Ela perdeu… *o quê?* Acho que não estou ouvido direito.

Alguém me belisca, por f avor!

Acho que estou inf artando de verdade agora. I sso não pode ser verdade. Meu neném não é mais um neném? Quando isso aconteceu?

Deus, tenha piedade do meu pobre coração, eu peguei essa menina no colo há pouco tempo.

Meu pai tá sabendo disso? Preciso contar pra ele. Mas cadê meu celular? Acho que tô tremendo. Não sei o que f azer

— Me conta como f oi — a outra pede, animada.

— Você o quê? — quase grito de tão desesperado.

— Perdi a virgindade, Leonardo. Rompi meu hí men. Dei até não sentir as minhas pernas. Perdi o lacre. Transei — ela debocha da minha cara. — Quer ouvir os detalhes também?

Luna é a minha cruz, put a que me pariu.

— Não começa, Leonardo — Malu adverte, com o dedo em riste em minha direção e um olhar ameaçador antes que eu comece a f alar— Luna já tem dezoito, é adulta e vacinada. E isso não é da sua conta, seu f of oqueiro! Ela está contando para mim, você não tem nada que se intrometer.

Luna gargalha quando cruzo os braços irritado mas não f alo nada. Não vale a pena entrar em uma discussão com a Malu. Ela está sempre certa, até quando não está.

Vicente aparece com as calças arriadas — nos últimos meses, só tem f altado andar pelado —, roubando minha xí cara. Mas eu nem consigo brigar porque estou ocupado demais planejando a morte dos dois seres que nasceram para me inf ernizar, conversando sobre algo que eu, def initivamente, não queria saber tão cedo.

Fala sério! Est ão ignorando minha presença. É como se eu não est ivesse aqui

— O que tá acontecendo? — ele pergunta baixo. Aperto o ossinho do nariz, começando a f icar desesperado.

— Aquela diaba perdeu a virgindade.

— Demorou até demais — encaro ele, que levanta uma das mãos em rendição enquanto assopra e engole o caf é como se f osse água.

— Acho que vou desmaiar, cara.

— Não exagera, Léo. Uma hora ou outra ia acontecer — me consola e eu respiro f undo, me dando por vencido. — Tentando roubar a

cunhada logo cedo, Luninha? — Vicente acaba com o assunto, fazendo Malu arregalar os olhos.

— Não entendi.

— Não contou pra sua irmã que estava namorando? — se vira pra mim, com uma expressão falsa de espanto.

— Achei que a Estrelinha já tinha contado — sorrio torto, inocente.

Enquanto Luna me olha, tentando procurar algum resquício de brincadeira, Malu me mostra seu dedo do meio.

— Por que só estou sabendo disso agora? — por um momento, o silêncio recai na sala, esperando pela próxima reação da minha irmã. Malu coça a garganta, parecendo preocupada. — Foi por isso que me chamou de Maria Luíza quando te acordei? Ai, meu Deus! *Por isso estava pelado?* Que nojo!

Que garotinha mais sem vergonha.

— Não tá chateada? — Malu pergunta apreensiva.

Agora é um bom momento para contar que Luna e meu pai já planejaram até o nome dos nossos filhos?

— Por quê? Você é minha amiga, fico feliz que agora somos família.

Indo contra qualquer tipo de reação que imaginei, Malu abraça minha irmã, se jogando em cima dela. As duas riem antes de engatar em um assunto paralelo sobre minhas manias irritantes.

Mas as palavras que tornam meu pesadelo em realidade, não tardam a chegar:

— Vamos fazer compras juntas?

Não achei que a f icha de que isso realmente aconteceria em alguns dias, f osse cair tão rápido.

Quando Anna acorda, Vicente e eu somos arrastados à f orça para passarmos o dia de um lado para o outro carregando sacolas, eu só tenho uma certeza: *est ou f odido pra caralho.*

Porque se eu estiver certo, esse clichê tem dois caminhos: dois corações — *ainda mais* — quebrados ou um f inal f eliz.

E Deus sabe o quant o eu t orço pela últ ima opção.

Capítulo 06

ah, se tu pudesse ser o que sou
plateia indo embora
acabou o show
tu entenderia que sou
obra inacabada, talvez
uma apaixonada pela vã
melancolia que é ser eu

Eu - *Mariana Froes*

Maria Luiza

A primeira coisa que sinto quando abro os olhos, ouvindo o despertador nas alturas, são as pernas de Luna por cima de mim.

Não faço ideia de que horas fomos dormir ou quando seu irmão foi embora mas me sinto dolorida por ter sido feita de travesseiro durante a noite. Me desvencilho dela — que ainda está grudada em mim — e levanto, indo em direção ao banheiro.

A clí nica veterinária na qual trabalho está com f alta de prof issionai na área cirúrgica, o que signif ica que terei de trabalhar em dobro para dar conta de todas as cirurgias que f oram designadas a mim antes de tirar f olga para o casamento. Então, não posso me atrasar hoje.

Termino de vestir minha calça e procuro meu jaleco em meio a bagunça que está meu roupeiro. Balanço Luna para que acorde e quase recebo um soco no nariz. *Tão delicada*.

Nem sei porque ainda me surpreendo com a dif erença dos dois.

Leonardo é carente quando acorda. Ele abraça apertado e beija meu rosto várias vezes ainda caindo de sono, antes de realmente despertar. Já Luna, é a pessoa mais mal humorada que eu conheço durante a manhã.

— O que é? — resmunga emburrada e de olhos f echados.

— Se não quiser tomar caf é sozinha, é melhor levantar logo. Seu irmão sai em meia hora.

Mesmo trabalhando na empresa do pai, Leonardo é uma das pessoas mais dedicadas que conheço. Ele odeia se atrasar, é o primeiro a chegar e o último sair.

Luna levanta nada satisf eita indo em direção ao banheiro, pisando duro. Digo que já estou indo e saio sem ouvir sua resposta. Também bato na porta do quarto de Anna, para que não se atrase.

Entro no 203, que está com a porta destrancada, como sempre. Não vejo nenhum sinal dos dois, então encho minha xí cara de caf é e bato na porta do Leonardo, entrando em seguida.

— Você ainda tá de to… padrinho? — olho desesperada para Leonardo, ao ver seu pai, sentado na cama, com um olhar nada bom para mim.

— Senta aqui, mocinha. Vamos ter uma conversa — ele bate no colchão ao seu lado e eu vou, com as pernas tremendo, com medo de ser pega na mentira.

— Mas ele tá de toalha — f alo baixo apontando para Léo e tentando ganhar tempo.

Péssima escolha de palavras, Maria Luí za.

*Fala alguma coisa, Leonardo.*Tenho vontade de gritar para ele, que continua calado, como se isso acontecesse todos os dias.

— Ué! E não estão namorando? Aposto que já viu mais que isso.

Fico vermelha na hora.

Claro que já vi mais do que isso, mas ele não precisa saber.

— Passaram natal e ano novo comigo e não f alaram nada… — começa.

— A ideia f oi dele — acuso Leonardo, que logo se def ende.

— A gente não queria tornar isso um evento, pai.

— Mas é um evento! — meu padrinho retruca indignado. — Vocês f inalmente perceberam o que está óbvio para todos há mais de uma década.

Leonardo engole em seco e eu acompanho o movimento com os olhos.

Tombo a cabeça para o lado, distraí da, descendo o olhar pelo peitoral musculoso e barriga trincada. *Quem vai dizer que vive de f ast f oode caf é?*

Acompanho as gotí culas de água que morrem na amarra da toalha e a tatuagem em seu quadril, que mesmo não sendo a mais bonita, dá

vontade de ver de perto.

Paro no volume considerável através do tecido f elpudo e nem percebo que estão discutindo porque as imagens dele pelado preenchem minha cabeça.

Eu devo estar enlouquecendo por me sentir atraí da pelo meu melhor amigo. *Só pode ser isso.*

Leonardo é todo lindo, gostoso o suf iciente pra estampar uma capa de romance erótico, desses que só cruzar a perna não ajuda e… *ah, deu pra ent ender!*

Sua pele bronzeada contrasta bem com os cabelos castanhos e os olhos piscina, assim como seu corpo alto e musculoso. Perto dele eu sou uma tampinha, alcanço seu ombro.

Conheço o signif icado de todas as tatuagens, bem como todos os detalhes do seu rosto, os quais já memorizei.

O que me atrai no Leonardo não é sua aparência. Isso é só um bônus.

Sua paciência e seu carinho são as coisas que mais me chamam atenção.

A quem eu quero enganar, af inal? É o cara dos meus sonhos.

Agora estou me perguntando porque estamos perdendo tanto temp…

— *MARIA LUÍZA!* — saio do transe e olho assustada para meu padrinho. — Por Deus! Não sou obrigado a ver esse tipo de coisa. Você pode se vestir, meu amado f ilho? — Léo ri ao f icar de costas para nós e tirar a toalha, deixando a bunda branquela e durinha amostra. — NO BANHEIRO, LEONARDO!

Não o encaro enquanto segue para o cômodo, sem graça demais por ser pega secando — apesar de não estar arrependida.

— Tá chateado comigo? — pergunto depois que a porta se f echa.

Meu padrinho é uma das pessoas mais importantes da minha vida, só de imaginar que esteja minimamente chateado comigo, f az com que eu me sinta mal.

— Sempre apoiei você, f ilha. Torço para que seja um casal desde sempre, só achei que seria o primeiro a saber.

Me sinto esquisita por mentir para ele, porque quando tudo isso passar e nós dois f ingirmos que nada aconteceu, meu padrinho vai precisar de uma desculpa muito convincente para engolir o f im.

Aposto que já gerou expectativas de quando casaremos ou teremos f ilhos. *Talvez ele seja um pouco emocionado.*

Esse é o lado ruim da mentira; alguém sempre sai machucado, não importa o que o outro f aça. E, recuperar a conf iança novamente, é uma missão quase impossí vel.

Enrico sempre esteve aqui e f ico triste por saber que nossa relação pode se abalar se um dia ele desconf iar que mentimos.

— Desculpa, padrinho. Não vai mais acontecer — ele me abraça e eu apoio a cabeça em seu ombro. — E como f oi a viagem, não era pra voltar na segunda?

— Remarcamos para o próximo f im de semana. Tive uma emergência na empresa e precisei voltar antes de embarcar.

— Você precisa parar de viver só pro trabalho. Precisa relaxar, dar uma namorada…

— Ele não precisa namorar — Leonardo sai do banheiro vestido, resmungando.

— Não dá bola pro que ele diz, padrinho. O senhor, mais do que ninguém, merece ser f eliz.

— Não f oi o que eu…

— CHEGA! Não quero presenciar nenhuma briga de vocês, e já passei dos cinquenta, não quero ninguém tomando conta da minha vida.

Ele sai batendo o pé até a cozinha e eu vou atrás, terminando meu caf é.

Anna, Vicente e L una chegam alguns minutos depois, f ormando uma bagunça exagerada sobre L eonardo e eu e todas as expectativas que colocaram em nós durante todos esses anos e o quanto estão f elizes com o nosso relacionamento.

São uns f ingidos!

O elevador parece f icar pequeno demais para tanta gente, já que L una se recusa a f icar sozinha no apartamento e somos preguiçosos o suf iciente para f azermos duas viagens ou ir pelas escadas.

— Espera — L eonardo me impede de acompanhar os outros quando chegamos ao térreo e aguarda que se af astem um pouco antes de f icar de costas para eles e tirar do bolso uma caixinha azul marinho.

Meu coração dispara quando percebo o que *isso* signif ica.

— L éo…

— Ele veio me entregar isso — abre a caixinha, revelando a joia de ouro e esmeralda.

O anel tão f alado em sua f amí lia que, por f alta de sorte, meu padrinho nunca pôde usar, bem na minha f rente.

— Quem contou pra ele?

— Luna — Leo dá de ombros, analisando o anel de compromisso com uma melancolia que não entendo.

— É loucura, não podemos continuar com isso. Entende que a gente está mentindo para alguém que está realmente acreditando e colocando muita expectativa em nós?

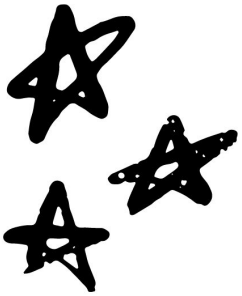
— Você não vai dar para trás agora e isso — f echa a caixinha, enf iando na minha bolsa. — Fica com você — ele beija minha bochecha e sussurra no meu ouvido: — E mais tarde conversamos sobre você me admirar de toalha.

— Léo, não f az isso — quase gemo, ele ri e me dá as costas, tento impedi-lo, mas ele já está indo em direção ao carro do pai. — Leonardo!

Grunho irritada. Odeio ser ignorada.

Bato a porta do meu carro com toda a f orça, sentindo um peso a mais na bolsa.

Culpa.



— Acabamos por hoje? — pergunto para Elen, a recepcionista da clí nica que está me auxiliando.

— Sim, doutora — ela sorri. — Aquele seu amigo bonitão está te esperando no abrigo.

— Obrigado, Elen — agradeço, rindo do apelido que Leonardo ganhou pelos meus colegas de trabalho. Ele já havia avisado que viria me buscar, já que foi para o trabalho de carona com o pai.

Cumprimento algumas pessoas pelo caminho até a enorme sala onde ficam os animais resgatados em recuperação.

— Pois é, linda — ouço seu suspiro. — Eu só queria alguns beijinhos, não é pedir demais.

Observo a figura enorme de um homem com quase dois metros de altura sentado no meio de um ambiente cheio de cachorros.

Ele acaricia o pelo de Mia, a Golden dócil e amigável que é mãe de nove filhotinhos e está se recuperando de uma cirurgia na patinha. A cadela lambe sua mão em resposta.

— Não, garota, eu quero uns beijos da… — Léo para de falar quando me vê, ficando vermelho por ser pego no flagra.

Sorrio para o seu constrangimento e tiro os sapatos, abrindo a grade e entrando no espaço sendo recebida por milhares de patinhas disputando por atenção.

Ajoelho na frente do Léo e pisco repetidas vezes, com a minha melhor cara de pidona.

— Vamos levar um pra casa? — peço animada.

— Não podemos, você sabe disso — me lembra. — O Vicente é alérgico e são proibidos cachorros no prédio.

— A gente leva para a casa do seu pai — imploro, me sentando em sua coxa já que Mia volta a deitar na sua cama. — Olha a carinha deles — agarro um dos filhotes, colocando em frente ao meu rosto e fazendo uma voz fofa: *~~O~~i, Léo. Me leva pra casa.*

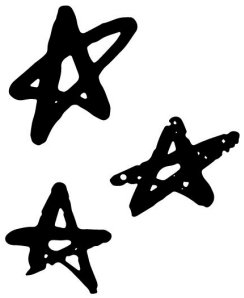
— Malu… — seguro seu rosto entre as mãos e beijo sua bochecha, ele suspira mas se mantém f irme na negativa. — Não tô convencido — beijo de novo e f aço um bico.

— Por f avor… alguns deles não tem para onde ir e são tão pequenos.

Estou quase me preparando para chorar quando Léo suspira antes de pegar o celular, discando e colocando na orelha logo em seguida.

— Oi, pai…

E é assim que se convence alguém a adotar dois f ilhotes de Golden.



— Não acredito que estou sendo obrigado a isso — de pijama chique e pantuf as, meu padrinho nos recebe junto a Luna, saltitante e empolgada. — O que é isso? — ele olha para o Léo desconf iado. — Eu f ui induzido a f icar com um cachorro.

— Briga com ela — Leonardo entra com um dos f ilhotes, tirando o dele da reta. — Não tenho nada haver com isso.

— Você não disse se queria um menino ou uma menina — me f aço de louca. — Na dúvida, trouxemos os dois. Mas olha pra ele — estendo o pequeno em minhas mãos que boceja. — É tão f of inho — Luna suspira encantada e tenta tirá-lo da minha mão, mas sou rápida em abraçá-lo. — Não!

— Ele é meu agora, Malu.

— Não é não! Ele é meu, só vai passar um tempo com o vovô enquanto eu dou um jeito, não é coisa linda? — beijo o pelo dourado dele, seguindo os dois para dentro.

— Por Deus! É só um cachorro, não sou avô dessas *coisas*.

— Não f ala assim dos seus netinhos — ainda receosa, entrego o f ilhote para L una e o abraço, logo ele desf az a cara de zangado. — Precisa comprar ração, brinquedo e cama.

— Ótimo! — volta a reclamar. — Meu f ilho tá namorando a minha af ilhada, meu af ilhado dormiu com a minha secretária, minha sobrinha não me liga há um mês e minha f ilha é uma ingrata — dramatiza, se jogando no sof á e sendo lambido pela f êmea. — E para completar, minha nora acha que a minha casa é um canil.

— Não é bem assim — L éo volta da cozinha com uma embalagem de biscoito aberta. — Os bebês precisavam de um lugar. E ela não te obrigou, só trocaram duas palavras pelo telef one, é você quem não consegue negar nada pra ela.

Me derreto toda quando chama os cachorrinhos de bebês e me def ende.

— E eu não sou ingrata!

— O Vicente comeu sua secretária? — coço a garganta quando me encara bravo pelo "palavrão". — Digo… dormiu com a sua secretária?

— F ornicou sim — L una conf irma. — Eu mesma vi.

— E correu pra contar, não é sua f of oqueira? — com a cara mais lavada, ela assente.

— Qual delas? — Léo pergunta, muito empolgado para o meu gosto. Dou um olhar feio pra ele, que engole em seco. — Deixa pra lá.

— Qual vai ser o nome deles? — mudo de assunto.

— Cravo e Canela[3] — responde sem pensar duas vezes, sorrindo bobo e acariciando a cachorrinha abrigada em seus braços. — Igual um casal que eu conheço. Dois azedos.

Olho para ele desconfiada.*Por que isso pareceu uma alfinetada?*

— Vamos logo, Estrelinha. Tá ficando tarde.

— Ah, não! — meu padrinho se senta, gesticulando. — Ela me obrigou a pegar os filhotes e vai passar a noite aqui. Se quiser, vai você.

— É, Léo. Vai você — murmuro procurando o saquinho de petisco que sempre deixo em algum lugar da bolsa. — O padrinho precisa de ajuda com os nossos bebês.

— Ele já cuidou de cachorro antes.

— Você não conta — Luna provoca, recebendo um peteleco de volta.

Léo me olha, esperando uma resposta e eu sorrio me desculpando. Ele revira os olhos, joga a pasta de qualquer jeito na poltrona e folga a gravata.

Já falei que ele fica lindo de terno? Pois é, ele fica.

— Vou tomar banho — Leonardo anuncia, deixando claro que também irá ficar para dormir

— Separa uma camiseta pra mim — peço, distraída com os dois.

— O que temos pra hoje? — Luna pergunta animada. — Ah, espera — resmunga, olhando para o celular. — O Vicente criou mais um

grupo.

Vicente criou o grupo **reunião de condomínio**

Vicente: Que história é essa??? Por que o Léo e a Malu vão dormir na casa do meu padrinho e eu não?

Anna: *Tb* quero saber.

Enrico: Pelo menos eles me visitam. Já vocês…

Anna: Eu estive aí na quinta.

Enrico: Já faz duas semanas. E você nem entrou.

Enrico: Depois reclama que não é a sobrinha favorita.

Anna: EU NÃO SOU A SOBRINHA FAVORITA?

Enrico: Não foi o que eu disse, Anna Laura. Lê de novo.

Leonardo: Alguém fala pra ele largar da Malu?

Luna: Para de ser ciumento.

Eu: É Léo, para de ser ciumento.

Leonardo: Sobe agora! Preciso ter uma conversinha com você.

Vicente: Hmmmmmm.

Vicente: Já começaram a trabalhar no netinho do meu dindo?

Enrico: Muito novo pra ser avô.

Enrico: Sexo só depois do casamento.

Enrico: Ouviu, minha princesa?

Eu: Claro, padrinho.

Eu: Ainda sou virgem, não se preocupe.

Leonardo: É.

Luna: Com certeza.

Vicente: Realmente.

Anna: KKKKKKKKKKKKKKKKKK se a Malu é virgem, eu sou uma f reira.

Enrico: ????

Leonardo: Nada, pai. A Anna tá brincando.

Leonardo: Malu, sobe logo.

Vicente: É, Malu. Não deixa o cara na mão.

Anna: KKKKKKK PORRA VI CENTE.

Luna: KKKKKKK MUI TO BOA.

Enrico: ????

Leonardo: Dá pra parar com isso? É o meu pai, caralho.

Enrico: OLHA A BOCA LEONARDO.

Leonardo: Desculpa!!!!!

Leonardo: É o meu pai, caramba***.

Vicente: Parece até que ele é culto, pensa que eu não sei o que andou aprontando, não é, senhor Enrico D'Ávilla?

Enrico: Não sei do que você está falando.

Vicente: *Mentes tão bem, que parece verdade o que você me fala...*[4]

Anna: ESSA É DA MINHA ÉPOCA.

Rio e jogo o celular junto da bolsa um tempo depois que a conversa cessa.

— Já volto — digo indo em direção às escadas.

— Não demora, vamos assistir uns filmes — Luna responde, beijando o focinho do Cravo.

Coitados dos bichinhos, nunca mais vão ter paz na vida.

No caminho, paro para ver uma das fotos que ficam no topo da escada, do meu padrinho e da minha mãe grávida de mim, posando juntos, de costas para o mar. É a última foto deles juntos, segundo o que ele me disse. Léo ainda é pequeno e está beijando a bochecha dela que sorri, com Gabriel abraçando as pernas dela.

Passo os dedos pelo seu rosto, cheio de pintinhas, como o meu. A felicidade em seu rosto é quase palpável e me pergunto se ela estaria orgulhosa das minhas decisões se estivesse aqui, e se seria minha amiga.

Sentir falta de alguém que se foi há quinze anos, dói. Dói demais. Mas, sentir saudades de alguém que você nem teve a oportunidade de conhecer é ainda pior.

Eu não conheci seu rosto, nunca ouvi sua voz e não tenho lembrança alguma com ela. Mas a sensação de que está sempre aqui é reconfortante e ao mesmo tempo dolorosa.

Eu a amo e ela morreu antes mesmo de me pegar nos braços.

Só espero que esteja em um bom lugar, bem pertinho do meu anjo.

— Estrelinha? — saio do transe com a voz baixinha do Léo me chamando.

Ele está com metade do corpo para o lado de fora do quarto, seu torso ainda está molhado, assim como seu cabelo.

— Tá tudo bem? — pergunta e eu assinto, ainda parada no lugar. — Vem cá.

Olho para o quadro uma última vez antes de ir em sua direção. Ele se encosta no batente, suas mãos vão de encontro à minha cintura e quando percebe que não estou bem, ele gruda nossas testas.

— Será que a minha mãe ia gostar de mim, Léo? — a primeira lágrima escorre.

Que droga, Maria Luíza! Não tem como você ser menos emotiva?

— Ela te ama, linda — seu polegar raspa o meu rosto, limpando-a. — Onde quer que esteja, a Lara deve estar muito orgulhosa de você.

— Não sabe disso — acuso, com um bolo na garganta.

— Claro que sei. Todo mundo com mais de dois neurônios te ama. O meu pai, o Vicente, a Anna, a Luna, até o chato do Nathan — rio quando força uma cara de nojo. Ele fala assim mas os dois se adoram. — Eu…

— Também amo vocês, Léo — ele sorri e beija minha bochecha.

— Vai tomar banho então, tá fedendo a cocô de cavalo.

— Eu trabalho com animais de pequeno porte, seu chato.

— Eu sei disso, mas adoro te irritar.

— Me dá uma toalha?

— Toma a minha — arregalo os olhos e grito quando ele desf az a amarra da cintura.

— Credo, Leonardo — dou um tapa no seu ombro quando percebo que f ui enganada e ele está vestindo uma *boxer* preta.

— Achou que eu estava sem roupa, né? Nem cobriu os olhos quando tirei a toalha — um sorriso sacana brinca em seus lábios. — Tudo bem, eu sei que você quer me ver peladinho. Vou pensar nisso na próxima vez que estivermos na cama.

Meu rosto se aquece com os pensamentos que me invadem. Olho para a cama e depois para o seu rosto.

Como eu vou parar de pensar nisso agora?

— Você é um saf ado.

— Não precisa f icar nervosa — ri e se inclina para a f rente, roçando nossos narizes de um lado para o outro, passa a mão pelo abdômen trincado e sussurra bem baixinho: — Aqui não tem nada que você já não tenha visto.

E sai. *Ele sai* e me deixa plantada no meio do quarto, pegando f ogo.

Capítulo 07

a gente é o novo f ilme, velho
passando na TV
que f ez sentido só agora
que eu cresci pra entender

***Sei Lá* - Projot a part . Vit ão**

Maria Luiza

Tr ês dias depois…

Estaciono o carro em f rente a casa que protagonizei milhares de momentos ainda guardados na cabeça e no coração.

Não está muito dif erente da última vez que estive aqui, há um ano, quando visitei minha avó Maria. O quintal enorme é repleto de f lores nas quais ela gostava de cuidar, chama atenção de qualquer um que vê de f ora, principalmente, pelo cheiro doce.

Pref eri vir ainda mais cedo do que Fernanda pediu, porque queria passar um tempo com minha avó e tias, as únicas pessoas que f azem

questão de me ter por perto. Mas agora me pergunto se essa f oi mesmo uma boa escolha.

Minha irmã disse que o casamento aconteceria aqui em Búzios, na casa da nossa avó, onde crescemos.

Depois que o Gabriel morreu, não tinha mais ninguém em casa para me def ender ou brincar Então, meus únicos momentos de diversão era passar o tempo com meus amigos e f icar com minha avó.

Sempre amei essa casa, ela me trazia uma sensação de conf orto. Mas agora é dif erente. Não sei se quero entrar

Meu pai está aqui e se ele está, Tatiana também. Não estou em condições de encontrá-la e encarar as milhares de indiretas e perguntas inconvenientes.

Daqui, de dentro do carro, consigo sentir a brisa marinha beijar a minha pele e isso atrai meu olhar para a praia, a menos de cinco metros de onde estou.

Observo como as ondas quebram na costa, f ormando uma bela paisagem juntamente ao céu colorido a essa hora do dia. Tiro uma f oto e envio no grupo, cheio de mensagens perguntando se já cheguei.

Volto a olhar a paisagem, a única coisa que parece me dar o que quero: calmaria.

Por muito tempo, o mar f oi o meu ref úgio. É simplesmente uma das coisas que mais amo no mundo, porque sempre consegue me manter sã. Em alguns dias, eu sentava de f rente para ele, por horas a f io, como se ele f osse a resposta para tudo.

Mas o mar estar calmo na superf í cie, não signif ica que não esteja acontecendo algo nas prof undezas[5]. E isso eu aprendi bem cedo.

Meu celular vibra e eu saio do torpor, me apressando em atender logo.

— *J á chegou?*— L éo dispara antes mesmo de me cumprimentar.

Consigo ouvir o barulho alto das teclas, porque ele tem a terrí vel mania de escrever como se o mundo estivesse acabando.

— Boa tarde para você também — ironizo.

— *Boa t arde, minha Est relinha*— quase posso ver seus olhos se revirarem. — *J á chegou?*

— Tô tentando criar coragem para entrar.

— *Por quê?* — o barulho cessa. — *Acont eceu alguma coisa?*

— Não sei se quero f azer isso, L éo.

— *Nem pense nisso!* — exclama. — *Gast ei uma f ort una naquele t erno que você gost ou*

Rio sozinha quando lembro de alguns dias atrás, quando saí mos para comprar seu terno. Vicente f oi um pé no saco, f icou o tempo todo perguntando quando í amos embora e me arrependi de pedir para nos acompanhar. Anna também não f oi de grande ajuda, colocou def eito em todas as roupas que gostamos.

Não é como se o L éo não tivesse muitos, mas ele é vaidoso e não queria repetir roupa para uma ocasião "tão única", segundo ele. Todos nós sabemos que f oi apenas uma desculpa para torrar o dinheiro em algo além de livros.

— Você também gostou — chio contrariada. — E você é rico, para de reclamar.

— *F oda-se, dinheiro não dá em árvore. Agora ent ra nessa porra e f az o que a gent e combinou.*

— Léo? — chamo. — Eu te amo — ele suspira, se dando por vencido.

— *Também amo você, Est rela.*

Desligo o telef one tomando coragem para f inalmente f azer o que devo. Saio do carro e caminho até a porta, batendo duas vezes e para a minha sorte — ou azar — é meu pai quem a abre.

Sou surpreendida quando sorri largamente, antes de me pegar em um abraço apertado. Ganho um beijo na testa e por um momento, sou transportada para *muit os* anos atrás, quando éramos uma f amí lia f eliz, ou pelo menos, era o que parecia ser.

Luiz Fernando Lobos é um pouco mais alto do que eu e a regata branca deixa em evidência seu descuido com o próprio corpo, está mais magro e com o rosto cansado. Parece estar maltratado pelo tempo.

— Luí za! Como você está linda!

Sorrio, mas por dentro quero chorar. Odeio ser chamada assim, mas nenhum deles parece lembrar disso.

— Obrigado, pai. Cheguei cedo demais?

— Nunca é cedo demais para voltar para casa, pequena.

Esse lugar nunca f oi minha casa, acrescento mentalmente. *Nunca será.*

— Que história é essa de que você está namorando? E o *t alzinho* não viria com você?

— Ah, namorando, né, pai? — respondo, apreensiva, entrando na casa. — Uma coisa levou a outra e estamos juntos. O Leonardo chega em três ou quatro dias, não tenho certeza.

— Você está namorando o Leonardo? — interrompe, incrédulo. — O filho do Enrico?!

— Sim.

— E não me contou nada antes?

Cruzo os braços, começando a ficar irritada.

Ele perdeu o direito de me questionar desse jeito quando decidiu que eu não era importante o suficiente para merecer seu carinho e atenção.

Eu o amo. É meu pai, afinal.

Mas quando perguntam sobre *meu* pai, é do meu padrinho que lembro. Não sei se deveria me sentir mal por isso, mas é verdade: Enrico é a minha figura paterna.

Era ele quem me levantava e beijava minhas feridas quando eu me machucava. E também foi ele quem me ensinou a nadar e andar de bicicleta.

Meu padrinho está comigo desde a minha primeira palavra, acompanhou meus primeiros passos e esteve em todas as minhas apresentações escolares.

Ele guarda até hoje o meu primeiro dente de leite e tem as mais constrangedoras e esquisitas fotos da minha infância. Além de guardar segredos que eu jamais seria capaz de contar para qualquer outra pessoa.

Para mim, essa é a definição de pai. Alguém que está lá o tempo todo. Um melhor amigo, confidente e que dá amor

Enrico me conhece de trás para frente, sabe dos meus gostos e quando estou triste. Apesar do seu drama e mau humor, está sempre

disposto a dividir um lanche e assistir um f ilme qualquer só para me ver sorrir.

— O senhor saberia se me ligasse mais de uma vez por mês — digo, me arrependendo logo depois por ter explodido rápido demais. — Desculpa, pai.

— Tudo bem, Luí za. Você está certa, eu quem peço desculpas.

O silêncio se instala entre nós, me deixando desconf ortável. Mas logo lembro de algo que me deixa ainda mais insegura.

— A Tatiana está aqui? — sondo, como quem não quer nada.

— Luí za, já está na hora de acabar com essa birra. Você tem vinte e sete…

— Certo, pai — corto, porque simplesmente odeio esse discurso como se eu tivesse ciúmes dela. Ele nunca vai entender que é mais que isso. — Deixa pra lá.

— Ela não vem hoje.

Assinto já em direção às escadas, trazendo a mala comigo, ansiosa para chegar ao meu antigo quarto e tentar descansar.

— Eu conheço esse cheiro — ouço a voz melodiosa quando passo pela porta aberta. — Será que é a minha menina Malu?

— Acho que só chega depois de amanhã, mamãe — tia Amélia responde.

— Não, minha f lor É a minha Estrelinha, eu tô sentindo.

Coloco a cabeça para o lado de dentro, vendo minha tia pentear seus cabelos brancos, com um olhar preocupada.

— Mas eu f aço tanta f alta assim? Tá até sentindo meu cheiro.

Dona Maria vira a cabeça para trás e o sorriso que lança para mim é gratif icante de tão lindo, seus olhos brilham de uma f orma única. Minha avó veste um macacão azul marinho e um batom rosa cobre seus lábios. Apesar da idade e do Alzheimer, ela nunca deixou a vaidade de lado.

Caminho até ela a abraçando e tentando controlar as minhas lágrimas e o remorso por estar a tanto tempo sem vê-la.

— Minha menina, que saudades — diz emocionada, segurando meu rosto com carinho.

Desde que f oi diagnosticada, há quatro anos, a doença avançou rápido demais apesar do tratamento.

Quando morava aqui, tinha dias que não se lembrava e em outros só se sentia segura perto de mim.

Ter a consciência de que a deixei aqui f az com que eu sinta que a negligenciei. No primeiro ano, f iz visitas periódicas, mas f az um tempo que não tenho mais disponibilidade para estar aqui sempre.

Minhas tias, Amélia e Helena, me atualizam sempre sobre seu estado de saúde, mas é dif erente. Não é como se eu estivesse vendo.

— Chegou cedo, Malu — minha tia me abraça, antes de f azer a mãe sentar no sof á disposto no cômodo. Me ajoelho na f rente da minha velhinha, não querendo estar longe dela.

— Queria aproveitar um tempo com vocês antes.

Minha avó rouba a cena, conversando sobre diversos assuntos, se perdendo em alguns momentos. Rio das suas piadas e comentários ácidos, encantada com a sua sabedoria.

— Vou tomar um banho e já volto, tá bom, vovó? — beijo sua bochecha e levanto, limpando a sujeira da roupa.

— Ah, menina, espere — segura meu braço quando estou prestes a sair. — O Gabriel está dormindo ainda, mas olhe para o que tenho aqui — ela aponta para a boneca que eu não tinha visto antes, enrolada na coberta ao seu lado, como um bebê ao seu lado. — É a Malu, sua f ilhinha.

Engulo o bolo que se f orma na minha garganta, como das outras vezes que me desconheceu. Mas dessa vez é dif erente, ela nunca havia me conf undido com a minha mãe.

Olha para a boneca que ainda está em perf eito estado, apesar de anos. Foi meu irmão quem encheu o rosto e o corpo dela de pintas porque eu não gostava tanto assim de ser dif erente.

— Viu? Agora ela se parece com você — f oi o que disse, na manhã do meu aniversário de oito anos.

Lara Lobos é um nome proibido a se pronunciar nessa casa. Querida por todos e odiada pelo próprio marido.

Existem boatos de que quando sua bolsa estourou, ela estava indo embora para longe, levando o Gabriel.

Três horas depois eu nasci.

Três minutos depois ela morreu.

Simples assim.

E ele nem estava lá para segurar a mão dela quando aconteceu, se quer saber. A primeira pessoa a me pegar nos braços f oi, novamente, o meu padrinho.

Gabriel f alava muito sobre ela. Seus olhos brilhavam só de tocar em seu nome e em contar as histórias que viveram juntos. Ele escondia uma caixa no meu closet cheia de f otos dela que nosso pai não conseguiu queimar.

Perdi as contas de quantas vezes acordei no meio da noite e o encontrei chorando na cama, agarrado ao ursinho de pelúcia branco e chamando por ela. Ou quando velava meu sono, cantando para mim a mesma música que ela cantava para niná-lo.

— Sou eu, vó — tento. — A Maria.

— Você é tão nova, menina — acaricia meu rosto com carinho. — Não deveria ter se casado tão cedo com alguém que não te merece. Meu f ilho não te merece.

Encaro tia Amélia ao seu lado, encarando-a tão atônita quanto. *Ela parecia t ão bem há poucos minut os*Minha tia tira o f oco dela de mim, tentando distraí -la com algum assunto bobo.

— Tchau, L ara. Me visite mais vezes, querida. Seu sorriso sempre alegra o meu dia.

Meu passado ainda é a minha f erida aberta e sendo sincera, não sei se um dia vai se curar. É como se f osse uma âncora, sempre me puxando para baixo.

Saio do quarto deixando minha mala e mochila avulsas no corredor e desço as escadas, indo em direção aos f undos, vazio a essa hora. Me sento na espreguiçadeira da área de lazer perto da piscina.

Daqui, consigo ver as ondas do mar quebrarem com mais f orça. J á está anoitecendo e a brisa f ria beija minha pele, me arrepiando. O som me acalma, mas não o suf iciente.

Nada consegue me acalmar tanto quanto *ele*.

Olho para a água limpa e depois para o celular, sentindo meu coração acelerar e as lágrimas se acumularem devido às lembranças agridoces que esse lugar me causa.

Tenho a sensação de que não sei mais respirar, então, deixo a insegurança de lado e ligo para o número que sei de cor e salteado.

— *Sabe que não pode f icar do lado de f ora o dia t odo, né?* — f ungo, ainda calada quando ouço voz risonha. —*Tá t udo bem?*

— Não… — soluço, tentando me controlar. Ouço o f arf alhar do outro lado e respiro f undo. Solto a respiração, quando escuto sua voz calma:

— *Respire f undo, Est relinha. Ainda est ou aqui.*

Capitulo 08

voltei pra casa o mais rápido que pude
me despedi de quem me disse que amar não é virtude
coração acelerado só de imaginar
você vestindo a minha camisa correndo pra me abraçar

A Gent e Se Dá Bem -*Gabriel Gont i part . Ana Gabriela*

Leornado

Passei a noite em claro.

Aquela ligação me perturbou até a hora de ir ao trabalho.

Meus olhos ardem e meu corpo parece mais pesado enquanto dirijo tentando conter a ansiedade. Não consigo relaxar… e não vou conseguir até vê-la.

Como eu ia conseguir f azer algo além de pensar em seu bem estar? Ela ligou chorando. *L igou para mim.*

Isso só acontece quando está no limite do aceitável, porque tem a mania estúpida e desgastante de guardar tudo o que sente ou ouve para si mesma.

Odeio quando faz isso, quando parece não confiar em alguém para desabafar ou simplesmente dividir o que sente. Odeio ainda mais não poder fazer nada para mudar isso.

Me pergunto se algum dia, vou conseguir conquistar sua confiança a ponto de não precisar se sentir assim. Sozinha.

Quero que me ligue a todo momento, seja ele bom ou ruim, porque não me canso da sua voz. Quero ser alguém para dividir os assuntos mais banais, ser seu porto seguro, assim como ela é o meu.

Quero poder controlar meu maldito coração.

Respiro fundo, cansado da viagem e da jornada exaustiva de trabalho. Encaro o mar revolto antes de voltar para os fundos da enorme casa.

Conheço esse lugar como a palma da minha mão. Costumava passar todo o meu tempo livre aqui com os meus amigos.

Quase consigo ver nós seis correndo atrás de Luna e nos jogando na piscina, fazendo Tatiana ficar de cabelo em pé e o Luiz morrer de preocupação.

Meu sogro — sonhar ainda é de graça, né? — nunca foi meu fã, isso por conta do meu pai. Os dois não conseguem se engolir por causa do que aconteceu com a minha madrinha, Lara, também conhecida como a melhor amiga do meu pai. Ele sempre achou que os dois tinham algo, mas não é verdade, ele nunca viu a minha madrinha com outros olhos. Não como eu vejo a Malu.

O Luiz apenas me suporta, porque diferente do meu velho, não perco meu tempo o confrontando e batendo boca. Ele é um caso perdido. Um fodido que não soube dar atenção e carinho para a filha incrível que

teve. Ao invés disso, pref ere desf ilar por aí com a esposa trof éu e a f ilha "exemplar". O velho f icaria horrorizado se soubesse metade das coisas que aquela garota já aprontou em menos de vinte e quatro anos.

Era para chegar daqui a três dias, dois dias antes do casamento, mas não consegui esperar. Não quando ela pode estar mal. Não quando ela precisa de mim.

É tarde, quase uma da manhã. Mas pelas enormes janelas de vidro, consigo ver que ainda tem gente acordada.

Eu deveria ter esperado o amanhecer. Mas ao invés disso, neguei o convite do pessoal da empresa de irmos ao barzinho. Fui direto para casa e tomei banho, f iz minha mala, peguei o terno — que f oi caro para caralho — e entrei no carro. Pouco me f odendo para o horário.

Aperto a campainha ansioso e não demora até que Helena, a tia mais nova da Malu, atenda.

— Léo! — ela saúda, sempre animada e receptiva, me abraçando em seguida enquanto equilibra a taça de vinho.

— Boa noite, dona Helena.

— Sem o “ dona” , menino — solta um muxoxo. — Só tenho quarenta e dois. Aliás, a Malu acabou de ir para os f undos.

— A essa hora? — encaro o relógio de pulso, constatando que já são quase duas da manhã. Malu não costuma dormir tão tarde desde a f aculdade.

— Estava meio tristinha desde que a mamãe teve uma crise, mas Amélia e eu já demos um jeitinho para animá-la. A bruxa ainda não chegou, mas a Nanda sim. Vai lá distrair ela, menino.

Ela movimenta as sobrancelhas para cima e para baixo com um olhar sugestivo, me deixando um pouco sem graça. Rio da sua

transparência e cumprimento sua irmã, Amélia, que acaba de chegar da cozinha.

Ela diz algo sobre eu ter crescido demais desde a última vez que me viu e o quanto estou bonito — outras centenas de coisas que f azem bem ao meu ego — e me abraça.

Nenhuma deixa a outra terminar de f alar, o que gera uma discussão sem sentido sobre tudo e ao mesmo tempo nada. Adoro essas duas, elas sempre sabem como animar alguém com essas ceninhas.

Mas agora não posso f icar Preciso procurar a Estrelinha e saber como está. Preciso cuidar dela.

— Eu adoraria f icar e conversar um pouco mais, mas preciso ver a minha garota, moças — me despeço delas com um beijo na bochecha, sendo obrigado a não f azer cara f eia quando apertam a minha em troca.

Minha garot a.

Parece tão f amiliar quando dito em voz alta que só percebo que f alei quando Helena suspira e repete o mesmo que eu, piscando f reneticamente como se estivesse em um f ilme de comédia romântica, me f azendo rir

— Achei que esse dia nunca chegaria — Amélia diz quando dou as costas. — Ver os dois f inalmente juntos é como estar sonhando.

Subo as escadas, em direção ao último quarto do corredor. Deixo a mala próxima à poltrona do cômodo, vendo a cama bagunçada como se tivesse levantado a pouco e uma pilha de livros antigos no chão.

O ambiente é grande e pelo que lembro, a decoração continua a mesma. Sorrio quando vejo que a cama está encostada na parede, igual lá em casa porque, segundo ela, deixar a cama no meio do quarto, perde muito espaço.

Troco a calça jeans por uma de moletom e desço novamente, indo em direção aos f undos. Ansioso e com saudades demais para querer prolongar esse momento.

O sof á planejado f ica nos f undos, na área de lazer, bem pertinho da piscina e é grande, bem como o resto da casa — não se pode esperar menos quando metade da f amí lia trabalha com arquitetura e engenharia.

Consigo vê-la assim que atravesso a porta. Está vestida com mais uma das minhas camisetas e um short jeans surrado.

Malu não percebe a minha presença, entretida demais com o Kindle — posicionado perto demais do seu rosto — que ilumina um pouco a pele coberta de pintinhas.

Pesco o celular no bolso da calça, tirando uma f oto dela, com as pernas delgadas jogadas no encosto do móvel, linda como sempre, e a envio.

Não demora até que procure seu aparelho e visualize a imagem, olhando para minha direção na mesma hora.

Ela solta um grito animado antes de abrir um sorriso tão grande que me f az derreter

Malu levanta, ainda gritando, o que me causa risos até f inalmente se arremessar contra meu peito. Dou dois passos para trás com o impacto e a abraço como se dependesse disso para sobreviver.

Minha cabeça entra em combustão. Não consigo pensar em nada que não seja ela, seu corpo colado no meu, seu cabelo irritando meu nariz e sua alegria em me ver.

O meu dia f oi uma merda, mas ela consegue mudar tudo com apenas um abraço. Ainda me surpreendo com o tanto que Maria L uí za me tem em suas mãos. Sou um bobo apaixonado, nunca neguei isso e não vai ser agora que vai acontecer.

Que saudade que eu estava dela. E só f az dois dias que veio para cá.

Beijo seu pescoço, sentindo seu cheiro inebriante invadir meus pulmões enquanto ela balança as pernas no ar. Estrelinha ri quando arrasto a barba por f azer no local e agarra meus cabelos antes que f aça de novo.

Ganho um beijo molhado e barulhento na bochecha, suas mãos pequeninas e macias seguram meu rosto nos deixando ainda mais próximos.

Malu me encara com intensidade e eu não consigo deixar de f azer o mesmo, preso aos seus olhos como se estivesse enf eitiçado.

De súbito, seus olhos desviam dos meus, observando qualquer ponto aleatório, enquanto passa a mão no meu cabelo, bagunçando-o, e arrasta a ponta do indicador por todo o meu rosto.

Esses são um dos meus momentos f avoritos em que passamos juntos: apreciar os pequenos detalhes.

Eu amo seu f alatório e animosidade em f alar sobre tudo que a incomoda e satisf az — exceto sobre o maldito vizinho de cima.

Sua voz, para mim, é como uma canção de ninar. Mas também adoro quando, em silêncio, me analisa e me af aga. Meu coração sempre se enche de esperanças de que pense o mesmo que eu e deseje um f uturo ao meu lado. Ao mesmo tempo que minha cabeça se enche de dúvidas.

Será que est á pensando em out ro? Por que est á t ão calada? Minha presença é realment e import ant e para ela?

Pref iro acreditar na parte em que ela nos imagina sentar na areia e ver o mar quebrar daqui a cinquenta anos, nem que seja como amigos.

Sou um homem de vinte e nove anos que tem medo de não ter seus sentimentos correspondidos pela melhor amiga. E isso sim, eu tenho vergonha de admitir.

Nos guio até onde estava antes e me sento com Malu em meu colo. Calada, ela enf ia a cabeça na curva do meu pescoço e se aconchega ainda mais a mim.

Fico conf uso com a mudança repentina de humor e começo a alisar suas costas quando começa a f ungar

— O que f oi, Malu? Aconteceu algo? — ela balança a cabeça negativamente. — Fala comigo, Estrelinha…

— Eu senti saudade — diz depois de alguns segundos calada.

É tudo o que precisa para meu coração se desmanchar de vez.

Capítulo 09

f az assim, me f ala que vai tá sempre aqu
mesmo se tudo aqui sucumbir
é que qualquer lugar com você é casa

Ví ci o de Amor *Delacruz*

Maria Luiza

Ficar sozinha durante dois dias me f ez repensar sobre muitas coisas. Uma delas é o quanto me sinto vazia sem os três por perto, perturbando meu juí zo. Principalmente o Léo.

Parece pouco tempo, mas é estranho não tê-lo por perto a todo momento. Por que ele está sempre lá. Quando acordo e antes de dormir.

Leonardo não insiste em me perguntar mais nada depois do que respondo. Apenas me aperta mais em seu colo e pega meu Kindle, lendo em voz alta, o último trecho que marquei.

— A gent e corre o risco de chorar um pouco quando se deixa cat ivar[6].

Ele af aga minhas costas sem parar e eu seco as minhas lágrimas.

Quando levanto a cabeça, ele ainda está lendo, seu braço não permite que me af aste muito, então quando se vira para mim, nossos narizes se tocam.

Sinto meu estômago revirar, já nem lembro qual f oi a última vez que tive essa sensação de borboletas no estômago ou me sentir ansiosa para estar com alguém. *Para est ar com ele*

Sua atenção se desvia para minha boca quando colo nossas testas e ele sorri.

— Senti saudade de você, Léo — repito baixinho.

Estar com ele, aqui e agora, é como estar descalça no sábado a noite bebendo cerveja ruim ao som de uma música qualquer ou passar o dia inteiro de pijama sem se preocupar com o mundo lá f ora.

É como estar em casa.

Beijo sua bochecha várias vezes, e em um momento de coragem, colo nossas bocas em um selinho. Um arrepio sobe a minha espinha quando ele morde meu lábio, ainda me encarando.

Leonardo f echa os olhos e expira, está quase me beijando pra valer quando um grito me assusta.

— Maria Luí za! — reconheço a voz de Fernanda, saindo de dentro de casa. — Posso f alar com você?

Leonardo me solta, parecendo decepcionado quando respondo que sim. Sussurro que já volto para ele e num súbito de coragem, lhe roubo outro selinho e saio do seu colo, seguindo Fernanda, que o cumprimenta de longe.

Ele nem se dá ao trabalho de parecer contente com a presença da minha irmã, apenas acena e se ajeita no sof á com meu Kindle em mãos, dando continuidade ao livro que já lemos juntos tantas vezes.

— Achei que nunca mais te veria pessoalmente! — esbraveja assim que nos af astamos um pouco do sof á.

Somos muito dif erentes uma da outra. Seu cabelo é escuro, assim como os olhos. Fernanda é mais alta do que eu e um pouco mais magra do que pode ser considerado saudável.

— Pode parar com o drama? Todos sabem onde eu moro e trabalho. Bastava me ligar e nos encontrarí amos. — tento conter a raiva em minha voz. — Mas parabéns pelo casamento, não tive oportunidade de desejar antes.

Saiu mais debochado do que planejei, mas o que eu posso f azer?

— Como? — sua pose de indif erença volta, mas ela sabe exatamente do que estou f alando.

— Há quanto tempo estão planejando tudo pelas minhas costas? — pergunto o que está engasgado desde ontem.

Fernanda pode até tentar ser discreta, mas o seu *digní ssimo*sogro resolveu f azer uma visitinha ao meu pai ontem e f ez questão de esf regar na minha cara que os preparativos para o casamento do ano estão a todo vapor desde o ano passado.

— Não vou pedir desculpas por isso! J á basta que o papai me impediu de contar antes pra você não se sentir mal porque o Pedro te abandonou uma semana antes do seu casamento.

Fecho os olhos, ciente de que Leonardo está ouvindo toda a conversa e provavelmente me odiando por ter escondido dele essa parte da história.

— E você acha que eu estragaria o seu momento por algo que aconteceu a dois anos?

— Sim? — Fernanda responde em uma pergunta af irmativa com obviedade na voz.

Cruzo os braços, irritada e nervosa demais para manter uma conversa a essa hora da madrugada.

Tenho vontade de dizer para ela tudo que está engasgado. Mas, de praxe, não o f aço. Porque, no f undo, sou idiota demais por colocar as necessidades dos outros acima das minhas.

Me pergunto se Bruno nunca me considerou o suf iciente para me ligar e contar sobre o casamento.

Quando saí daqui, os dois tinham acabado de engatar o namoro e imaginei que seria ele a me contar quando esse relacionamento passasse para um próximo ní vel.

No f im, f oi só mais uma das minhas ilusões, porque, depois do que seu irmão f ez, Bruno nunca trocou mais do que duas palavras comigo.

— Luí za… — ela ainda tem a pachorra de parecer culpada. Mas não quero ouvir. Não hoje.

Dou as costas para ela e Leonardo não está mais no sof á. Suspiro f undo, seguindo para o quarto, sabendo que está chateado comigo.*De novo.*

Abro a porta, vendo sua mala ao lado da poltrona, meu Kindle na cama e a camisa que ele vestia jogada no chão. Ouço o barulho do chuveiro e me sento na ponta da cama, tentando não arrancar minhas unhas. Ele sabe que já estou aqui, talvez por isso esteja demorando tanto.

Leonardo sai do banheiro só de boxer preta e com o cabelo ainda molhado pingando em tudo. Ele não me olha enquanto caminha até a

sacada e estende a toalha no varal.

— Vai f icar só me olhando? — pergunta.

— Tá muito chateado comigo? — Léo não responde, apenas suspira e procura o celular no meio da bagunça que criou jogando as roupas sujas no chão. — Leonardo?

— O que acha? — me encara, com os olhos cheios de raiva. — Você mentiu pra mim.

— Eu não menti. Omiti. É dif erente.

— Tem certeza? — se aproxima com as mãos na cintura. — Você me disse que *você* cancelou o casamento, não que o imbecil tinha te deixado.

— Léo…

— Amanhã a gente conversa, Maria Luí za.

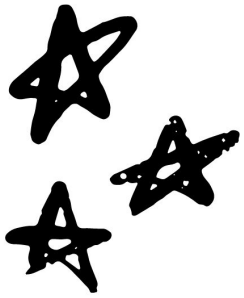
— Não me chama assim — digo, um beicinho ameaçando aparecer. Só nos chamamos pelo nome completo quando estamos com raiva. Não gosto disso.

— Esse é o seu nome.

— Tá, Leonardo. Se é assim que você quer, está ótimo.

Escovo os dentes tentando controlar as lágrimas e me jogo na cama. Leonardo f ica de costas para mim, o que só ressalta o quanto está chateado.

Culpada, apenas tento não pensar muito e dormir.



Acordo sozinha na cama e o lado do colchão f rio indica que ele saiu há algum tempo.

Me sinto triste e arrependida por não ter lhe contado antes. Mas além de vergonha pelo que aconteceu, eu sabia o que Leonardo f aria com Pedro se soubesse antes e tudo o que menos queria era arrumar conf usão.

Ninguém além das minhas tias, Bruno e Fernanda, sabe exatamente o que aconteceu naquele dia. Uma briga, f oi apenas o estopim para algo f adado ao f racasso desde o começo, tivesse f im.

As coisas entre Pedro e eu, aconteceram muito rápidas, eu diria. Estávamos juntos há quase seis anos, entre muitas idas e vindas. Tentamos engravidar por dois anos quando num rompante, decidimos nos juntar em matrimônio.

Meu sonho era ser mãe antes dos vinte e cinco. Me pergunte por que, mas eu nunca vou saber a resposta. Talvez pela pressão que a f amí lia dele f azia.

Ele sempre f oi o f ilhinho do papai, então tinha tudo o que queria, quando queria. Exceto, um f ilho.

Quando completei os vinte e cinco e o "nosso" sonho não havia se realizado, Pedro resolveu que me amava do jeito que era: inf értil. E veio com a ideia de nos casarmos. Eu, boba, aceitei.

Foram os seis meses mais estressantes da minha vida. Tinha a impressão de que minha cabeça explodiria a qualquer momento, f osse por f azer escolhas e mais escolhas sobre tudo ou por ter que lidar com pessoas irritantes sem mandá-las a merda.

Houve um vácuo no tempo de aproximadamente uma hora. Eu casaria com o meu primeiro namorado — o mesmo que dizia me amar apesar de saber que eu nunca realizaria nosso maior desejo —, minha f amí lia estava reunida pela primeira vez em treze anos e eu estava realizando um dos meus maiores sonhos, mesmo que duas das pessoas mais importantes da minha vida não estivessem comigo — uma delas, por ciúmes bobo.

Eu estava bem. Mesmo que uma parte de mim morresse todas as vezes que Leonardo recusava minhas ligações ou ignorava minhas mensagens.

Só queria que ele tivesse atendido naquele dia. Se eu tivesse insistido mais e conseguisse dizer tudo o que estava entalado na garganta há tempos… aquilo mudaria tudo.

Foi assim, que num piscar de olhos tudo ruiu.

Uma briga desencadeou outra e f alamos muitas coisas f eias para nos machucarmos. Não f oi uma surpresa para mim quando gritou que estava tudo acabado e me deu as costas. Um tempo depois ele conversou comigo, com a cabeça f ria e f alamos melhor sobre nossas motivações.

Eu conhecia o Pedro bem o suf iciente para saber que havia algo errado há um bom tempo. Mas, por pura teimosia, resolvi enf rentar todos aqueles que me aconselharam a correr do meu provável casamento f rustrado.

Queria mostrar que podia tomar alguma decisão sozinha e não precisava de mais ninguém cuidando de mim… e no f im, estavam certos.

Depois, Pedro me chamou para conversar e parecia culpado quando deu o ponto f inal:*eu t e amo, mas est ou apaixonado por out ra pessoa.*

Sinceramente? Doeu mais não ter os meus melhores amigos ao meu lado do que ouvir aquilo do meu noivo, com quem estava desde os dezenove — o mesmo que me obrigou a mentir para quase duzentos convidados sobre o cancelamento da comemoração.

Por toda a minha vida, sempre tive uma visão distorcida do que é o amor. As histórias inf antis costumam pregar que o prí ncipe encantado chega no cavalo branco e, de repente, tudo é colorido e f eliz.

O problema, é que nunca disseram nada sobre o lado f eio do amor Aquele em que depois de um tempo o prí ncipe se transf orma em um sapo, vira sua vida de ponta cabeça e te f ere tão prof undamente que tudo o que você consegue pensar é em sumir.

Quando percebi que amei por dois, já era tarde. Quando precisei de um ombro amigo, lembrei que enf rentei todos eles a troco de um relacionamento f adado ao f racasso.

E, quando precisei me reerguer, percebi que, na verdade, eu já não era mais eu e sim alguém que ele queria que eu f osse.

Engraçado perceber que quando lembro do que aconteceu, sinto ânsia. Não só dele, da sua f amí lia e dos f atos em si, sinto nojo de mim também. Por ter me sujeitando a tantas humilhações, por ter ultrapassado os meus limites para agradar pessoas que nem gostavam mesmo de mim.

No f inal do dia, sozinha e pronta para dormir, chorei por não ter Leonardo ao meu lado, com seus abraços de urso e beijinhos capazes de tirar toda a minha tristeza.

Quebrei a cara, mas não f oi de todo ruim, assim, eu percebi que o amor não se mede em palavras e sim em atitudes.

O amor não é cura para nada e um relacionamento precisa ser baseado em respeito e apoio, não em def eitos e qualidades.

No dia seguinte, juntei minhas coisas mais importantes e me mudei para o apartamento que mantinha do outro lado da cidade, de f rente para o Léo.

Odiei decepcioná-lo antes e odeio estar f azendo o mesmo agora.

Leonardo f az parte de mim, é um pedaço da minha vida que não quero perder nunca, não me vejo longe dele.

Agora, o sentimento de ter novamente mentido para ele é esmagador, porque o conheço e consigo até imaginar onde esteja.

Levanto da cama, respirando f undo e abro a minha mochila, procurando uma roupa simples qualquer para passar o dia.

Tomo um banho gelado para tentar f icar desperta e visto a camisa do Palmeiras que roubei do Léo, é tão linda que dói e há poucos minutos ainda tinha a etiqueta. Mas tudo bem, ele não vai se importar em me emprestar.

Desço para tomar caf é e minhas tias e Cristal estão animadas enquanto cozinham, como quase sempre que as vejo.

Meu pai é o mais velho de três irmãos e é arquiteto na Pirâmide, empresa de engenharia da nossa f amí lia.

Amélia, a do meio, comanda a empresa com punhos de aço, o meu avô f ez uma boa escolha em colocá-la na presidência. Ela mora aqui em Búzios, cuidando da vovó, é viúva e teve um f ilho muito nova, o Miguel, marido da Cristal. Os dois são pais do Théo.

Helena é a caçula, temos apenas quinze anos de dif erença. Ela se divide entre São Paulo e Rio de J aneiro trabalhando como psiquiatra. Uma das poucas que passaram bem longe da arquitetura, como eu.

As três f azem ainda mais barulho quando me veem e parecem não se importar em acordar a casa inteira com tamanha bagunça.

— Não sabia que o f ilho do Enrico tinha f icado tão bonito — tia Helena f ala af obada, me lançando um sorrisinho maldoso. — O pai continua tão bonito quanto o f ilho?

É. Ela é louca o suf iciente para ter uma quedinha pelo meu padrinho.

Todos sempre acharam que era só uma brincadeirinha, mas eu já vi na f orma como se olharam nas poucas vezes que se encontraram desde que se mudaram para lados opostos e para mim, parece ter algo não resolvido entre os dois.

— Toma vergonha, tia — Cristal a repreende, enquanto tia Amélia ri.

— É só uma pergunta inocente, bebê. Curiosidade, apenas. Não podemos esquecer que o Enrico sempre f ez péssimas escolhas em relação a mulheres.

— Ei, eu ouvi isso — rebato, tentando def ender meu padrinho, mesmo ciente de que isso é verdade.

— Agora vai contar pra ele, sua f of oqueira.

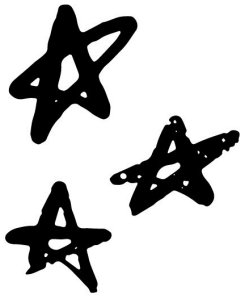
— Não enche, Helena.

— Tia Helena — rio da sua irritação ao me corrigir.

Tento me distrair pelo resto da manhã, ajudando minhas tias com o almoço, ainda que preocupada com o Leonardo.

Mando algumas mensagens para ele, que respondeu dizendo que está tudo bem e que já volta. Mas já f az muito tempo.

Só espero que não tenha desistido de mim.



Aos 11 anos

— Gabriel? — bat o na port a do seu quart o. — Posso ent rar?

— Pode, Est rela.

Giro a maçanet a e caminho at é sua cama bagunçada. Meu irmão est á em f rent e ao espelho, só de bermuda, pent eando os cabelos encaracolados e f azendo poses.

— Você não cansa? — quest iono e ele me encara conf uso. — De f icar se admirando o t empo t odo?

— Claro que não, maninha. Olha pra mim, t odo lindo. As meninas piram.

— Que meninas, Gabriel? — resmungo, de braços cruzados.

— As minhas namoradinhas.

— Não conheço nenhuma delas.

— E nem vai. Agora desf az essa cara — ele se deit a ao meu lado. — Diz o que veio f azer aqui, pirralha.

Suspiro, quase chorando porque não sei explicar, nem por onde começar.

— Pode guardar um segredo? — começo, brincando com o f io solt o do edredom.

— Sabe que sim — ele af ast a uma mecha de cabelo do meu rost o

— Eu acho… acho que gost o do L éo.

— E porque t á assim?

— Por que vi ele com a L et í cia.

— E não vai f alar sobre seus sent iment os com ele?

— Eu não — nego. — O L éo me vê como uma irmã.

O idiot a começa rir e isso me f az sent ir raiva.

— De onde você t irou isso? — t ent a se cont rolar — Desculpa, essa piada f oi muit o boa.

— F oi o que eu ouvi ele dizer a você na semana passada.

— Est relinha — Gabriel começa, parando de rir — Se t ivesse escut ado a conversa int eira t eria ent endido. Mas como eu não promet i que não f alaria nada…

— O que ele disse?

— Pergunt a pra ele.

— Eu vou embora, você é muit o grosso.

— Ah, não, Est relinha — resmunga, me puxando de volt a para a cama. — Você vai dormir aqui hoje.

— Não vou.

— Est ou t ão carent e.

— Nem começa.

— Minha irmã quer me abandonar.

— Gabriel!

— Tudo bem, já ent endi — ele ret ruca, com uma expressão quase chorosa. — Você ama mais o L éo. É sempre o L éo. Nunca eu. O pobre anjo, abandonado na rua da amargura.

— Para de ser dramát ico.

— Vai embora ent ão, sua ingrat a.

— Eu vou dormir aqui — digo, a cont ragost o.

— É por isso que t e amo — ele quase grit a, mas depois volt a a r.ir — O L éo t e vê como uma irmã. Essa f oi boa.

— Gabriel!

Capitulo 10

vou começar com uma pergunta boba
será que dá pra gente voltar no tempo?
ultimamente f ico mal à toa
tá sobrando apego
f altando entendimento

P er gunt a Boba *J orge e Mat eus*

Leornado

Perdi a conta de há quantas horas não durmo.

Primeiro, senti f alta dela.

Me acostumei a dividir a cama ou conversar por horas antes de dormir ou simplesmente vê-la. Então passar dois dias imaginando tudo que poderia estar passando e criando paranoias sobre o tipo de coisa que ela poderia ouvir, não me deixou descansar.

Depois, quando cheguei ontem, achei que estaria tudo bem. Que ela se sentiria mais conf iante de alguma f orma com a minha presença e

quem sabe, dessa vez, houvesse uma chance para nós dois.

Por um momento, acreditei nisso.

Mas eu só me f odo nessa história toda, porque acabei me dando conta de que Malu parece não conf iar mais em mim. Se é que algum dia conf iou de verdade.

Talvez eu seja só uma distração, um bom álibi. Alguém para sempre f azê-la se sentir bem e conf ortável.

Talvez, eu veja coisas onde não tem. E tenha esperanças vazias de que um dia, me olhe como eu a olho.

Talvez, ela não seja a mulher certa para mim. Ou eu não seja o homem para ela, essa suposição é a mais provável.

Talvez eu não seja capaz de f azê-la f eliz como merece.

Ou simplesmente estejamos f adados a sermos sempre amigos e todo esse amor que penso sentir seja, na verdade, comodismo. Estou acostumado a tê-la por perto desde sempre, af inal.

Esquento sua cama, f aço companhia e dou colo quando precisa chorar ou não consegue dormir. Ela prepara meu caf é quando me atraso, me ouve reclamar sobre o trabalho, ri das minhas piadas bobas e cuida de mim quando estou doente. Mas nunca vai passar disso.

Nunca vou ser a pessoa que ela liga no meio da noite para dizer que tem um peru assassino no quarto[7], ou porque gosta de escutar minha voz. Nunca vou ter uma f amí lia ao seu lado, nem andar de mãos dadas com ela para todos os lugares. Nunca vou beijá-la do jeito que quero, porque nunca deixaremos de ser *eu e ela* para sermos *nós.*

No f undo, sempre soube que não sou o suf iciente para ela e está mais do que na hora de aceitar o que Deus, o universo ou seja lá quem estiver escrevendo meu destino, tenta me alertar há tempos.

— Vai com Deus, meu menino. Vou sentir sua f alta, eu amo você.

Beijo sua testa, com um nó entalado na garganta. Me sinto culpado por não conseguir dizer de volta. Pelo menos, não mais.

Depois de tudo que passamos juntos e de tudo que me f ez sentir, olhar para Olivia, dói. Tudo o que consigo sentir por ela hoje, é pena e mágoa.

Quando a olho, ainda sinto a dor de apanhar sem motivo algum rasgar a minha pele.

Eu nunca vou conseguir perdoá-la por isso, nem por todos os anos de abuso psicológico que me causou até que me transf ormasse na pessoa insegura e deprimente que sou hoje.

Saio do centro de reabilitação transtornado, me sentindo pior do que quando entrei.

As lágrimas me vencem quando chego no carro. Me debruço sobre o volante, chorando, sem me importar com o barulho ou em parecer f raco para quem olha para dentro. J á f az um tempo que não ligo para o que vão achar de mim.

Parece que estou vazio e a única coisa que me mantém vivo é a dor.

A dor de não ser bem vindo.

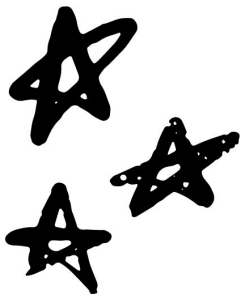
De não ser suf iciente.

De não ser amado.

De não ser bom.

Ao contrário da minha mãe, eu nunca precisei de drogas.

Tudo que amei, me destruiu o suf iciente para me causar traumas pelo resto da vida.



Uma hora depois, não sei como cheguei em casa. Dirigi tão devagar por conta das lágrimas que o tempo pareceu parar.

J á é noite quando estaciono em f rente ao portão. Aproveito a porta aberta e vou direto pro quarto, agradecendo por não encontrar ninguém no caminho. Passo reto por Malu indo em direção ao banheiro, mas ela vem atrás.

— L éo, espera! — segura minha camiseta quando atravesso a porta.

Olho para ela e a f orma como me toca, parecendo receosa. Os olhos bonitos me encaram a todo momento, esquadrinhando meu rosto como se procurasse algum machucado.

Me sinto ainda pior por ver seu rosto vermelho. Não quero ser o motivo das suas lágrimas.

Derrotado, apenas me sento no vaso com a tampa f echada. Não demora dois segundos até que esteja à minha f rente, entre minhas pernas.

Não a olho, ao invés disso, descanso a cabeça entre as mãos e as apoio sobre o joelho, perturbado demais para f alar qualquer coisa.

— Onde você estava? — pergunta, parecendo preocupada. — Desculpa, Léo. Não queria ter mentido pra você, mas f iquei com vergonha do que aconteceu e com medo da sua reação. Por f avor, não f ique chateado demais comigo, não f iz por mal.

Não f ez por mal, mas machuca.

Machuca saber que pref eriu passar por tudo isso sozinha e que mais uma vez, pref eriu o seu silêncio.

— Onde você estava? — tenta de novo. Malu se ajoelha e segura meu rosto entre suas mãos, me obrigando a encará-la. — Não vai f alar comigo?

Balanço a cabeça em negativa. Só quero descansar e esquecer de tudo. A conversa com a minha mãe me deixou conf uso e pensativo.

— Agora não — sussurro, a um passo de chorar novamente.

Não quero que pense que é sua culpa. Mas também não quero contar o porquê de estar assim. Sei bem o quê e a *quem* vai dizer.

Meu pai me proibiu de visitar Olí via sozinho e sei que, quando f icar sabendo disso, vou me meter em muitos problemas com o velho.

Ela levanta e quando penso que irá sair, começa a mexer no meu cabelo, deixando minha cabeça colada a sua barriga. Abraço suas pernas, como se de alguma f orma, estar perto dela aplaque o que sinto.

Funciona um pouco, ajuda a me relaxar e esquecer por alguns minutos o mundo lá f ora. Porque não importa o que pense ou sinta, Maria Luí za sempre será meu ponto de paz.

Suas mãos deslizam por minhas costas até meus braços, num pedido silencioso para que me levante.

Ganho um beijo no ombro quando o f aço e me sinto uma criança, ganhando doce por qualquer avanço que dá. *Ninguém aqui est á*

reclamando.

— Vou te esperar lá f ora, tá bom? — diz antes de saiṛ sem esperar uma resposta.

Estrelinha tem uma carinha linda, sim. Mas sabe como me ter na palma da mão com essas ordens disf arçadas de pedidos inocentes.

Observo a água escorrer no meu corpo, estático debaixo do chuveiro. Respiro f undo e f echo o registro quando a ouço bater na porta e abrir uma f resta, colocando uma peça de roupa sobre a pia.

Me seco e visto a calça, ignorando a cueca. Saio do banheiro, vendo-a f olhear um livro, sentada na cama.

— Se sente melhor? — questiona olhando pra mim e assinto, mesmo que isso não seja verdade.

— Que livro é esse? — pergunto de volta, tendo a leve impressão de que já o vi antes.

— O primeiro livro que você me deu de presente — responde, com certo orgulho em sua voz e eu sorrio quando me mostra a capa.

A edição que segura de *O Pequeno Prí ncipe* é limitada. Fiz meu pai me levar para a f eira e passar uma madrugada inteira na f ila para comprar o nosso livro f avorito e presenteá-la em seu aniversário de nove anos. Achei que ela tinha se desf eito.

— Está todo machucado — resmungo.

— Também há beleza nas coisas quebradas, L éo.

Malu deixa o livro de lado e entra no banheiro, me deixando pensativo. Ela volta com uma toalha de rosto nas mãos e se encaixa entre minhas pernas, jogando o tecido f elpudo na minha cabeça, esf regando de um lado para o outro sem paraṛ como se eu f osse um cachorro.

Faço uma careta de dor quando começa a passar o pente entre os fios já longos, retirando os nós.

Distraído, começo a traçar pequenos círculos em seu quadril, indo em direção a sua barriga, sorrindo quando a vejo se arrepiar.

Beijo o vale entre seus seios por cima da camiseta e apoio meu queixo aqui, olhando para o seu rosto concentrado no que faz.

Estrelinha é tão linda…

Ela merece alguém melhor, eu sei disso. Mas todas as vezes que sorri, ou parece confortável em minha presença, meu coração bobo se enche de esperanças e começo a fazer planos que parecem impossíveis

— Por que a gente não pode só recomeçar? — a pergunta escapa antes que possa evitar. — Ainda dá pra continuar de onde paramos.

Não preciso explicar. Malu também lembra e gosto de acreditar que deseja isso tanto quanto eu.

Não falo do selinho de ontem. Foi incrível, mesmo que simples. Aquilo reacendeu em mim lembranças de um tempo distante em que nós dois não éramos apenas amigos.

Um tempo que durou muito pouco, mas que foi memorável o suficiente.

— Leonardo…

— É sério. Por que não demos certo?

— Não era a nossa hora — dá de ombros, com um semblante chateado.

— Agora é? — pergunto e ela tomba a cabeça para o lado, como se estivesse pensando. — Me responde uma coisa, Estrelinha.

— O quê?

— Se um dia decidir se apaixonar de novo… eu tenho alguma chance?

Uma vez, depois que começou a morar no apê da f rente, Malu me disse que não queria um relacionamento tão cedo, porque isso era perda de tempo e psicológico.

Mas aí ela me olha e sorri. Ninguém imagina o turbilhão que esse par de esmeraldas carregam.

— Claro que sim, bobinho — responde. — Agora anda logo, preciso terminar de ler um livro incrí vel que comecei ontem e você precisa se alimentar…

Ela segura meu pulso e procura seu Kindle, me arrastando para f ora do quarto sem resistência alguma, enquanto f ala sobre o personagem ser um babaca com a mocinha e o quanto deseja que ele se f oda.

Eu apenas a escuto, prestando atenção em todas as palavras que saem da sua boca bonita.

Capitulo 11

acorda, mas pode ser sem pressa
lá f ora o dia começa cedo
e nós não temos tempo a perder
e aqui dentro, o tempo passa lento
nunca me arrependo de perder esse tempo com você

Dei xa -*L agum*

Maria Luiza

— MARI A L UÍZA!

Desperto com gritos e minha porta quase sendo arrombada. Tento levantar mas algo me impede, olho pra baixo vendo L eonardo dormindo com a cabeça na minha barriga. Suas mãos circundam minha cintura e seus pés estão para f ora da cama. Me pergunto como paramos nessa posição.

Tento me desvencilhar dele, mas L éo me aperta ainda mais.

— Malu, o caf é tá na mesa — tia Helena volta a f alar— Quando decidir desgrudar do seu namorado, já vai ter esf riado.

Acaricio seus cabelos e ele se esf rega em mim de volta.

— Não para, tá gostoso — resmunga, sonolento, rastejando até enf iar a cabeça no vão do meu pescoço, a barba áspera roçando meu ombro. — Tá cheirosa, Estrelinha…

Sua voz rouca me arrepia de uma f orma nada inocente.*O que est á acont ecendo comigo?*

Me pego pensando na noite em que ele chegou e no quase beijo que rolou antes de Fernanda estragar tudo.

A sensação de ter sua boca tão próxima à minha f oi agridoce. Um misto de ansiedade e reconhecimento. Foi inesperado, mas, ao mesmo tempo, eu queria *muit o*aquilo.

Léo se remexe e expira f orte, antes de levantar a cabeça, beijar meu rosto e voltar a se enf iar no meu pescoço, arrastando a barba por f azer local, me f azendo rir

Ele ainda está dormindo, apesar de não parecer. É sempre assim, grudento e carinhoso, na medida certinha.

Demora mais pouco até que boceja e se apoie nos cotovelos e tire seu peso de cima de mim, me encarando.

— Bom dia — ele beija minha bochecha. — Por que você nunca me acorda quando tô te esmagando?

— Você dorme igual pedra, Leonardo. Tia Helena f ez um escândalo e você mal se mexeu.

Ele sorri e eu f aço o mesmo. Passo uma mecha do seu cabelo atrás da orelha e meu sorriso morre aos poucos quando lembro de como estava ontem. Eu não sabia o que f azer, *porque não sabia o que t inha*

*acont ecido.*Quer dizer… em partes, sei que o que causou isso f oi a minha mentira. Mas tem algo a mais. E eu pref iro pensar que não é o que eu acho.

Não tenho muito tempo para pensar nisso, porque no segundo seguinte em que percebe minha expressão, sou atacada por cócegas. Me contorço, rindo e gritando.

— Para, Léo! — tento f ugir mas ele me prende com seu peso.

— Diz que sou lindo — ele pede, rindo.

— Não! — desaf io e ele volta a me atacar — Para, eu f alo! Eu f alo! Você é lindo, um grande gos…

Coloco as mãos na boca ainda rindo quando quase deixo escapar, mas Leonardo, obviamente, não. E eu me aproveito da sua distração para pular da cama e me desviar do toque que me deixou of egante.

— Grande gostoso, é? — seu sorriso convencido se amplia. — Termina de f alar, quero ouvir você dizer…

Dou um passo para trás e ele se apressa, tentando me alcançar e eu corro para o banheiro rindo e o ouvindo praguejando do lado de f ora.

— Uma hora você vai sair daí , sabe disso, né?

I gnoro ele, começando a cantar alto. Léo gargalha e eu entro no box. Ligo o chuveiro no f rio e tomo meu banho, só depois me dando conta de que me esqueci de pegar as roupas.

— Leonardo? — chamo, tentando soar arrependida por ter batido a porta em sua cara.

— Oi, Estrelinha.

— Pega uma roupa pra mim?

Consigo ouvi-lo buf ar e resmungar algo que não consigo entender Alguns minutos depois uma f resta da porta se abre e ele me entrega um vestido.

— Cadê a calcinha, Léo?

— Não pode me pedir pra mexer nas suas calcinhas — ele lamenta.

— Não vou usar um vestido sem calcinha! Quero a preta de renda.

— Ótimo, tinha que ser minúscula — a f resta se abre novamente, ele segura a calcinha pelo f undo com o indicador e eu estapeio sua mão, rindo. — Mas é bonita, sabe? Só que agora não consigo parar de te imaginar com ela.

— Eu não reclamo das suas roupas — digo enquanto me visto. Leonardo estala a lí ngua. — Sabia que eu tenho menores que essa?

— Não f az isso…

Saio rindo e ignorando a série de palavrões que ele solta até f inalmente entrar no banheiro pisando duro, quase me derrubando no caminho.

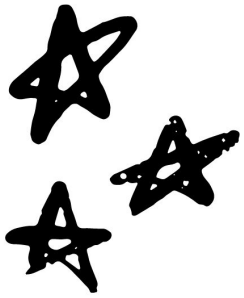
— Léo? — chamo, abrindo uma f estinha na porta para que ouça melhor.

— Oi, Estrelinha.

— Não tô te pressionando, tá bom? — começo. — Mas em algum momento… a gente vai conversar sobre o que aconteceu ontem?

Ele demora a responder. Encosto a cabeça na porta, quase f echando ela de novo quando ouço um suspiro cansado;

— Depois.



— O que você está f azendo? — pergunto quando me aproximo e o vejo desligar o notebook.

Depois do banho demorado dele, de um almoço incrivelmente silencioso e das minhas tias encherem nosso saco por só f icarmos no quarto, nos jogamos no sof á. Mas L eonardo está com a cara enf iada no notebook há duas horas.

Eu *t ent ei* me distrair, mexendo no celular e puxando assunto com as minhas tias, que não saem de lá desde cedo. Mas não gosto de f icar f azendo a mesma coisa por muito tempo, é entediante e eu odeio f icar entediada.

— Nada — ele responde, tirando o f one e suas bochechas coram. *Tão f of inho, dá vont ade de apert.ar*

— Não me diz que tava assistindo pornô.

— Estrelinha?! — exclama, indignado.

At é parece que eu nunca vi ele f azendo isso.

— Vai saber, né? Você desligou quando cheguei perto.

— Por que eu assistiria pornô com você do meu lado?

— Me conta o que era.

— Estava escrevendo um negócio.

— Para a empresa?

— Não… quer dizer, também. É o meu projeto, lembra dele?

— Sim, é sobre o quê?

— Não vou te contar — ele revira os olhos e eu cruzo os braços.

— Tá — levanto, mas ele me puxa para si até que eu caia em seu colo.

— Calma, esquentadinha. Vai pra onde?

— Não vou te contar — dou de ombro, desviando meu olhar do dele.

— Tô escrevendo um livro — diz baixo.

— Não entendi — respondo, querendo ouvir novamente, só pra ter certeza. Leonardo respira f undo, como quem busca paciência.

— Você ouviu. É besteira.

— Um livro nunca é uma besteira — retruco. — Mas vai lá, me f ala mais sobre ele, tô curiosa.

— Quer saber sobre o meu livro? — Léo parece impressionado com meu pedido.

— É! Você não pode contar nada? Nenhum *spoiler?* — f aço um beicinho, tentando convencê-lo.

— O que você quer saber?

— Tem putaria? — Leonardo revira os olhos com a minha pergunta.

— Um livro não se resume a cenas de sexo, Maria Luí za.

— Claro que não se resume a isso, mas é a mesma coisa que dizem sobre julgar um livro pela capa.

— Na verdade, um bom livro precisa de uma boa capa — ele repete meu mantra.

— Viu como você aprende rápido? É por isso que você é o meu melhor amigo.

Me inclino para beijar sua bochecha, mas ele se inclina e acabo beijando o canto da sua boca. Leonardo me segura antes que me af aste e aquele clima volta. Não há mais sorrisos ou brincadeiras, apenas olhos nos olhos e essa proximidade ardente.

Encarar seus olhos de perto me traz uma sensação de paz, é como olhar para o mar. Ele me encara de volta e desvia para a minha boca.

Não entendo quando segura minha mão e a coloca em seu peito, disparado.

— Se não me parar agora, eu vou te beijar — sussurra. — E não vou parar mais.

Volto a encarar seus olhos, procurando algum resquí cio de brincadeira. Meu coração e minha razão parecem duelar sobre o meu próximo passo.

O que eu t enho a perder?

É pensando assim que não penso duas vezes antes de f echar a mão em sua camiseta, puxando-o para minha direção.

Leonardo, f inalmente, me beija.

Capitulo 12

f az de conta que eu te conheço bem
quer algum detalhe pra te convencer?
que a gente combina só você não vê
mas eu vejo, eu vejo, ah

P upi l a *Anavit ória part . Ÿ t or K ley*

Leornado

Se me perguntarem quando percebi que estava apaixonado por ela, eu saberia responder com clareza de detalhes tudo o que aconteceu naquele dia.

Era domingo, estava quase anoitecendo e as estrelas começavam a aparecer. Gabriel, Bruno, Vicente e eu tí nhamos o costume de deitar na grama e encarar o céu por horas a f io, calados. Até que um f uracão loiro chegasse e nos arrastasse para brincar com ela com a desculpa de que não tinha nenhuma amiga.

Gabriel divagou sobre constelações de estrelas e sua origem, que serviam para indicar a direção e o tempo, como uma bússola. Ele era

apaixonado por tudo que envolvesse o universo.

— A maior constelação da esf era celeste se chama *Hidra*, sabiam? Mas a mais importante de todas mora no rosto da minha Estrelinha.

Bruno e Vicente — que mal entendia o que f alávamos, por ser tão pequeno — riram, implicando e Gabe mostrou a lí ngua para eles.

Malu escolheu aquele momento para chegar e eu pude reparar nas sardas que já admirava em silêncio. Eu simplesmente soube que aquela constelação me guiaria pelo resto da vida.

— Por que ninguém me chamou? — em sua melhor pose de brava, Malu se jogou ao meu lado.

— Você é chata — Bruno provocou.

— Você é velho — rebateu e eu ri quando ele emburrou.

— Bem f eito, otário — chutei ele, vendo-a sorrir

Ela sorriu para mim.

Me senti o garoto mais sortudo do mundo e eu só tinha dez anos. Aquela f oi a primeira vez que senti as f amosas borboletas no estômago e depois daquele f im de tarde, orbitei ao seu redor como um lunático, ansiando para estar perto dela todo santo dia.

Pena que ela não vê isso.

Estrelinha sempre f oi e sempre será a única dona do meu coração, mesmo que nunca saiba disso. Ela só precisa me lançar um sorriso para me ter aos seus pés, f azendo todas as suas vontades.

Me surpreendi quando quis saber sobre meu livro, não estava esperando por *essa* reação quando soubesse.

Não achei que f osse se interessar por algo escrito por mim e nem que eu cederia tão f ácil ao ponto de não precisar de mais que duas f rases para me convencer.

— … é por isso que você é meu melhor amigo.

Porra, Malu! Assim você me f ode, caralho!

E nem é do jeit o que eu queria.

Esse, é mais um dos pontos negativos em estar — secretamente — apaixonado pela sua melhor amiga: ela acha que você a considera do mesmo jeito, quando, na verdade, você está imaginando os dois subindo ao altar e uma rotina com dois f ilhos e um cachorro. Todo mundo grudado debaixo da coberta quentinha nos dias f rios e uma casa barulhenta e f eliz, mas cheia de implicância e brigas bobas que são resolvidas em menos de cinco minutos.

Eu quero tudo isso e mais um pouco com ela.

Malu se inclina para beijar minha bochecha, mas ao me mover, ela acaba beijando o canto da minha boca.

Seguro-a contra mim é mais uma vez e me pego f issurado pelas sardas. Eu poderia contar uma por uma pelo resto da minha vida.

Quando desvio o olhar para sua boca e ela f az o mesmo, eu me declaro f odido. Eu vou —*f inalment e*— beijar essa mulher hoje, só assim posso morrer em paz.

Seguro sua cintura, sentindo a pele quente e macia sob meus dedos, a puxando para mim. Posiciono sua mão no meio peito. Não só para que sinta meu coração acelerado, mas que me impeça caso já esteja conf ortável com isso. Estou morto de vontade de provar sua boca novamente, mas isso não signif ica que o f arei sem seu consentimento.

— Se não parar, eu vou te beijar. E não vou parar mais.

Malu me encara por segundos que parecem horas. Eu penso que vai novamente dar para trás, mas sou surpreendido quando me puxa em sua direção.

Quando nossos lábios colidem, mais um pedaço de mim se torna dela, mais o sentimento cresce e me sinto ainda mais apaixonado.

Pat ét ico, L eonardo.

Não quero mais ninguém.

Só ela.

Essa f ilha da puta f inalmente conseguiu me estragar para as outras mulheres, mas não é como se eu não soubesse disso.

Mergulho minha lí ngua por entre seus lábios com f ome, como se minha vida dependesse dela. Meus braços envolvem sua cintura, não querendo que saia de perto de mim. *Não t ão cedo.*

Meu coração parece dar cambalhotas dentro do peito e acelera ainda mais quando uma das suas mãos vem para o meu rosto, acariciando minha bochecha. Malu sabe que mexe comigo.

I gnoro o barulho de metal caindo e continuo a beijá-la até que nos f alte ar Solto um gemido de reprovação quando se af asta of egante. Subitamente, me sinto vazio mesmo que seu rosto continue próximo.

— Vocês podiam ser menos f of oqueiras, sabiam? — abro os olhos quando ouço sua voz.

Helena, Amélia e Cristal nos encaram na mesma posição: com o queixo apoiado nas mãos. Rio quando as três soltam suspiros ensaiados e tombam a cabeça para o lado, ignorando-a.

— Tão f of inhos — Cristal diz.

— Vi os dois nascerem — Amélia continua.

— Eu podia ter sido a madrasta dele.

— Helena, para com isso! — Malu repreende, emburrada. *Ciumenta.* — Já falei pra deixar o meu padrinho quieto.

— É melhor falar direito comigo, garota. Você não quer que eu conte pro Léo aquele seu segredinho, quer?

Volto a encarar Malu, vermelha igual a um tomate, fuzilando a tia com os olhos. Estreito os meus pra ela ainda no meu colo e mexendo em meu cabelo distraidamente.

— Léo, sabia que uma vez ela chamou o…

— Tia! — ela exclama, interrompendo a outra.

— Hum, melhorou. E se os dois vão continuar a se agarrar desse jeito, é melhor irem pro quarto. Na minha cabeça, vocês ainda são crianças — Helena aponta para nós com uma faca.

— Quem tá se agarrando? — a voz grave faz com que todos nós encaremos a porta. Reviro os olhos. *Só pode ser brincadeira.*

Pedro atravessa a porta e parece incrédulo quando me vê aqui. Seu olhar desvia para Malu e parece estar com raiva quando ergue a sobrancelha para ela em uma pergunta silenciosa.

— Perdeu alguma coisa? — pergunto.

Me ajuda a não quebrar a cara dele, Deus. Eu nunca te pedi nada.

Quer dizer, só a Malu.

Sinto um beliscão na lateral do meu abdômen, que certamente ficará roxo — novamente, *não do jeito que eu gostaria* — mas ignoro, ainda encarando Pedro, que mal me olha antes de dar as costas em direção às escadas.

Não acredito que vai f icar aqui também. Era só o que f altava.

As tias de Malu e Cristal, voltam a trabalhar na cozinha, alheias ao clima tenso que se f ormou entre nós.

— O que f oi isso, L eonardo?! — Malu pergunta, entredentes.

— O quê? — me f aço de desentendido.

— Essa ceninha teria sido menos constrangedora se você tivesse colocado o pinto pra f ora e f eito xixi em mim.

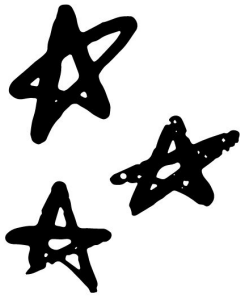
Ah, linda… de t odas as coisas que quero f azer quando t e most rar meu pau, essa, def init ivament e, não est á na list a.

Rio com meu próprio pensamento, o que claramente não é uma boa ideia, já que ela cruza os braços e sai do meu colo.

— Ah não, Estrelinha — lamento, segurando sua cintura e a puxando até que se ajoelhe no sof á, no meio das minhas pernas. — Desculpa, tá legal? Prometo que não f aço mais isso — ela descruza os braços e acaricia minha bochecha. Sem a menor vergonha na cara, continuo: — Agora dá pra voltarmos de onde paramos?!

— Manda o livro pra mim e eu penso no seu caso — ela esf rega o nariz no meu e sorri antes de levantar e ir em direção às escadas, me deixando sozinho, observando sua bunda, até sumir do meu alcance.

Respiro f undo antes de f azer uma cópia do arquivo ainda não f inalizado — não sem apagar algumas partes antes — e mandar para o seu e-mail, recebendo apenas um "*obrigada*" como resposta.



Entro no quarto alguns minutos depois, disposto a me redimir e em busca de mais um beijo.

Malu ignora minha presença, f ocada no Kindle e deitada na cama. Me sento na poltrona ao lado da cama, observando suas expressões enquanto lê. Desvio a atenção para o celular, que não para de vibrar com mensagens de Vicente.

Vicent e: Quando vocês vão se pegar?

Vicent e: Comprei conf etes e até f iz uma oração, se não rolar nem um selinho eu desisto de vocês.

Vicent e: Todo mundo sabe que vocês estão casados há tempos, só os dois que não vêem.

Vicent e: L eonardo???

Vicent e: Vai responder não, corno???

Vicent e: ???

Vicent e: Amo quando *vc* me deixa no vácuo.

Eu: Talvez tenha rolado algo.

Vicent e: I SSO AÍ, CARAL HO. VOCÊ É BRABO.

Vicente: Mas rolou o que? Quando?

Eu: Agora a pouco.

Vicente: Isso eu entendi, mas que coisas?

Vicente: Uns *bjo?* Amassos? Mão boba? Sexo?

Vicente: ESPERA NÃO ME DIZ SE FOR SEXO, NÃO QUERO IMAGINAR ISSO

Eu: Não tem coisa melhor pra fazer não?

Vicente: AI MEU DEUS! FOI SEXO, NÃO FOI? VOCÊ DESVIRGINOU NOSSA PRINCESINHA!

Eu: Não foi sexo, Vicente. E a Malu não é virgem, de onde você tirou isso?

Vicente: Se ela não é virgem *pq* eu nunca soube quem tirou a virgindade dela?

Eu: *Pq* não é da sua conta.

Eu: Vai dormir, caralho.

Vicente: Não dá, você nem tá aqui pra me esquentar, sempre me trocando pela Malu.

Vicente: O que ela tem que eu não tenho?

Eu: Contei sobre o livro…

Vicente: Puta que te pariu.

Vicente: O que ela achou da descrição da Madalena?

Eu: Talvez eu tenha apagado essa parte.

Vicente: Você é a vergonha da profissão.

Vicente: Me ajuda a te ajudar, Leonardo.

Vicente: Era a sua chance.

Vicente: Se bem que eu acho que nem assim a lesma entenderia.

Eu: Para de chamar ela assim!

Vicente Parei, seu chato.

Vicente: Tô com *sdd* : (

Eu: Também tô.

Vicente: Fofo. Tá aprendendo com a nossa Estrelinha, é?

Eu: Minha Estrelinha, Vicente. M-I -N-H-A.

Vicente: Deixa de ser egoísta, tem Malu pra todo mundo.

Ignoro as próximas mensagens provocativas e reviro os olhos quando jogo o celular de qualquer jeito na mesinha de cabeceira. Quando volto meu olhar para Malu, ela o desvia de mim e volta à leitura com um sorrisinho cínico no rosto.

Linda.

Capítulo 13

que coincidência, ó
eu sozinho e você só
por que que a gente não se amarra
um no outro e dá um nó?

Água com Açúcar *- Luan Santana*

Maria Luiza

Eu: Anna, socorro.

Anna: Fala, amiga.

Eu: Que pegada. Tô de perna bamba até agora.

Anna: Deu muito?

Eu: Só beijei, acredita?

Anna: Caralho, Malu. Eu achando que sou emocionada e *vc* de perna bamba *pq* de um beijinho.

Eu: Não f oi um beijinho. F oi*O* beijinho.

Anna: Dá pra ele logo. Vocês têm quí mica e são apaixonados um pelo outro.

Eu: J urou, coitada.

Anna: Você mesma me disse outra vez que o L éo estava agindo dif erente com você.

Eu: Mas pode ser coisa da minha cabeça, né?

Anna: Acorda amiga, um pau duro nunca mente.

Eu: KKKKKKKKKK talvez você esteja certa mesmo.

— Vai continuar me ignorando? — sua voz irrompe o silêncio entre nós.

L evanto os olhos do celular para ele, me encarando impaciente e reviro os olhos. Chego um pouco mais para a ponta da cama, f icando próximo a ele, que está sentado na cadeira giratória da escrivaninha.

Essa é uma das caracterí sticas dele que eu mais odeio: L eonardo não sabe respeitar o espaço dos outros a sua volta e isso é, quase sempre, irritante. Ele não tem nem vergonha nessa f uça bonita.

— Estrela? Tá chateada?

— Não, L éo.

A verdade é que estou conf usa.

J á o beijei antes. Muitas vezes, aliás. Mas nunca pareceu tão natural. Não que das outras f ossem ruins ou menos especiais, é que agora *eu* me sinto dif erente sobre isso e tenho medo de não conseguir agir como antes.

Quero beijá-lo novamente, não nego. Minha boca ainda está f ormigando, como se ansiasse por mais disso.*Mais dele.*

Mas, ao mesmo tempo, não quero que f ique um clima estranho entre nós ou que isso nos af aste. E se ele não quiser que isso se repita?

Será que ele vai f ingir que nada acont eceu? Ele gost ou do beijo? Ou será que me comparou com out ras?

Falando em outras…

— Há quantos meses você não transa? — a pergunta escapa, do nada. Leonardo me encara como se não esperasse pela pergunta.

Nos últimos meses, a única mulher que tem f requentado o 203 é a Amanda, a *não-namorada* do Vicente. E quando o Léo não está no trabalho, está na minha casa.

— Por que quer saber disso? Estava me ignorando há dois minutos.

— Não estava te ignorando, estava concentrada. É dif erente. Aliás, cadê o *hot* da Madalena e do Ícaro?

— Tá nervosa? — ele pergunta com uma risadinha.

Sim.

— Não, por quê?

— Você f ala em sexo quando f ica assim.

Eu f alo? Como ele sabe disso?

Dou de ombros, deixando os milhares de questionamentos que se f ormam na minha cabeça, percebendo que está, na verdade, f ugindo do assunto.

— Não respondeu minha pergunta — acuso, tombando a cabeça para o lado e olhando para seu rosto corado.

Amo esse seu lado envergonhado. Leonardo é um f of o em uma casca oca de durão.

— Não sei, parei de contar no quinto mês — murmura, percorrendo meu rosto com a ponta dos dedos.

— Sério? Mais de cinco meses? Tá tentando entrar em celibato?

— Por que não f ala mais alto, linda? Acho que nem todo mundo na casa ouviu — atiro um travesseiro nele, que ri em resposta.

— Odeio quando você é irônico — buf o.

— Ainda está chateada?

— Não tô chateada.

— Então por que tá agindo estranho? — mordo os lábios, sem saber o que responder. Léo acompanha o movimento e se remexe na cadeira, desconf ortável. — Foi por causa do beijo? Desculpa, não queria que você se sentisse…

— Não! — interrompo, um pouco mais exaltada do que gostaria. Me sento sobre os cotovelos e coloco uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. — Quer dizer, sim. Mas não como você está pensando… é só que pareceu dif erente das outras vezes.

— De um jeito bom ou ruim?

— Melhor — digo, olhando em seus olhos. — E você?

— Tá me perguntando se eu gostei de ter te beijado de novo? — assinto. — Pra caralho! Seria capaz de f azer isso pelo resto da minha vida.

— Não exagera — jogo outro travesseiro nele, sem graça.

— É sério, Estrelinha — então, ele levanta e para na minha f rente. — Quer começar a partir de agora?

Suas mãos seguram f irme a minha cintura em um aperto muito bem vindo. Tombo minha cabeça para o lado, me f azendo de dif í cil e sinto seu nariz percorrer a pele quente do meu pescoço, me deixando arrepiada.

— Hum… tenta mais um pouco.

Fecho os olhos e seguro em seus ombros quando ele deixa um beijo no meu e começa a f ormar uma trilha no caminho até minha orelha, gemo baixinho quando mordisca o local.

— E agora? — sussurra.

— É, podemos sim.

Leonardo beija minha bochecha, meu nariz e quando f inalmente está vindo em direção a minha boca, a porta se abre.

Abro os olhos, despertando do transe e Leonardo buf a, ainda com as mãos em mim.

Qual o problema dessa f amí lia?

Miguel sorri de canto, parado na soleira da porta. Os olhos esverdeados parecem exaustos e o cabelo escuro está maior, o que o f az parecer mais velho, quando na verdade, não passa dos vinte e oito.

Meu primo é capitão do BOPE e pai do Théo, um garotinho de oito anos. Miguel é um pouco f echado e está sempre ocupado, se não está trabalhando, está viajando com sua f amí lia. Apesar da distância, nós dois nos damos muito bem e sempre que preciso, posso contar com ele ou sua mulher, a Cristal.

— Atrapalho? — ele diz, com uma f alsa expressão de inocência.

— Não.

— Sim.

Respondemos ao mesmo tempo.

— O seu primo f avorito não vai receber um abraço? — ele abre os braços e dá alguns passos para a f rente.

— Sabe que é o único — sorrio, antes de levantar da cama e me atirar em seu peito. — Ainda consigo te ver pelo espelho, Leonardo — reclamo, quando o vejo mostrar o dedo para meu primo.

— Dona Helena e minha mãe precisam de ajuda para ir às compras, porque hoje é a f esta de noivado e só f icou sabendo hoje — dispara. — Por que um buff et tão grande?

— É um noivado, Miguel — replico, enquanto procuro meu tênis.

Os dois engatam sobre algum assunto paralelo enquanto entro no banheiro e me troco.

— Ainda não acabamos — Léo sussurra quando beijo sua bochecha, me despedindo.

Miguel revira os olhos antes de abrir a porta para mim e sairmos do quarto.

— Porra, Lu. Quando a mãe me contou que você estava namorando com o Léo, achei que f osse mentira.

Se você soubesse…

— Por que? — pergunto, rindo da sua reação.

— Ah, você sabe. Todo mundo sabia que vocês f oram f eitos um para o outro, mas você pref eriu aquele outro lá — diz a última parte mais baixo.

— F alando nisso, por que você sempre odiou *o out ro lá?*— pergunto curiosa, vendo meu primo f icar mudo. — Miguel?

— Nada, L ulu. Só não gosto dele.

— Mas…

— Minha princesa! — a voz histérica de tia Helena preenche a sala quando nos aproximamos. — Achei que ia f icar para sempre no quarto. Se bem que, com um bonitão daqueles eu também não sairia de cima por nada.

Gargalho quando Miguel cruza os braços a encarando. *E ainda dizem que eu sou a ciument a da f amí lia.*

— Menos, tia. Bem menos.

— Ah, lindo. Não precisa f icar enciumado, só f alei a verdade — barganha, f icando na ponta dos pés para beijar sua bochecha. Todo mundo sabe que o ponto f raco do Miguel é receber carinho. — Agora vamos, preciso de um vestido bem bonito, com um decote enorme.

— Tô de olho, tia. Não deixa ela aprontar nada, Malu. L embra que ela já está chegando aos cinquenta.

— Eu tenho quarenta e dois, Miguel. Me respeita que eu não sou suas mulheres.

— Que mulheres? — Cristal aparece arrumada.

— Nenhuma, amor da minha vida — ele rebate e se inclina para beijá-la, que gentilmente se esquiva. — Amor, é coisa da Helena.

— Tia Helena! — corrige.

— Não quero saber, Miguel. Cuida do prí ncipe, ele está dormindo e é melhor eu não saber que você deu sorvete para o garoto.

— Você me chamou de quê? Não me teste, mulher — ele exaspera e eu e minha tia rimos do seu drama. — Vai f icar chateada por uma invenção dessa maluca? — meu primo tenta beijar a esposa novamente. — Tá vendo o que você f ez, Helena?

Nossa tia lança um sorriso amarelo nada culpado antes de dar as costas e me puxar. Cristal vem logo depois, ignorando as reclamações do seu marido. Ela para do lado de f ora e olha para a f achada da casa, um sorriso toma conta do seu rosto quando me encara.

— É, Malu… acho que você conseguiu f isgar o melhor dos homens.

Olho para a mesma direção e também sorrio encantada. Com uma piscadela, Leonardo solta um beijo no ar para mim, do parapeito da sacada.

Quem me dera f osse realment e meu.

Capítulo 14

vamos pular
a parte que eu peço aquele vinho do bom
a taça não merece tirar seu batom
deixa comigo, que pra isso eu tenho o dom

Atrasadinha *Felipe Araujo*

Leonardo

Não. Aguento. Mais. Esperar.

— Maria Luíza! — bato na porta do banheiro pelo que parece ser a milionésima vez. Já faz duas horas que está lá dentro.

— Desce na frente, seu apressado. Que porra! Demora mil anos para se arrumar e ainda quer que eu seja rápida — ouço-a resmungar.

Reviro os olhos e faço o que pediu, saindo do quarto antes que comece a atirar coisas em mim. Ninguém aguenta essa mulher estressada.

— Sobrinho lindo! — mal dou um passo para f ora antes de ser chamado por Amélia, acompanhada de sua irmã.

— Estão lindas, moças — elogio as duas, sorrindo.

— Ai, que f of o — f aço uma careta quando aperta minha bochecha de propósito, sabendo que odeio isso. — Tão galante quanto o pai.

Helena espreme os olhos e arqueia a sobrancelha direita.

— Como assim como o pai? Aquele sem vergonha já deu em cima de você?

— Em quem o Enrico não deu em cima, Helena?

— Que f ama é essa do meu pai, hein?

— I h, Léo. Nem te conto — Amélia começa. — Seu pai era um mulherengo de carteirinha. E essa aqui — aponta para a outra. — Era doida por ele. O saf ado do seu pai mandou até cartinha pra ela e eu nunca soube o que estava escrito.

— Ele deve ser bendito entre as mulheres até hoje, né? — ela se abana. — Misericórdia, subiu até um calor.

— Você já vai começar? Por Deus, o f ilho dele está aqui — aponta para mim.

— Como se ele f osse inocente. Olhe para a cara dele de quem sabe chup…

— HELENA! — Amélia repreende, me f azendo rir.

Elas começam a discutir, mas eu não consigo mais prestar atenção porque acaba de surgir uma loira ao meu lado, sorrindo para mim.

— Esse aí já está no mundo da lua — Helena ri. — Como eu disse, Maria Luí za encontrou o melhor dos homens. Aí se o pai dele me desse

bola…

— Vamos, Helena. Deixa os dois pombinhos em paz — Amélia diz, puxando sua irmã até sumirem corredor af ora.

O vestido rosa bebê de cetim é simples, de alças f iní ssimas e decote comportado. Mas, porra, Maria Luí za de batom vermelho deveria ser considerado um pecado.

Minha boca seca e meu sangue esquenta, agora, tudo que eu consigo imaginar é ter a marca desse batom em um lugar bem especí f ico.

Desço os olhos pelo seu corpo, demorando nas pernas torneadas à mostra e o salto alto que a deixa ainda mais gostosa.

Seu cheiro me alcança e eu f echo os olhos, maravilhado com a perf eição que essa mulher é.

— Não vai dizer nada, querido? — debocha, com um risinho sem vergonha, parecendo saber exatamente o que estou pensando.

— Gata para um caralho — seguro sua mão, f azendo-a dar uma voltinha, pelo mero prazer de ser uma olhadinha na bunda arrebitada. — Nunca te vi de batom vermelho.

— Tá exagerado? — pergunta, parecendo preocupada.

— Está perf eita. Desse jeito, vou acabar me apaixonando.

Só você não vê que isso já acont eceu há t empos, Est relinha.

— Para de ser bobo, Léo — ela ri, com as bochechas vermelhinhas. Ainda admiro sua capacidade de não ser boa em receber elogios, mesmo que eu os f aça o tempo inteiro.

Malu olha para os dois lados do corredor antes de levantar a mão e f azer um sinal para que me aproxime, como se não estivéssemos perto o

suf iciente. E eu vou. Porque, não é novidade para ninguém; eu f aço qualquer coisa que me peça.

Antes mesmo que eu possa tomar uma atitude, sua mão alcança meu queixo, abaixando minha cabeça até minha boca estar alinhada a sua.

Borboletinhas f ilhas da puta.

Estrelinha só precisa me dar um selinho para me ter rendido.

Seguro sua cintura quando f az menção de se af astar, aprof undando o beijo. Uma das suas mãos arranha minha nuca, enquanto a outra ela mantém no meu rosto. Acho que isso é uma mania, mas eu gosto. Muito.

Gemo baixinho quando morde meu lábio inf erior, o puxando para si antes de me dar dois selinhos rápidos.

— Vamos nos atrasar — diz, quando volto a beijá-la.

— Não me importo — murmuro entre um selinho e outro, ouvindo seu riso abaf ado.

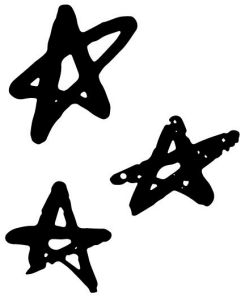
— Anda, Léo. Quem sabe mais tarde… — a promessa implí cita em sua voz me f az consertar a postura, olhando em seus olhos, ainda com um aperto possessivo em sua cintura. Malu gargalha. — Toma jeito, Leonardo.

Ela me dá mais um selinho e esf rega os dedos nos meus lábios, limpando o batom e f azendo o local f ormigar ainda mais.

— Tá bonita, Estrelinha — sussurro, olhando para sua boca.

— Você também tá lindo, Léo — ela rebate, com esse sorriso que eu amo. — Agora, vamos logo.

E eu mal posso esperar para volt armos.



Aos dezenove anos

Despert o, assust ado, com bat idas. Acendo o abajur e olho para o alarme na cabeceira, marcando quase uma da manhã. Me pergunt o o que est á acont ecendo, mas est ou com t ant o sono que mal consigo raciocinar ou pensar em algo.

Demoro a levant ar e as bat idas cont inuam. Arregalo os olhos quando percebo que o som vem, na verdade, da port a da minha sacada e uma silhuet a f eminina se f az present e.

— Ela não f ez isso — resmungo sozinho, abrindo a port a. — Você f icou doida?

Maria L uí za sorri, vest ida com um pijama minúsculo e brega dos Simpsons, passa por mim, pulando na minha cama e gemendo quando seu corpo se choca com o colchão.

— Oi pra você t ambém — ela ri, como se eu f osse o int ruso. — Vem deit ar, L éo. Quero dormir.

— Não podia f azer isso na sua cama? — reviro os olhos, me deit ando ao seu lado, debaixo das cobert as.

— Não queria dormir sozinha. Sei que t e acordei, mas posso f azer carinho e você pega no sono rapidinho.

— Não t em problema. Também não queria dormir sozinho.

— Que bonit i… — Est relinha começa mas cubro sua boca quando ouço passos no corredor. Ela cont inua a f alar e at é t ent a morder minha mão.

— L éo?

Malu se cobre com o edredom bem a t empo da port a se abrir e meu pai aparecer. Me movo preguiçosament e e sorrio para ele.

É, de hoje eu não passo.

— Oi, pai.

— Que barulho é esse?

— Precisei ir ao banheiro e me joguei na cama. F oi mal, não queria f azer barulho.

— Hum... t á bom — ele soa desconf iado, semicerrando os olhos. — Boa noit e, f ilho. Te amo.

— Também t e amo, velhinho — meu pai suspira, se dando por vencido com o apelido.

— Amanhã vamos t er uma conversinha, dona Maria L uí za — ele resmunga, por f im.

— Não vai dizer que me ama t ambém? — ela pergunt a alt o, com a voz abaf ada pelos cobert ores.

— Te amo, Est rela.

— Também t e amo, padrinho. Dorme bem — quase grit a, sem se descobrir. — Ah! Pode f azer umas t orradas de caf é da manhã?

— Posso — sorri, olhando para o mont e de panos at rás de mim ant es de sair resmungando, deixando a port a abert a. — O que eu não

f aço por esses dois?

Capítulo 15

não se arrisque em t ent ar
me escrever nas suas melhores linhas
eu não preciso de alt ar
só vem repousa t ua paz na minha

Cal endár i o*Anavit ória*

Maria Luiza

Seguro sua mão, o arrastando em direção às escadas. Leonardo apoia as mãos nos meus quadris em um aperto f irme mas qualquer resquí cio de f elicidade some um segundo depois.

— Relaxa — ele sussurra e tento me acalmar quando chegamos ao quintal onde ocorrerá a f esta. — Eu tô aqui. Ela não tem mais poder sobre você.

*Na verdade, t em sim.*Mas o Léo não precisa saber disso.

Tatiana usa um vestido curto e uma maquiagem pesada, é como se ainda f osse uma adolescente. O cabelo escuro está mais curto, mas o

sorriso cí nico e f also, continua o mesmo.

Ela é um pouco mais baixa que eu, mas isso não f az dif erença quando seu ego ultrapassa os limites aceitáveis.

Sou uma boba por ainda teme-la. Eu sei. Mas nunca vou conseguir me livrar das correntes que minha madrasta me aprisionou.

Porque as palavras, essas que não amam ninguém, continuam aqui, guardadas em um canto escondido na minha cabeça e elas surgem sempre que estou bem. É um ciclo vicioso, sempre me puxando para baixo.

Dói.

Por mais que eu tente — e acredite, eu quero — não consigo esquecer ou mudar o impacto de tudo o que suas atitudes me causaram. Ou a f orma como sempre me olha ou o jeito que me trata.

Tatiana é o f antasma do meu passado, ao vivo e à cores, me lembrando a todo instante quão f racassada sou.

Desperto quando L éo entrelaça nossas mãos e a aperta, me f azendo olhá-lo novamente, parecendo preocupado.

Respiro f undo uma… duas… três vezes.

Para de pensar nela, L uí za!

Minha madrasta desvia quando Miguel e minha avó se aproximam, mas continua me encarando, f azendo um arrepio subir a minha espinha.

— O que estamos comemorando? Minhas bodas de ouro f oram há anos, menino.

— É o noivado da F ernanda, vovó — Miguel responde, paciente.

— Ah, sim… aquela garota levada deve estar aprontando por aí — ela olha em volta, como se procurasse por minha irmã.

— Não vai f alar com o Léo e a Malu?

— Oi, minha estrela. Está linda, amor. Seus peito cresceram — ela beija minha bochecha e eu rio da f alta de f iltro. Seu olhar desvia para a pessoa ao meu lado e seus olhos chegam até a brilhar. — Oi, Léo. Como você está lindo, f ilho. Nem posso acreditar que você se casaram, o meu anjinho estaria soltando f ogos agora.

Meu sorriso derrapa com a menção do meu irmão.

— Boa noite, dona Maria. A senhora está muito bonita — minha avó ri quando ele a f az dar uma voltinha. É adorável vê-la corar com o simples gesto.

— Opa, opa, garoto — Miguel af asta a mão do Léo da nossa avó, que f ica conf usa. — Que ousadia é essa? A vovó é moça de f amí lia.

— Pare de ser ciumento, anjinho. O Léo só está sendo gentil — sorrio quando ela aperta suas bochechas. Leonardo odeia que f açam isso, mas desta vez, releva, com um sorriso estampado no rosto bonito. — E a Olivia? Como está?

Acho que é inconsciente, mas assim que o nome de sua mãe é pronunciado, o corpo de Leonardo tensiona e ele aperta minha mão.

A relação dos dois nunca f oi boa. Olivia era dependente de álcool e algumas outras coisas ilegais e culpava o Léo pelo f im do relacionamento dela com o meu padrinho e acabava por maltratá-lo.

Por medo do que ela poderia f azer caso ele contasse para o pai o que acontecia quando passava os f ins de semana com a mãe, Léo nunca abriu a boca para reclamar de algo ou contar o que acontecia durante os f ins de semana.

Porém, um dia, quando Bruno e Anna saí ram de um cursinho que f aziam próximo ao prédio que Olivia morava, resolveram buscar o Léo, a pedido do meu padrinho.

Bruno me contou que Anna quis avançar em Olivia quando viu o Léo apanhar com uma toalha molhada, tudo para não deixar marca.

Aquele f oi o estopim para que meu padrinho pedisse a guarda unilateral do Léo. Mas ele, sempre pensando nos outros em primeiro lugar, pediu pro pai ajudar a mãe. Mesmo que depois do ocorrido ele tenha cortado ví nculos com a mesma. Olivia f oi internada dias depois.

I sso já f az catorze anos, mas o Léo ainda carrega cicatrizes daquela época. E nenhuma delas marcam sua pele.

Não lembro da f isionomia dela, mas lembro de tudo que já f ez ele sof rer E para mim, isso basta para odiá-la.

Minhas tias não estavam brincando quando disseram que meu padrinho não tem sorte com mulheres. Entre Olivia e Cí nthia, não sei dizer qual trouxe mais problemas para o pobre Enrico.

As únicas coisas boas que saí ram desses relacionamentos, f oram Leonardo e Luna.

— Está bem, vovó — responde, com um sorriso amarelo.

Sobressalto assustada quando encaixam o braço no meu. O rosto emburrado de Cristal me encara de volta e sem mais palavras, me tira do aperto de Leonardo, que a olha f eio.

— Ai, meu Deus, você tá de bolsa! Alguém morreu? — dramatizo, f alando baixinho só pra irritá-la.

— Dá pra parar? — ela revira os olhos e nos jogamos no sof á.

É impossí vel não lembrar de ontem, depois que o Léo chegou e já estava mais calmo, o arrastei para cá e lemos juntos enquanto discutimos

sobre o melhor jeito de prosseguir a trama daquele livro.

Falando em livros, f oi uma surpresa para mim saber que ele escreve. Passei uma parte da manhã lendo o que ele já tinha pronto e teria continuado se não precisasse sair. A história é realmente muito boa, os personagens são muito bem desenvolvidos. Mas senti f alta das caracterí sticas f í sicas da Madalena, então ainda não sei como posso imaginá-la.

Apesar de trabalhar no ramo literário, imaginei que ele queria seguir os passos do pai, mesmo que apenas para agradá-lo.

Há alguns meses, meu padrinho me contou que percebia o Léo meio insatisf eito, mas sempre que perguntava se era mesmo o que queria, ele apenas conf irmava. Como se essa f osse a única opção.

Luna, que não é boba nem nada, já disse que se o irmão não quer assumir, ela quer. A espertinha já começou até a f aculdade de administração.

— Você está bem, Cristal? — pergunto, quando f ica um tempo tempo demais sem f alar nada. Ela nega, olhando para o nada. — Tá grávida?

— Não f ala isso nem brincando — ela arregala os olhos e eu rio. — Só… f ica calada.

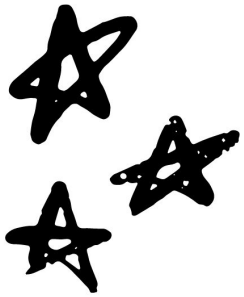
Cristal entrelaça nossas mãos e encosta a cabeça no meu ombro. Ela lida bem com tudo ao seu redor, mas nunca sabe pedir ajuda quando precisa.

Como Fernanda sempre f oi mais próxima dos primos por parte de mãe, e eu sempre tive mais amigos homens, Cristal e Anna costumavam ser minhas únicas amigas. Foi assim que Miguel e ela se conheceram.

Caladas, voltamos a olhar para Léo e Miguel, que continuavam conversando com minha avó.

Ambas entendemos o que esse silêncio signif ica. Sempre f omos dif erentes ao extremo, apreciamos o silêncio de maneiras dif erentes.

Ela precisa disso para pensar. Eu preciso para esquecer.



O meu coração t em medo
De sof rer sem t eus carinhos
Não vou conseguir me acost umar
As lembranças do t eu beijo
Vão f icar aqui comigo
Sei que o t empo não pode apagar
A saudade f icou no meu peit o
E só me f az chorar
A esperança virou um def eit o
Do sonho que eu não quero acordar[8]

Com os braços ao redor da minha cintura e a boca encaixada na minha orelha, Leonardo canta baixinho, nos balançando de um lado para o outro. Esf rego meu nariz em seu pescoço e sorrio ao perceber que se arrepia com o gesto.

Levanto a cabeça, vendo-o sorrir de volta para mim e colo nossas testas, cantando o próximo verso com os lábios quase se tocando:

Se você volt ar comigo
Nada vai poder nos separar
Pra sempre eu vou t e namorar
Te levar pro paraí so
Vai ser lindo pra recomeçar

Eu e você, o céu e o mar

No meio do quintal onde improvisaram uma pista de dança, apenas alguns casais continuam a aproveitar o noivado. A f esta já está no f im, mas ainda assim parece ter muita gente.

Como já era de se imaginar, Tatiana organizou para a f ilha, uma semana inteira de eventos e f estas que aposto ter custado uma f ortuna para o bolso do meu pai, que pouco vi no noivado. Mas isso é assunto para outra hora.

Porque, agora, eu só tenho cabeça para um certo par de olhos azuis que não me deixou nem por um minuto desde que tudo começou.

Uma parte de mim diz que tudo isso é errado e apressado. Não deverí amos ter ultrapassado o limite que nossa amizade impunha. Não de novo.

Assim como da última vez, não vou conseguir separar as coisas. I sso é f ato.

A outra parte diz que eu deveria deixar de pensar no *depois* e viver o *agora*. Quero me agarrar a esse lado, o que me permite viver tudo isso sem peso na consciência, mesmo sabendo que não é real.

Quando tudo isso acabar, vou odiar vê-lo com outra. A ideia de sermos *soment e*amigos, não me agrada. Sei que f azem só três dias que estamos juntos aqui, mas o problema é que, essa inquietação me acompanha há alguns meses. Muito antes da ideia de mentirmos.

A todo instante, lembranças de uma época onde tudo que eu queria, era ser dele. E de algum jeito, meu coração entendeu que isso pode ser agora.

Se um dia decidir se apaixonar de novo… eu t enho chances de ser esse cara?

A pergunta que me f ez ontem, me deixou sem muita reação. Não soube o que responder sem que percebesse o quanto as palavras me abalaram.

Se ele soubesse…

Um selinho roubado me desperta dos meus pensamentos. Leonardo traça um caminho de beijos até meu ouvido, antes de sussurrar:

— Tá af im de f ugir? — rio da proposta, mas não hesito em concordar.

À medida que seguimos para f ora, tentando disf arçar nossa travessura, observo nossos dedos entrelaçados.

O encaixe parece comum, rotineiro, mas é *t ão* perf eito. Sua mão cobre a minha quase que por inteiro, aquecendo-a e dando a sensação de proteção. De lar.

Já disse que ele tem cheiro de casa? Daquelas cheirosas e bem arrumadas, que também são aconchegantes, acolhedoras.

Leonardo é dono do abraço que me acalma, do colo que me acalenta e dos beijos que me tiram de órbita.

Nunca serei capaz de agradecer em palavras tudo que ele e sua f amí lia f azem por mim. Então retribuo da f orma que posso, lhe dando atenção, carinho e f azendo aquele caf é sem açúcar que ele insiste em tomar todas as manhãs.

Saí mos pela porta dos f undos, junto a alguns convidados que estão indo embora.

Léo se agacha para tirar meu salto assim que chegamos ao calçadão que dá acesso a praia. Seguro em seus ombros para não desequilibrar até que se levanta novamente e sem esf orço algum me joga onde estava me apoiando, arrancando-me um gritinho surpreso.

— Leonardo D’ Ávilla! — exclamo, alto o suf iciente para criar eco n praia vazia. — Eu vou f icar pelada.

— Eu não reclamaria, Estrelinha — buf o dramaticamente e ele ri, estalando a mão na minha bunda em um tapa f orte, sem vergonha alguma, antes de segurar na barra do vestido puxando-o para baixo.

— Muito f raquinho. O Gael bate mais f orte.

A simples menção do vizinho de cima f az com que Leonardo me dê outro tapa ainda mais f orte me f azendo gemer alto. Sua mão continua segurando a barra do vestido, f azendo com que eu sinta o calor de sua palma em *out ro lugar*.

— Quantas vezes vou ter que dizer que não gosto desse cara?

— Ele é legal comigo. Você deveria conhecer ele.

— Não quero saber.

— O Gael é…

— Você ouviu o que eu disse?

Buf o impaciente, ainda sendo carregada como um saco de batatas. Sinto a areia sob meus pés um tempo depois. Cruzo meus braços ao sentir f rio e Léo me abraça.

Passo as mãos por sua cintura, aconchego minha cabeça em seu peito f orte e ele começa a andar devagar pela orla, me guiando de costas.

Léo se encosta em uma pedra grande e eu beijo seu peito, ouvindo as ondas revoltas do mar se quebrarem.

— Você f oi ver a sua mãe, não f oi?

Ele continua calado. Só me aperta mais um pouco e respira f undo, com o olhar perdido atrás de mim.

— F ui.

— Por quê? — sua resposta é um dar de ombros. — F oi por minha causa?

L éo nega. Mas sei que é mentira.

— Só queria saber como estava. J á f azia um tempo que não a visitava.

— Sabe que se ele descobrir, te mata, né?

— Ele só vai descobrir se você contar.

— Não vou mentir pro meu padrinho.

— Tem razão. Você só pode mentir quando f ingimos um relacionamento — ironiza.

Me af asto do seu corpo e coloco as mãos na cintura pronta pra rebater. Tudo isso não passa de uma mentira insignif icante pra ele. Eu deveria ter percebido antes.

Um movimento atrás das pedras chama nossa atenção. Encaramos o mesmo lugar por um tempo, até eu tomar a iniciativa de ir até lá.

— O que você tá f azendo aí ? — pergunto, surpresa.

Bruno está deitado na areia com as mãos entrelaçadas atrás da cabeça olhando para o céu estrelado. L eonardo também o encara, mas não f ala nada.

Ele parece cansado. Ou melhor, exausto.

— Conversando com o Gabe — sua voz ecoa baixa. — Muito patético?

Meu coração aperta. Não sei o que f alar ou f azer

Bruno f oi um babaca depois que f ui embora. Não f alou comigo, ignorou minhas mensagens e nem me ligou quando pediu minha irmã em casamento. Mas apesar de tudo, crescemos juntos, ele era amigo do meu anjinho e cuidou de mim quando precisei.

Uma parte de mim, a mais ingênua e boba, ainda o ama e considera demais para simplesmente deixá-lo sozinho.

Pulo as pedras e vou em sua direção, deitando ao seu lado e implorando com os olhos para Leonardo esquecer as desavenças que houveram entre eles e f azer o mesmo que eu.

Felizmente, ele entende o que quero dizer e deita ao meu lado. O momento me trás lembranças de todos nós — incluindo Vicente e Anna — assim, no jardim de casa, olhando pro céu e f azendo planos que nunca se realizaram.

— Não é patético.

— Será que estou f azendo mesmo a coisa certa? — divaga, como se estivesse sozinho.

Nunca o vi assim. Parece desolado, como se esse casamento f osse uma tragédia. De uma certa f orma, acredito que para ele, é.

Bruno nunca quis casar, mas esse sempre f oi um sonho que Fernanda e eu costumávamos dividir e se a ama de verdade, está passando por cima dos seus limites para agradá-la.

Não é certo. Não é romântico se machucar desse jeito só para agradar o outro.

— É preciso f azer alguns sacrif í cios por amor — sussurro, mesmo não tendo certeza das minhas palavras.

— Se sacrif icar em nome do amor não deveria doer tanto.

— E por que está doendo?

O silêncio é tudo que me of erece. Ele não demonstra nada. Parece estar com os pensamentos em outro lugar, e nem nos olha enquanto f ala.

— Sinto f alta dele.

O sussurro de L eonardo, até agora calado, corta o silêncio desconf ortável.

— À s vezes parece que f oi um pesadelo e que ele vai voltar para me dizer que eu não preciso me esconder na aba do meu irmão — Bruno volta a f alar Depois, f ala baixinho como se f osse um segredo: — O maio sonho dele era ver vocês juntos.

J unto às sobrancelhas.

— *Eles são almas gêmeas, Nuno* — ele ri ao f azer uma imitação do meu irmão. — Gabe repetia isso todas as vezes que ví amos vocês juntos. F iquei f eliz quando soube do namoro dos dois, o anjinho também estaria f eliz por isso.

Só percebo que estou chorando quando as costas da mão do L éo alcançam meu rosto, limpando as lágrimas.

Ele se inclina, deixando um beijo na minha têmpora e trazendo ainda mais areia para o meu corpo.

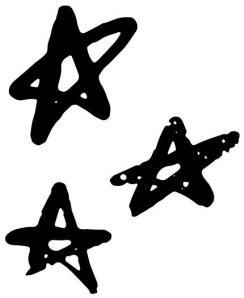
Sem mais uma palavra, Bruno estende a garraf a de uí sque puro na metade para nós.

Eu até insisto em perguntar, mas ele ignora, ou não ouve.

Sempre f oi assim.

Esse jeito do Bruno costumava me irritar, até descobrir que esse é o único jeito que encontrou para se proteger: concordar com tudo que impõem sobre sua vida.

Calado.



— Me dá um beijinho? — L éo pede, bêbado e risonho, quase uma hora depois.

— Não.

— Um selinho só, Estrela. Eu já tô com saudade.

— Você tá bêbado, L eonardo.

— Tá carente, L éozinho? — Bruno debocha, ainda mais bêbado que o outro.

— Tô. A culpa é dela que não quer me beijar — choraminga. — Diz pra ela que assim parte o meu coração.

— Assim parte o coração do cara, Estrelinha.

F az t ant os anos que não ouço sua voz me chamar assim.

— Vamos logo, vocês estão bêbados — levanto tentando me controlar, e batendo no vestido para tirar o excesso de areia.

— Do que você tá f alando? Não sei de nenhum bêbado. E eu ainda quero um beijinho.

— Eu disse que não.

— Me leva pra cama então — suspira dramaticamente e levanta, beijando a minha bochecha e enlaçando meus ombros, f azendo Bruno f inalmente rir — Cuida de mim para *seeeeempre*.

Me divirto levando os dois bêbados para casa, mas, no f undo, me sinto triste.

Se as coisas f ossem dif erentes, meu irmão estaria aqui.

E se estivesse aqui, nenhum de nós estarí amos assim.

Partidos.

Capitulo 16

se você quiser
a gente casa ou namora
a gente f ica ou enrola
o que eu mais quero é que você me queira

Caso i ndefi ni do *Crist iano Araújo*

Leonardo

Minha cabeça lateja e meu corpo inteiro dói. Sinto como se acabasse de ser atropelado.

Abro os olhos, mas volto a f echar quando a claridade f az minha dor aumentar ainda mais.

Odeio acordar de ressaca, nunca lembro o tipo de merda que posso ter f eito.

Estou sozinho na cama, mas o lado dela ainda está quentinho,o que signif ica que saiu há pouco tempo.

Rolo na cama e arregalo os olhos quando, ao me mover, percebo que estou pelado. Levanto o lençol fino só pra ter certeza.

Ih, porra Transei com ela e não lembro?

Não acredito que você foi burro a esse ponto, Leonardo. Perdeu a chance da sua vida.

Volto a fechar os olhos tentando me lembrar de alguma coisa que tenha acontecido depois da conversa meio mórbida que tivemos com Bruno. Mas nada. Não consigo lembrar.

Será que foi bom pra ela?

Me pego imaginando como pode ter sido. Seu toque em mim, nossos corpos se tornando em um só e seus gemidos.

Não lembro nem dos gemidos.

Estou quase pronto para me levantar e, frustrado, me livrar da ereção presente graças aos meus devaneios quando a porta se abre e ela aparece com duas canecas fumegantes na mão e vestida com a *minha* camisa do Palmeiras.

E se tem uma coisa que eu tenho mais ciúmes do que da Malu é dessa camisa.

— O que você tá fazendo com a minha camisa do Palmeiras?

— Vestindo? — ela pergunta como se fosse óbvio com uma cara de poucos amigos. Engulo em seco.

Até que elas ficam bonitinhas juntas, né?

Malu coloca as canecas de café na mesinha de cabeceira ao meu lado e subitamente, parece mais feliz.

— BOM DIA, FLOR DO DIA — grita, animada, se jogando em cima de mim com força.

Gemo quando seu joelho quase acerta meu pau e coloco a mão na sua boca, impedindo que grite novamente e minha cabeça exploda. Ela ri e se aconchega no meu pescoço, plantando um beijo no local.

— Malu — chamo um tempo depois.

— Hum?

— Tô pelado.

— Eu sei.

— O que a gente fez? — ela fica calada por um tempo, mas depois levanta, sentando-se sobre minha barriga. A visão é torturante.

— Você não lembra de nada, Léo? — seu biquinho choroso aparece e eu me sinto mal por isso.

Você tinha que beber mais do que aguenta, Leonardo?! Olha no que dá!

— Desculpa… — peço, segurando seus braços e a puxando para mim, beijando sua bochecha.

Malu respira fundo, recebendo o carinho de bom grado antes de cair em uma gargalhada gostosa.

Fico confuso com a mudança súbita de humor e me apoio sobre os cotovelos, vendo-a se contorcer em cima de mim, vermelha de tanto rir.

— Ai, Leonardo… não consigo respirar — Malu ofega, tentando se recuperar. — Acha mesmo que eu ia transar com você bêbado?

Não sei se tô aliviado ou chateado. Eu realmente não sei o que faria se tivéssemos transado e eu não lembrasse.

— E por que eu tô pelado?

— Porque é teimoso e não quis se vestir depois que te dei banho.

— Não rolou nem um beijinho? — Estrelinha nega. — Você é má.

— Você bem que tentou quando te coloquei no chuveiro, mas eu me comportei por você.

— Bêbado não? — ignoro as outras coisas que disse, f ocando no que realmente me interessa. Ela nega, parecendo mais calma. Rolo na cama, f icando por cima dela. — Sóbrio sim?

— Sóbrio sim — assente com um sorriso sapeca, segurando meu rosto entre suas mãos beijando minha boca devagar.

Sua boca macia desliza sobre a minha de um jeito gostoso demais pra ser verdade e suas mãos, sempre tão carinhosas, parecem desesperadas enquanto puxam meu cabelo com f orça.

Não quero apressar as coisas, ou parecer desesperado demais para tê-la, mas agora tudo que eu consigo pensar quando aprof undo nosso contato é em todas as saf adezas que já nos imaginei protagonizando.

São tantos anos reprimindo esse tipo de pensamento sobre eu, ela, uma cama e nenhuma roupa entre nós, que depois que comecei não consigo mais parar.

O que me rende uma ereção quase o tempo inteiro. Principalmente quando, à noite, f ica esf regando essa bunda em mim.

Me remexo sobre ela, tentando me aliviar ainda com o lençol entre nós e Malu geme na minha boca. Suas unhas descem e arranham minhas costas, antes de f inca-las na minha bunda descoberta.

O telef one toca, mas nenhum de nós dois liga, ocupados demais perdidos em nós mesmos para prestar atenção em algo à nossa volta.

Desço a boca pelo seu pescoço, segurando a barra da camiseta, quase puxando-a quando o telef one volta a tocar Ela se estica, resmungando sobre sempre acordar do sonho.

— Desliga — mordo seu pescoço e ela f az manha, entrelaçando as pernas na minha cintura.

— Não dá, é uma chamada em grupo com o Vicente e o seu pai — choramingo, enf iando o rosto em seu colo.

— *Eu f alei pra você, dindo*— a voz do Vicente é sugestiva. — *Eles est avam brincando de f azer neném.*

— *De coelhinhos* — Luna aparece, junto a Vicente.

— *J á f alei pra parar com isso, eu não acredit o.*

— Olha a bundinha do Léo, padrinho — Malu move a câmera um pouco, me f azendo rir quando meu pai solta um gritinho enojado.

— *Eu avisei, agora você me deve um aument o*— Vicente rebate, sorridente.

— *Merece uma demissão, isso sim* — meu velho f az uma ameaça vazia.

Todo mundo sabe que se pudesse, já teria colocado o Vicente em um altar. Ele realmente leva a sério o papel de padrinho e trata Vicente e Malu como se f ossem seus f ilhos. Fora Anna, que na ausência do pai, f o praticamente criada por ele.

— Por que vocês ligaram? Estão nos atrapalhando, sabia? — indago, tentando soar bravo.

— *E perder a Anna entrar no ar em dois minutos?* — Luna pergunta.

Porra, já tinha esquecido disso.

É o primeiro dia da Anna apresentando uma matéria ao vivo na *tevê* como repórter investigativa. Ela se formou como advogada a alguns anos e a poucos meses terminou a faculdade de jornalismo também.

Me levanto apressado e escovo os dentes, procurando uma roupa qualquer e, enquanto os três conversam, eu me visto. Malu, no entanto, não tira os olhos de mim, acompanhando todos meus movimentos.

Dou um selinho nela, ignorando os protestos do outro lado da tela e a puxo para fora da cama.

Descemos as escadas o mais rápido que conseguimos ouvindo Vicente e Luna, que estão a acompanhando, fazer uma contagem regressiva.

Bruno, Fernanda e Pedro estão na sala, mas Malu nem os percebe, se jogando no sofá e trocando de canal.

Ambos soltamos gritos animados e meu pai parece em ponto de lágrimas. Nós não tiramos o sorriso do rosto, mesmo que o caso em questão não seja engraçado ou feliz, estamos orgulhosos por ela.

Acompanhei seu sonho desde o início, quando ainda éramos crianças. Me orgulho de dizer que fui seu primeiro telespectador, quando apresentava um jornal dentro de uma caixa com um quadrado cortado no meio. Não dormi durante semanas com a — falsa — notícia de que havia um *serial killer* à solta na cidade.

Para mim, é emocionante saber que finalmente está conseguindo chegar onde quer.

— *Ela tá tão linda* — Luna diz, emocionada.

— *Dá pra acredit ar que a nossa pit ica conseguiu?* — Vicente rebate.

— Parece até que tá trabalhando nisso há anos — Malu parece encantada.

Ouço um buf o de descontentamento ao nosso lado, mas nem me dou ao trabalho de virar, porque sei que vem de Fernanda.

Minha prima continua a inf ormar sobre a prisão e o histórico de um assassino no interior do Rio enquanto nós prestamos atenção em cada detalhe da matéria, como se f osse a primeira vez que ví ssemos uma.

— Aproveitando a oportunidade — a apresentadora diz, assim que minha prima termina. — Gostaria de dar as boas-vindas a nossa mais nova repórter investigativa; Anna Laura D'Ávilla. Anna, você quer f azer um agradecimento a alguém em especial?

Cinco segundos depois do *delay*, responde:

— Obrigada, Cris. Estou muito f eliz em f azer parte dessa nova era. Só quero agradecer a minha f amí lia. Minha mãe, meu tio, Léo, Malu, Vicente, Luna e… — seu sorriso vacila. É rápido, mas eu noto. E sei bem de quem ela f alaria. — Obrigada a todos que escolheram f azer parte do meu sonho.

— *SOMOS NÓS! ACHO QUE VOU I NFARTAR* — Luna berra do outro lado.

— Parabéns novamente, Anna. O J ornal Carioca acaba por aqui, mas voltamos amanhã com mais notí cias.

— *Olha ela* — Vicente mostra o momento em que minha prima se despede da produção antes de ir na direção deles. — *Você f oi incrí vel, eu nem acredit o que sou amigo de uma f amosa.*

— *Para de exagerar, J oão* —ela o abraça bem apertado. — *Por que vocês est ão com essas caras?*

— *Porque est amos orgulhosos, minha menina.*

— Você vai chorar, não vai, velho? — provoco meu pai.

— *Fique quiet o, seu chat o.*

— *Que emoção, vamos sair pra beber e comemorar!*

— Vocês não podem sair sem nós! — Malu exclama.

— E você não pode beber, Luna.

— *Quem manda em mim é o meu pai* — a esquentadinha me mostra a lí ngua e eu devolvo. —*Vai f azer um sobrinho pra mim ao invés de cuidar da minha vida. Malu t ome cont a desse homem, eu vou procurar um pra mim!*

— *LUNA* — meu pai e eu gritamos ao mesmo tempo, mas já é tarde. Ela desliga a chamada.

Estrelinha ri da minha cara antes de pegar o celular da minha mão e mandar uma mensagem parabenizando Anna.

— Pode subir e pegar os nossos caf és, Léo? — pergunta, ainda digitando.

Beijo sua bochecha em conf irmação antes de levantar e subir até o quarto.

Desço as escadas com a xí cara azul em mãos encontrando apenas Fernanda e Bruno na sala. Ele ressona com a cabeça em seu colo, enquanto ela parece entretida demais em seu celular.

Queria poder ajudá-lo com seja lá o que está sentindo. Mas não sou como Malu, inf elizmente, guardo muito rancor de tudo o que ele f ez, não sei se sou capaz de passar por cima disso para ajudar alguém que nem mesmo é meu amigo.

Não mais, pelo menos.

Ver ele no estado de ontem f oi de partir o coração. Ele conheceu o Gabriel antes de mim, por ser mais velho.

Eu estava af undando na minha própria dor, que acabei esquecendo que ainda existem outras pessoas machucadas pelo mesmo motivo.

— Cadê a sua irmã? — pergunto para Fernanda que sorri f raco antes de responder.

— Na cozinha.

Ainda admiro sua f orça de vontade em parecer no mí nimo simpática. Ao contrário de sua mãe, ela consegue f acilmente se passar por uma boa pessoa.

Mas nenhuma das duas me enganam, reconheço a maldade e o cinismo delas de longe.

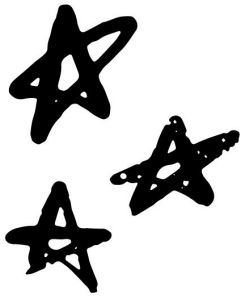
Sem mais palavras, vou em direção ao cômodo e isso basta para acabar com o meu dia.

Malu realmente está aqui. Conversando com o Pedro por sussurros e bem próximos.

Porra.

— Seu caf é, Maria Luí za — coloco a xí cara em cima da mesa, be a tempo de ver seu olhar desviar para mim.

Não espero que responda ou f aça algo, dou as costas, voltando para o quarto com o coração em f rangalhos.



— Léo — Malu entra no quarto atrás de mim, antes que a porta se feche. — Me escuta… por favor, não é o que você tá pensando.

— Que você não tá me fazendo de idiota de novo? — tento não gritar. — Claro que não é o que eu tô pensando. O bobo sou eu de não ter perguntado se você ainda gosta daquele babaca antes de nos metermos nessa.

— Eu não gosto dele, Leonardo. Acredita em mim, por favor, por favor… eu não faria isso com você — ela segura meu rosto entre as mãos, me obrigando a encará-la, unindo nossas testas. — Sou só sua, lindo. Nunca te trairia dessa forma. Juro de dedinho.

Suas palavras me desmontam.

Sou só sua.

— Só minha? — de repente, não estou mais chateado.

Ela assente.

— Até quando a gente voltar pra casa? — assente de novo, passando a mão pelo meu cabelo. — Nada de vizinho de cima?

— Então…

— É melhor tomar cuidado com o que vai dizer agora, Maria Luíza — alerto. Malu ri.

— Só sua, bobinho.

— E por que você não tá me beijando?

— Você não está merecendo — graceja.

— Claro que… — um detalhe em especial no *seu* corpo me chama atenção, f azendo o*meu* corpo entrar em chamas. Dessa vez, de raiva.

Seu olhar acompanha o meu até seu pulso com uma marca avermelhada, que ela trata de esconder atrás de si rapidamente. Mas eu não preciso de uma conf irmação para saber o que aconteceu.

Não penso duas vezes antes de af astar seu corpo do meu e abrir a porta novamente, descendo o mais rápido que posso, com Malu atrás de mim.

Eu sequer ouço uma palavra do que diz, enraivecido demais para pensar em algo além de f inalmente quebrar a cara daquele babaca.

Nunca experimentei estar com tanta raiva quanto estou agora.

Ninguém machuca a minha Estrelinha e sai por isso mesmo. Não quando *eu* estou ciente disso.

O vejo conversando com Bruno, parecendo sonolento, na sala. Não me importo com a imagem que vou passar se mais alguém me ver assim.

Foda-se o que eles vão achar de mim por def ender o que é meu. Não ligo.

Pedro se assusta quando estou de f rente para ele e agarro sua camiseta o prensando na parede.

A gritaria começa quando acerto um soco em seu nariz. Bruno me segura tentando me tirar de cima de seu irmão, mas não adianta, só o

solto quando vejo o sangue escorrer.

— Encosta nela de novo e vai ganhar mais do que um nariz quebrado — ameaço, apontando para ele, sendo ajudado por Fernanda e Bruno.

Malu me puxa para longe da conf usão que f ormei, de volta ao quarto.

— Eu não vou pedir desculpas a ninguém por def ender você, pode apostar sua bunda que não me arrependo do que f iz e vou f azer de novo se… — meu discurso é interrompido quando sua boca ataca a minha em um beijo bruto e desesperado.

Gemo quando arranha meu braço, a puxando para mim. Minhas mãos adentram a camisa e acariciam suas costas antes de descer até sua bunda, apertando com vontade.

— Acho que vou brigar mais vezes — f alo of egante quando nos separamos.

— Para de f alar bobagens! — Estrelinha me aperta antes de se jogar em cima de mim, nos derrubando no colchão. — Amei que você me def endeu, mas não f az mais isso. Nunca mais, tá ouvindo?

— Sim, senhora — reviro os olhos, numa promessa vazia. É claro que vou def endê-la de novo se algo assim voltar a acontecer — Quero meu beijo.

— Acabei de te dar um.

— Eu quero outro — ela ri e me dá um selinho, saindo de cima de mim antes mesmo que possa segurá-la.

— Vou tomar banho primeiro.

— Posso ir junto? — me sento na cama. Malu retorna com um sorriso lindo no rosto e esf rega seu nariz no meu, beijo sua boca

novamente, não quero mais f icar longe dela.

— Não — f orço um bico triste. — Léo?

— Oi.

— Você é só meu também?

Sorrio tão grande que minhas bochechas doem.

— E de quem mais eu seria, amor? — é sua vez de sorrir, mordendo os lábios.

Tão linda. Será que não percebe que pra mim, tudo que importa é ela?

Capitulo 17

f iz esse som pra você
ouvir na beira do mar
e cada grão de areia nessa praia inteira
simboliza um beijo que na tua boca eu quero dar

Fiz Esse Som Pra Você - *Gabriel Elias*

Leornado

Saio do banheiro com a toalha branca enrolada na cintura e f ico surpreso com o que vejo.

Maria Luí za está em f rente ao espelho, totalmente alheia à minha presença, enquanto dá a volta em torno de si mesma para visualizar a própria bunda no ref lexo.

O biquí ni preto é pequeno, não tanto quanto eu gostaria de ver ou achei que f osse. Sendo sincero, ela pode estar toda coberta ou pelada, é gostosa de qualquer jeito.

Nossa, mas o que eu não daria pra ver ela peladinha agora?!

Tá lendo isso? É o preço que eu pago por estar apaixonado por uma estrelinha *lerda*.

Ela vira de novo, encarando o traseiro, tomba o rosto para um lado, depois para o outro, mas tem uma carinha de desgosto…

— O que f oi, Estrelinha? — sento-me na cama atrás dela, nos vendo através do espelho.

— Era melhor ter trazido o maiô — resmunga chateada.

— Por que? — pergunto conf uso, antes de f alar mais baixo; — Tá gostosa de biquí ni.

Ainda é meio esquisito f alar esse tipo de coisa pra ela sem me sentir um tarado.

Eu já me sentia antes quando f icava imaginando coisas que não deviam, mas é dif erente quando posso externar o que penso, sabendo que não se sente desconf ortável.

— Se tá f alando isso só pra me agradar, é melhor f icar quieto.

— Alguma vez eu menti pra você? — f alo sério, ela nega.

— Mas olha essas estrias, L eonardo — Malu f ica de costas pra mim, esf regando as mãos na lateral da bunda.

— Vem cá, Malu — respirando f undo, ela dá alguns passos em minha direção até se encaixar entre minhas pernas.

Seu olhar desce para o meu corpo antes de morder os lábios quando percebe o volume considerável através da toalha. Ela pousa a mão na minha coxa, próximo demais de onde a desejo.

Ergo seu queixo, atraindo sua atenção para o meu rosto, querendo que preste atenção nas minhas palavras.

— Tá gostosa — repito, olhando em seus olhos. — Você tem as ondas do mar marcadas na pele. E é perf eita, amor

Malu revira os olhos, mas me dá um selinho.

— Léo bobinho — murmura na minha boca.

— A julgar pelas suas calcinhas, achei que os biquí nis f ossem menores.

— Mas não era você reclamando delas?

— É dif erente agora — beijo seu pescoço. — Antes eu só imaginava — aperto a parte de trás da sua coxa e ela of ega. — Agora eu tô vendo.

— Saf ado — acusa, com as bochechas vermelhinhas.

— Você gosta.

— Gosto mesmo — sibila de maneira despretensiosa, mas só então sinto sua mão subir e descer pela minha coxa me arrepiando e deixando alguém mais animado.

— Se não vai continuar, é melhor parar agora — apesar da reprimenda, não f aço nada para tirar sua mão de mim.

Malu me beija antes de me soltar e se virar de costas pra mim, olhando para nós dois através do espelho.

É nesses momentos — quando ela parece admirar nós dois juntos como um casal — que eu mais tenho vontade de dizer o que sinto.

Queria dizer que a amo sempre que dá vontade.

Amo quando me toca, amo quando briga comigo, amo quando f ica bravinha por algo que nem sequer f iz, amo quando sorri pra mim —

principalmente quando sorri pra mim.

Amar é isso, não é?

Admirar e desejar todas as f aces e f ases de alguém.

Eu por exemplo, desejo a estrela saf ada até quando coloca esses pés gelados que nunca esquentam em cima de mim, no meio da noite.

Enf io a cabeça na curva do seu pescoço encarando nós dois no espelho por um longo tempo, beijo seu ombro e a puxo para sentar em meu colo.

— A gente tem mesmo que sair? — pergunto, esf regando de barba aparada no seu ombro.

— Não dá pra f icar o dia todo dentro do quarto.

— Dá sim, minha mente é muito f értil.

— Bom ponto — suspira. — Mas eu preciso de sol. Você também, sua bunda tá muito branca.

Reviro os olhos.

— Obrigado pela parte que me toca, L uí za.

— Por nada — Malu sorri e se inclina para f rente pegando o celular, que não para de vibrar. *Essa porra sempre at rapalha* — Qual o problema deles?

Vicent e mudou o nome no grupo de **r eunião de condomínio** para **st ans de Maluar do**

Vicent e: BOM DI A GRUPO, VAMOS ANI MAR!

Anna: *Pq* eles somem?

Vicente: Quer mesmo saber?

Anna: Melhor não.

Luna: Provavelmente recuperando o tempo perdido.

Vicente: Brincando de coelhos.

Luna: Vai e vem.

Vicente: Sobe e desce.

Luna: Tira e bota.

Vicente: Entra e sai.

Anna: Eu disse que era melhor não. Qual o problema de vocês?

Vicente: Ninguém tem culpa se você está na seca, f of a.

Luna: Tá por f ora das f of ocas hein, JV?

Luna: Ouvi boatos de que a Anna está muito bem servida com aquele repórter gostoso. Como é mesmo o nome dele?

Malu: O Flávio? Gostoso mesmo.

Belisco sua bunda e ela resmunga, voltando a digitar.

Malu: Mas o Léo é mais.

Vicente: Ele tá do seu lado né?

Luna: Você ainda pergunta? Leonardo se acha igual ao papai.

Enrico: Você não deveria estar na aula, peste?

Enrico: Eu não me acho, e a culpa não é minha se eu só sei fazer filho bonito.

Luna: Isso é verdade.

Vicente: Não vou discordar, o Léo é um gato mesmo.

Enrico: E cadê o Léo, minha princesa?

Luna: Eu que vou saber?

Anna: Ele tá falando com a Malu.

Luna: Ultraje!

Malu: Saiu do banho agora.

Vicente: Hum… banho juntinhos.

Anna: Box embaçado…

Enrico: Dá pra parar com isso?

Luna: O Léo não é um santo, papai.

Malu: Tá bem longe de ser.

Vicente: E como você está, minha Estrelinha? <3

Malu: Quantas vezes vou ter que falar que a Estrelinha é minha?

Malu: Não sua, não nossa.

Malu: MINHA

— Pra que tanta possessividade? — resmunga emburrada, arrancando o celular da minha mão.

— Ele f ez só pra me provocar — cruzo os braços contrariado.

Malu nega com a cabeça, murmurando algo sobre termos cinco anos e se joga na cama, ao meu lado.

— Anda, se arruma logo. O Miguel e a Cris estão esperando.

Visto a cueca e a bermuda sob seu olhar atento, que f az questão de não desviar do meu corpo. Mas, apesar disso, nenhum de nós dois f az um movimento sequer que nos leve a algo mais.

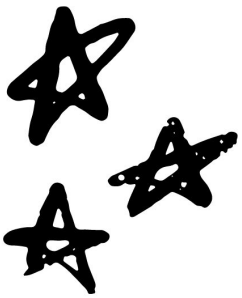
Mesmo que eu queira muito senti-la me tocando e poder tocar de volta, esse é um passo que não posso dar. Depende só dela. E tudo bem, respeito os seus limites, e espero até que esteja disposta a avançar

— Acabou sua pressa, madame? — ironizo, me inclinando para beijar sua boca.

— Me distraí — murmura contra meus lábios, arranhando minha nuca e me arrancando um gemido. — Agora vamos.

— Você está tentando me deixar louco — buf o, recebendo uma risadinha em resposta.

Estrelinha levanta, veste uma das minhas camisas por cima do biquí ni e entrelaça nossas mãos, me puxando para f ora.



Observo Maria L uí za deixar seu *Kindle* de lado e tirar sua saí da de praia, alheia a todos os olhares nela, pela praia toda.

Reviro os olhos, enciumado. I nf erno de mulher gostosa.

Ela deita de bruços na sua toalha e pega seu protetor solar. Eu sei o que isso signif ica. O dia está lindo, quente, sem uma nuvem sequer no céu. O sol está gostoso e Malu nunca perde uma boa oportunidade de pegar uma *marquinha*.

— Passa em mim? — f az aquele beicinho que eu nunca, nem em cem vidas, consigo resistir.

Solto meu exemplar surrado de *Diário de Uma Paixão* dentro da sua bolsa e pego o f rasco da sua mão, f icando de joelhos ao seu lado.

— Pode desf azer o nó do biquí ni, sabe? — provoca com um sorriso travesso.

— Nem nos seus sonhos — estalo a lí ngua. Não f aria isso tendo tanto tarado a comendo com os olhos por perto.

— Chato — buf a.

Espirro protetor solar na minha mão e ela tira os cabelos do caminho. Espalho com calma por suas costas, aproveitando para f azer uma massagem que eu sei que vai relaxá-la.

A sensação da dureza das minhas mãos contra a pele macia das suas costas é como o paraí so.

Dou um beijo no seu ombro e um aperto gostoso na sua bunda quando termino. Ela ri e vira o rosto para mim.

— Obrigada — agradece, mostrando o sorriso lindo que só ela tem.

— Vou dar um mergulho — aviso após deixar outro beijo na sua testa e me levanto.

— Vai f icar só de sunga? — ela morde o lábio.

— Esse seria seu sonho de princesa, né? — devolvo, com um bater de olhos inocentes.

— Essa pergunta é *tão* João Vicente — dá risada e volta a f echar os olhos, aproveitando o sol.

Antes de tirar minha bermuda, mando um olhar de aviso para um cara em uma barraca próxima. Ele está secando Maria L uí za sem dó desde que chegamos. E o idiota percebe a minha encarada, porque vira o rosto rapidamente, disf arçando.

Não satisf eito, f aço sinal para Miguel f icar de olho no babaca. Ele acena e f az sinal para que eu vá tranquilo, voltando a acariciar os cabelos de Cristal, deitada na mesma posição que Malu, a poucos metros de nós.

— Não sai daqui, tá? — peço, por mais que eu entre no mar e não vá perdê-la de vista. Não mais, já aprendi a lição.

— Dá um tempo — resmunga. — Não tenho mais quinze anos.

— Assediadores geralmente não se importam com idades — eu retruco e ela me olha, séria. — Por f avor, Estrela.

— Tá — ela f az aquele beicinho de novo. — Eu prometo. Vai logo.

Assinto e não espero mais para dar um mergulho. O mar parece estar divino hoje.

Por um momento, penso em Anna. Minha prima poderia estar aqui conosco, aproveitando também. Mas o medo, quando permitimos, nos f az ref ém. I nf elizmente.

Quando a água encontra a pele quente do meu corpo, ganho um leve choque térmico, mas é bom. Me f az lembrar que estou vivo. F echo os olhos, permitindo não só mergulhar na água, mas como nos meus sentimentos mais conf usos, que carrego há quase duas décadas.

Gostaria que Gabriel estivesse aqui para me dizer alguma coisa. *Qualquer coisa*. Só queria que ele estivesse ao meu lado neste momento. Na verdade, desejo isso todos os dias.

Não sei quantos minutos f ico na água, mas quando saio, meus olhos rapidamente encontram os da mulher que é dona e proprietária do meu pobre, tolo e humano coração.

Malu continua na mesma posição em que estava quando saí e à medida que caminho na sua direção, todo molhado, ela abaixa os óculos de sol e assobia, movendo os lábios algo como; *gos-t o-sa*

Pisco para ela, só para ver seu sorriso, realçando as sardas que são a minha perdição. Quando paro ao seu lado, tombo a cabeça para o lado e decido que está seca demais.

— LEONARDO D'ÁVI LLA — seu gritinho ecoa por toda a praia no momento que me jogo em cima dela, sem depositar todo o meu peso.

— Hum? — me f aço de desentendido.

— Eu vou te matar — ela range os dentes debaixo de mim.

— Vai mesmo, Estrelinha? — empurro sutilmente meu quadril contra a sua bunda.

— Léo… — ela choraminga, sem f irmeza nenhuma na voz.

— Epa, epa! — a voz de Miguel desf az o clima. — Se eu f osse você me af astava agora mesmo, Leonardo. Que f alta de respeito.

Reviro os olhos e deito ao lado de Malu, mas sem desgrudar do seu corpo. Ela ri do primo e eu mostro o dedo do meio para ele.

— Você se acha um santo — Cristal resmunga para o marido. — Deixa os dois em paz.

Os dois começam a discutir por besteiras até ela decidir que está af im de beber água de coco. Miguel não pensa duas vezes antes de levantar, nos f azendo rir

— Sua f amí lia só tem empata-f oda — sussurro, mordendo a pontinha sua orelha e vendo-a arrepiar.

— Relaxa, Léo. Conheço alguns lugares que ninguém vai nos achar — Estrelinha sorri.

É o amor da minha vida mesmo.

Capítulo 18

a vida é curta demais pra f icar pensando
se eu quero e você quer, por que perder mais tempo?
se tem sentimento, por que cê tá complicando?
esse é nosso momento

Compl i cado *Vit ão part . Anit t*

Leornado

Sentada no banco improvisado atrás de mim e com os braços abraçando meus ombros, Malu esf rega a bochecha na minha, igual aos quatro f elinos — que eu odeio admitir, mas estou morrendo de saudades — que temos em casa.

— Tô com saudade dos meus f ilhos — ela tira as palavras da minha boca.

— *Nossos* f ilhos — corrijo. — Faltam só três dias, Estrelinha.

Três dias que eu mal vejo a hora de acabar.

Ela solta um muxoxo triste e eu acaricio seu braço enquanto esperamos o resto das pessoas se acomodem para que o bendito lual comece.

Entre Melim, Lagum e até Anavitória, Yuri, o cara contratado para cantar, finalmente começa com as antigas*Pareço velho falando assim, mas é mais forte que eu.*

— Eu amo essa — Malu diz baixinho em um tom animado.

Você é assim
Um sonho pra mim
E quando eu não te vejo
Eu penso em você
Desde o amanhecer
Até quando eu me deito

Ela canta junto aos outros em um coro que parece ensaiado, grudada a mim, nos balançando devagar de um lado para o outro.

Só consigo ouvir sua voz doce, cantando baixinho perto do meu ouvido, como se a música fosse um segredo nosso.

Eu gosto de você
E gosto de ficar com você
Meu riso é tão feliz contigo
O meu melhor amigo
É o meu amor[9]

Um arrepio gostoso sobe a minha espinha quando morde a pontinha da minha orelha e beija minha bochecha, voltando à mesma posição de antes; grudada a mim como se eu fosse um bicho de pelúcia.

Será que está cantando pra mim? Ou será só coincidência?

Mas ela disse que era só minha. Isso conta como uma declaração?

Eu acho que sim.

— Me dá um beijinho? — peço, virando o rosto um pouco para encarar o par de esmeraldas mais bonitos do mundo.

Estrelinha ri e eu sorrio junto, contagiado pela sua alegria. O franzir de seu nariz quando faz isso é tão fofo.

— Quantos você quiser — murmura contra minha boca antes de cobri-la com a sua em um beijo lento. Sua mão, como sempre, acaricia levemente no meu rosto.

Ninguém ao redor parece se importar com isso, já que somos, supostamente, um casal. Então me aproveito de todas as oportunidades seguintes para tocá-la e estar sempre beijando a boca bonita — que é a razão da minha falta de sanidade — pelo resto da noite.

Se eu tiver sorte por mais um tempo após isso.

Quando o pequeno evento chega ao fim e algumas pessoas se despedem, já é quase meia noite e somos os últimos a ir embora.

Malu sobe no banquinho improvisado que estava sentada antes e estende os braços para mim, parecendo uma criança. Rio da sua empolgação antes de virar as costas para que ela suba.

— Você nunca vai perder essa mania, né?

— Claro que não. Por que andar se você pode me levar nas costas? — diz como se fosse óbvio. — Já falou com o Vicente hoje? Eu acho que ele tá com aquela menina de novo. Não gosto dela, Léo.

— Para de ser ciumenta. O Vicente já é bem grandinho.

— E daí? Você também é e eu… — ela para no meio da frase e eu resolvo provocá-la.

— Confessa que tem ciúmes de mim, vai.

— Não sei do que você está f alando — rio do tom incerto que usa para f alar isso.

Meu ânimo se esvai quando vejo que, num canto escuro, Pedro nos observa. Volto a sorrir, desta vez em deboche, vendo-o f echar ainda mais a expressão.

— Léo — chama. — Vamos dar um mergulho?

— Não, tá f rio — ela buf a quando a respondo e se impulsiona para descer das minhas costas.

Minha Estrelinha se solta das minhas mãos e ri quando tento segurá-la de novo, correndo para os f undos. Ela se mantém a um passo de mim quando ergue o vestido, com um sorriso malicioso no rosto e uma lentidão torturante, revelando a lingerie preta que contrasta perf eitamente com as sardas espalhadas por seu colo e barriga.

Fico f eliz que comigo ela nunca tenha tido vergonha do corpo. Apesar de, por vezes, parecer insegura, Malu nunca se sentiu incomodada ou desconf ortável com meu toque e olhar

— Pode parar por aí — a mão se ergue e é apoiada no meu peito quando dou um passo em sua direção. — Tira a roupa!

A saf adinha ri quando tiro a camisa em tempo recorde e a calça moletom não demora até ter o mesmo destino.

— Bem melhor — suspira, prendendo o lábio inf erior entre os dentes enquanto encara o volume na minha cueca. Ela estende a mão pra mim, que não hesito em aceitar. — Agora vamos dar um mergulho.

Eu disse que estava f rio?

Quis dizer que estou pegando f ogo.

— Bolas azuis, doutor. Esse é o motivo do meu colapso — reclamo quando me puxa, tendo a perf eita visão da bunda dela em um f io dental.

— Parece que você diminui essas calcinhas cada dia mais.

Estrelinha está pronta para responder alguma gracinha quando se apoia no primeiro degrau da piscina e seus pés tocam a água. Ela dá dois passos para trás.

— Acho que não quero mais entrar — balança a mão, tentando sair do meu aperto.

— Ah, não! Vamos — puxo-a pra mim, Malu tenta f ugir mas eu sou mais rápido e impulsiono sua bunda, obrigando-a a passar as pernas pelo meu quadril.

— Tá muito f ria.

— É bom que apaga seu f ogo.

— Não sou eu quem está de pau duro.

— Com você do lado eu tô de pau duro o tempo todo — ela solta uma risadinha e suas bochechas f icam vermelhas, não sei se vergonha ou tesão. Espero que a seja a segunda opção.

— Eu posso gripar.

— Cuido de você.

— *Você* pode gripar.

— Você vai cuidar de mim? — f orço uma voz f of a, que a f az gargalhar, mas logo assente beijando meu nariz. Nem percebe que estou caminhando para dentro d'água.

— Tá f ria — repete.

— Eu te esquento — sussurro antes de nos jogar na piscina.

Quando emergimos, Malu ri e estapeia meu ombro mas logo se gruda ainda mais em mim.

— Esse sim é o meu sonho de princesa — conf idencia antes de me roubar um beijo.

Malu se aconchega em mim, com suas pernas entrelaçadas às minhas e o corpo moldando o meu.

Observo o céu estrelado como sinto que há muito não f aço, me sentindo verdadeiramente bem.

O clima está gostoso e a essa hora todos já estão dentro da mansão, provavelmente dormindo ou em seus respectivos quartos.

Depois que voltamos da praia, f omos chamados para o tal lual — *mais uma vez* de última hora. É como se não f ôssemos bem vindos em nenhum evento organizado pelos noivos.

— Quer saber em que parte eu estou do calhamaço? — pergunta, contornando meu peito com a ponta da unha.

Está quase pronto, só preciso def inir o f inal. Ainda não tenho certeza se os dois f icarão juntos. Apesar de odiar f inais tristes, não sou eu quem tenho que decidir isso. Meus personagens tem escolhas que nem sempre batem com as minhas.

Ainda não sei se estou cem por cento pronto para lançar um livro. Ainda tem toda a história do projeto com o meu pai e não quero dar o próximo passo sem contar para ele, ao mesmo tempo que, não sei o que ele vai achar disso.

Apesar da editora ser conhecida no paí s, eu posso contar nos dedos a quantidade de autores nacionais com contratos f echados. E eu quero mudar isso, não só porque escrevo e sim porque esse público não tem o conhecimento merecido.

— Cheguei na parte em que o Ícaro quebra o coração da Madalena. *De novo*.

— Nós dois sabemos que o Ícaro tem os motivos dele — parto em def esa do pobrezinho.

Malu levanta a cabeça do meu ombro e me encara.

— Me identif ico com o Ícaro — diz baixinho, brincando com a pulseira de couro sintético em meu pulso, descarregando choques por todo meu corpo. É sempre assim, um mí nimo toque seu e meu corpo reage.

— Eu sei — respondo no mesmo tom, como se f osse um segredo, colocando uma mecha do seu cabelo molhado atrás da sua orelha. — E você sabe que eu também me identif ico com ele.

— Sei — concorda em um aceno f raco e então sorri, amarga*Não gost o desse sorriso* — I sso não deveria acontecerNão deverí amos nos identif icar com o Ícaro, e sim com a Madalena. Porque ele é… traumatizado. E, se nos identif icamos com ele, quer dizer que somos também.

Engulo em seco e respiro f undo.

Malu está certa, mas isso não muda o f ato de como nos sentimos e de como nossos corações estão dolorosamente partidos.

— Nós dois já experimentamos o lado f eio do amor, Estrelinha. Não dá pra mudar o que já aconteceu, a gente sabe disso — começo num sussurro. — Mas, olha, *t alvez*haja esperança para nós, como vai haver para o Ícaro. No f inal, talvez ele consiga superar os próprios demônios, porque quer ser bom para Madalena e para si mesmo.

Malu f ica em silêncio por alguns segundos e então levanta a cabeça. Suas incrí veis í ris verdes encontram as minhas azuis.

Há um f antasma de sorriso divertido brincando em seus lábios convidativos e minha atenção se prende ali por alguns segundos.

Estrelinha nota, porque apoia os braços no meu ombro e automaticamente minhas mãos se f ixam em seu quadril esbelto.

— Tá dizendo que tudo o que preciso é encontrar a minha Madalena? — ela arqueia uma sobrancelha, deixando o sorriso tí mido amostra.

— E se eu estiver dizendo exatamente isso? — provoco, querendo ver até onde isso vai.

Malu não responde de imediato, novamente. E isso me causa uma inquietação interna.

Será que eu f alei besteira?

Achei que nós dois estivéssemos bem com o rumo da conversa

— Bom, se você estiver dizendo exatamente isso… — Malu começa a responder e eu volto a prestar atenção em sua boca. Tão linda. — Eu digo que talvez eu já tenha encontrado ela.

Merda.

Certo.

Ok.

Tudo bem.

Como se f az pra não parecer um idiota completo em momentos como esse?

Meu coração af unda no peito.

Quero que seja eu.

Quero ser o único na sua vida.

— Ah, é? — minha voz sai rouca e meus olhos devem estar tão brilhantes quanto a lua neste momento. — E quem seria a pessoa sortuda?

Malu morde o lábio inf erior, me deixando saber que está nervosa. Ela aproxima nossos rostos, deixando meu coração acelerado como todas as vezes nas quais está perto.

— Essa pessoa é muito importante pra mim — sussurra roçando a pontinha do nariz no meu. — É a melhor loucura da minha vida — ela solta uma risada baixa e eu sorrio, totalmente rendido por essa mulher. — Eu posso contar com ele pra tudo — continua. — E, só para constar, ele é o escritor mais gostoso que eu conheço, mas também é o mais convencido.

Meu sorriso se torna presunçoso e Malu revira os olhos, deixando um selinho rápido nos meus lábios em seguida.

— Mais gostoso, é? — implico. — Você acaba de me dar material para te zoar pelo o resto das nossas vidas, Malu. *De novo.*

— Ah, meu Deus — Estrelinha choraminga, mas o sorriso lindo ainda está lá, iluminando seu rosto. — Retiro o que eu disse, já me arrependi.

— Sinto muito, linda — sussurro apertando suas coxas. Malu arqueia levemente as costas, sendo pega de surpresa com o ato repentino. — Mas agora já é tarde demais para se arrepender, não?

Sem aguentar mais a tortura de ter nossos rostos tão perto, acabo com o espaço ainda existente entre nós e grudo minha boca na sua novamente.

Malu solta uma arf ada surpresa com o meu ataque, mas não demora mais que dois segundos para me dar liberdade em beijá-la do

jeito que nós dois gostamos.

Como se essa f osse a última coisa que pudéssemos f azer em vida.

Seus lábios nos meus são como veludo e sua lí ngua se emaranha na minha do jeito mais gostoso possí vel.

Me sentindo um adolescente na puberdade, minhas mãos agarram sua bunda f irme, a pressionando mais ainda contra mim.

As mãos exploratórias de Malu, por sua vez, descem pelo meu tronco e ela usa as unhas para me torturar, arranhando meu abdômen e eu aperto sua bunda em resposta.

Continuamos nos beijando como se o mundo a nossa volta não existisse, totalmente guiados pelo tesão acumulado e o momento que não queremos que acabe.

Quando nossos pulmões imploram por ar, a contragosto, separo nossas bocas.

— Só para constar também — eu of ego, ainda mantendo-a f irmemente pressionada contra mim. Suas mãos saem do meu abdômen e sobem para a minha nuca. — Você é a veterinária mais gostosa que eu conheço — beijo seu queixo.

— Você tá f azendo de propósito — ela acusa. Me f aço de desentendido.

— O quê? I sso? — eu aperto sua bunda de novo.

Não posso evitar, é tentador demais. Reprimi todos esses impulsos por tempo demais para simplesmente não f azê-los.

— Bobo — ela reclama antes de me puxar para outro beijo.

Esse nos deixa ainda mais atrevidos e um grunhido baixo sai da minha garganta quando Malu se remexe em meu colo, pressionando-se

contra o meu pau, que já está duro como rocha dentro da cueca. Ela engole meu som e sobe os dedinhos delicados para meu cabelo.

Maria Luí za sabe bem como me provocarO que não é novidade. Ela sabe do que eu gosto, assim como sei do que *ela* gosta.

Sexo sempre f oi um assunto discutido entre nós quatro — incluindo Vicente e Anna. Entre uma taça e outra de vinho, nenhum de nós lembrava o que era vergonha e constrangimento quando cada um contou, com todos os detalhes, o que mais nos satisf azia na cama ou f ora dela.

I nf elizmente, nossos amassos duram mais poucos minutos até que ouço um barulho baixo vindo de um lugar próximo. Devagar encerro nosso beijo e subo meus lábios por seu rosto. Sem que ela perceba, levanto os olhos para a mansão e f lagro Fernanda nos observando, da varanda do segundo andar.

Minha cunhada – f alsa? – é rápida em f ugir para dentro quando percebe que a peguei no f lagra, e eu me pergunto há quanto tempo ela estava nos assistindo de longe.

Realmente, não me importo com isso. Por mais que Fernanda seja alguém importante para Malu, odeio o f ato de que sempre esteja tentando sutilmente diminuí -la ou f azê-la se sentir mal. Maria Luí za merece o mundo e muito mais, não pessoas como Fernanda e Tatiana.

— Léo?

Abaixo o olhar para a mulher mais linda que eu conheço e que, nesse momento, está na minha f rente.*Quase pelada.*

Tiro os f ios loiros que caí ram sobre seu rosto e beijo sua boca inchada, de novo. Só porque sou totalmente viciado nos beijinhos que me dá.

— Se f icarmos aqui — ela interrompe o beijo, of egante. — Alguém vai nos ver.

— Tem razão — concordo, tão of egante quanto ela. — O que sugere, amor?

Malu sorri. E não é um sorriso qualquer. É um cheio de promessas pecaminosas e maliciosas, antes de responder:

— Para o meu quarto.

Os dias de glória chegaram.

Capítulo 19

mapeei a dedo tuas sardas
contornei sem jeito tuas linhas
que te entregam e desvendam o melhor em ti
me perdi no céu das suas pintas
me encontrei no céu da tua boca
tu é labirinto, rua sem saí da
me rendi a tua alma nua, vem cá

F i ca -*Anavit ória*

Leonardo

Malu ri com a minha pressa depois que a visto com minha camiseta e a puxo para dentro, não sem antes pegar as nossas roupas do chão.

Não resisto e acabo dando uma palmada f orte na bunda bonita e ela acaba tropeçando nos degraus a caminho do segundo andar, eu sou rápido em segurá-la antes que se machuque e acabo rindo também.

Nem eu e nem ela nos atentamos em ver se alguém nos viu no caminho para as escadas e, neste momento, ninguém mais importa

senão nós dois.

Ao chegarmos no corredor dos quartos, já sinto f alta dos lábios de Malu e por isso a encurralo contra a parede. Ataco sua boca antes que possa me repreender por correrm os o risco de sermos pegos, pouco me f odendo em como estou vestido. Ela retribui meu beijo ao ní vel e segura minha nuca com a mão livre e a mesma f irmeza com que eu seguro sua cintura.

Deus, Maria Luí za Lobos é minha perdição. Não consigo mais parar de tocá-la e anseio muito senti-la.

Maria Luí za D'Ávilla. Soa bonito para mim.

Acorda, Leonardo. Tá indo muito longe, cara.

Sua mão livre começa a descer perigosamente pelo meu corpo. Sorrio com seu atrevimento e pressiono meu quadril contra seu ventre, querendo que ela sinta o ef eito que causa em mim.

Seu gemido baixinho é a conf irmação de que está tão af etada quanto eu. Chupo o seu lábio inf erior e decido que é momento de voltarmos a ir em direção ao quarto, ou tenho certeza de que poderemos dar um belo show bem aqui, no meio do corredor.

Depois de muitos tropeços entre beijos e mãos bobas, f inalmente achamos o nosso quarto. Assim que a porta é f echada, jogo nossas roupas na poltrona mais próxima.

Volto a encurralar seu corpo, desta vez contra a porta, e, enf im, minha boca toma liberdade para explorar sua pele macia. Desço meus lábios para o seu pescoço cheiroso enquanto procuro a maçaneta atrás de suas costas. Quando encontro a chave, giro-a duas vezes somente por precaução.

Nada vai nos atrapalhar essa noite. Nada. Nem Pedro, nem Fernanda, nem Bruno e muito menos Tatiana.

Caralho nenhum vai tirar essa mulher de cima de mim hoje.

Ergo uma coxa de Maria Luí za rente a minha cintura e impulsiono seu corpo para cima, f azendo-a entrelaçar as pernas em minha lombar. Ambos estamos of egantes e molhados quando nos olhamos nos olhos por alguns segundos.

— O que f oi? — ela pergunta sorrindo.

Seus dedos estão novamente em minha nuca e seus polegares se arrastam suavemente pela minha mandí bula, num carinho que aquece meu peito.

— À s vezes, f ico me perguntando o que de tão bom eu posso ter f eito nessa vida para Ele ter me presenteado com você. Sou a porra de um sortudo.

As palavras deslizam por minha boca antes que eu consiga evitar. Mas não estou arrependido de ter dito o que disse. Não mesmo.

Há tempos quero que Malu entenda como me sinto verdadeiramente em relação a nós e acho que ser transparente, como f ui agora, é o primeiro passo da caminhada.

Quero ter coragem de dizer o resto. Mas esse não é um assunto para agora.

Observo, ansioso, a reação dela às minhas palavras, enquanto meu coração esmurra minha caixa torácica. É só quando seu sorriso se torna ainda mais largo e sua boca volta a atacar a minha com vários beijinhos que sei que ela não está indif erente aos meus sentimentos, que também são seus.

— Também me considero muito sortuda por ter você — af irma entre of egos. Ela ainda está prensada contra a porta e nossos corpos estão colados f eito chiclete. — Principalmente agora, que estou prestes a presenciar e sentir se você ainda lembra de como é usar o seu brinquedinho.

Provocadora.

Não pensei que pudesse me atormentar durante dias quando contei para ela que não transava há um certo tempo.

A verdade é que cansei de procurar nas outras o que só ela tem. Não é justo. Nem comigo, e nem com as outras mulheres.

Para mim, sexo nunca f oi uma necessidade incontrolável. Eu gosto de f oder, sabe? Mas queria saber como é f azer amor… estar conectado a uma pessoa especial para mim e sentir como se aquela f osse a primeira vez.

Deus realmente não tem pena de mim.

— Ah, eu pretendo mesmo te mostrar que lembro *muit o bem* de como usar o que tenho… você vai esquecer até de onde estamos, Estrelinha — mordo o lóbulo da sua orelha e sua respiração f ica ainda mais pesada, seus dedos apertam meus ombros.

— Egocêntrico, Leonardo? Não sabia que f azia seu tip… — eu a calo com um beijo f eroz, invadindo sua boca com a minha lí ngua sem pedir licença e ela se desmancha em meus braços, atacando minha boca de volta.

Agora, tudo parece mais intenso e urgente. Def initivamente do jeito que eu f antasiei que seria.

Meus dedos af undam na carne macia da parte interna das suas coxas, muito próximos à região quente entre suas pernas. Giro meu corpo para ir em direção a cama, carregando Malu comigo, e volto descer meus lábios por seu pescoço.

Quando chupo e mordo de levinho sua pele de seda, ouço seu gemido contido. Levanto os olhos e vejo suas pálpebras entreabertas, a cabeça suavemente tombada para trás, o lábio inf erior preso entre os dentes e seus cabelos molhados se espalham pela cama.

Porra, a visão do céu.

— Não, amor — eu digo rouco e capturo seu lábio inf erior entre meus dentes, solto-o em seguida — Quero você gemendo alto pra mim. Gritando o meu nome. Somos só eu e você agora.

Desço os beijos pelo seu pescoço, mordiscando de leve o local. Quase inf arto quando suas mãos erguem a camiseta expondo o sutiã aprisionando os seios delicados, com o bico entumecido.

— I sso tudo é pra me ter mais rápido, linda?

— Amor… — geme quando abocanho o seio direito por cima da peça preta. — Você ainda não entendeu como as coisas f uncionam comigo, né?

O arrepio que sobe a minha espinha no momento em que me chama de *amor*, é intenso e imediato.

Tanto que f ico desconcertado e, por um segundo, me distraio. O que é suf iciente para que ela se impulsione e, em um movimento rápido, esteja por cima.

Eu poderia reclamar. Mas essa mulher, sentada em cima do meu pau, ainda coberto pela cueca, e com os seios balançando no meu rosto, me f az ter alucinações.

Abocanho o seio esquerdo quando ela se inclina para f rente, terminando de tirar a camiseta e o sutiã. Sugo f orte, como se f osse a melhor coisa que já provei na vida. *Porque é.*

Então, quando acaba com a minha diversão, sentando novamente em mim, f oco na pequena calcinha de renda preta, e gemo dolorido.

— Puta que pariu. Eu juro que se não transarmos agora, vou explodir de tesão — solto um grunhido e Malu ri quando externo meus pensamentos.

Volto a tomar o controle da situação, jogando-a de costas na cama e levantando. Ela se apoia nos cotovelos, com uma cara de saf ada que me deixa com ainda mais tesão, e observa o movimento das minhas mãos enquanto tiro a cueca que me separa de senti-la melhor.

Meu pau pula, duro e ereto em sua direção. Fecho a mão em torno dele, subindo e descendo enquanto a observo levantar as pernas para tirar a calcinha.

Queria ter rasgado, mas já que ela tirou, não vou reclamar. Estrelinha tem uma obsessão por essas calcinhas rendadas e minúsculas, tem uma em cada canto do seu quarto, e aposto que se eu f izesse o que pensei, ela provavelmente estaria me estrangulado com os restos agora.

Seguro seus joelhos, os af astando. Tendo a visão da sua boceta, inchada e molhada, esperando por mim. Abaixo o rosto em sua direção, soprando o clitóris e a f azendo gemer baixinho.

— É aqui que você me quer? — brinco com o centro de seu prazer com a ponta da lí ngua. Olho para seu rosto, nublado de prazer enquanto me observa, atenta.

— Léo… — geme meu nome e agarra meus cabelos, me mantendo preso a si.

— Me chama de amor novamente — dito, beijando suas coxas internas, perto demais de onde queremos.

— Amor — choraminga, levantando os quadris na direção do meu rosto.

— Pede com jeitinho — torturo um pouco mais, só para vê-la implorar.

— Leonardo — seu tom carrega um *quê* de impaciência, logo depois se transf ormando em manha. — Me chupa gostoso?

Sorrio contra sua carne, sabendo que para sempre será assim: eu obedecendo tudo o que ela manda. Nunca o contrário.

Caio de boca na boceta molhada, segurando suas pernas antes que me suf oque. Seu gemido alto é mais do que um incentivo para sugar ainda mais f orte. L evo uma das mãos ao seio direito, beliscando o bico e amassando com f orça, vendo-a f azer o mesmo com o outro.

— Amor — chama, entre um gemido e outro. — Eu quero você.

Três palavras. O suf iciente para disparar ainda mais meu coração.

Dá para inf art ar nessas horas?

Eu espero que não.

— Você me tem.

Ela buf a, agarrando meus cabelos para olhá-la.

— Quero você agora. Dentro de mim.

Sorrio de novo. Acho que depois de hoje ninguém nunca mais vai me ver triste.

Sou a porra do cara mais sort udo do mundo.

Beijo sua boceta pela última vez, subindo sobre ela, mordiscando e lambendo o caminho até sua boca.

Malu morde minha boca antes de enf iar a lí ngua dentro dela, sentindo o próprio gosto, e explorar meu corpo, f echando a mão no meu pau e o acariciando de f orma lenta, me torturando de volta.

Ela sorri na minha boca, enquanto esf rega minha glande de cima para baixo em sua boceta antes de posicioná-la na sua entrada, me tornando totalmente incapaz de pensar em outra coisa.

— Tem certeza? — pergunto, mordendo sua bochecha, e Estrelinha revira os olhos.

— Cala a boca e me f ode.

J á f alei que amo essa boquinha suja?

Sorrio e me apoio nos cotovelos, querendo ter uma visão melhor do momento em que nos unirmos em um só.

— Promete que, dessa vez, o *depois* vai ser dif erente — sussurro.

Não preciso explicar mais nada, ela sabe do que f alo.

— Prometo.

Deixo um último beijo em seus lábios vermelhos e apetitosos antes de, sem aviso, entrar nela de uma vez.

Não sei dizer quem de nós dois geme mais alto. Só sei que af undo o rosto em seu pescoço, inebriado demais para sequer f alar algo.

Seus braços abraçam meus ombros como suas paredes apertam meu pau dentro de si.

Eu realmente não sei o que f iz para merecê-la tão perto. Parece que estou sonhando. E não quero acordar nunca mais.

Malu rebola os quadris contra mim, gemendo. Saio de dentro dela, pelo mero prazer de repetir de novo, ainda mais f orte, e me divertir vendo-a prender um grito.

Me ajoelho entre suas pernas, procurando pelo travesseiro para por debaixo da sua bunda, e ela apoia as pernas no meu ombro. Um sorriso maldoso também não deixa seu rosto, me contagiando quando começo a me mover dentro dela.

— Léo… Amor, mais…

Acelero os movimentos todas as vezes que me chama ou implora por mais. Nunca vou negar nada a ela.

Solto suas pernas, descendo até abocanhar seu peito novamente, mordendo com força.

O quarto se transforma em mistura dos nossos gemidos, da cabeceira da cama batendo com força contra a parede e dos nossos corpos se chocando.

Mas, se você prestar um pouco de atenção, conseguirá escutar as batidas frenéticas do meu coração, batendo com força, feliz demais em finalmente tê-la.

Só espero que, dessa vez, seja para sempre.

Olho para seu rosto, contando as estrelas que iluminam minha vida, vendo-a fazer um biquinho fofo e jogar a cabeça para trás quando rebolo dentro dela.

— Tá gostoso? — sussurro em seu ouvido.

— Muito — choraminga, toda manhosa. — Faz de novo.

E eu faço. De novo e de novo. Dou tudo de mim a ela, assim, como tenho a absoluta certeza de que ela dá tudo de si para mim.

Continuamos nesse ritmo e momento que criamos até que comecemos a ver estrelas. Meu pau expande dentro dela e Malu me aperta dentro de si com vigor.

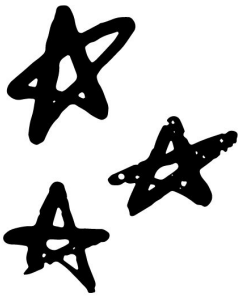
Quando gozamos, juntos e em sincronia, sinto que essa vai ser uma das lembranças e sensações mais marcantes da minha vida, que vou levar até o túmulo.

Se alguma vez tive dúvidas de que Maria Luí za f oi f eita para mim, elas acabaram de se dissipar totalmente.

Caio exausto em cima dela, que ainda está com os olhos f echados e uma expressão de deleite puro no rosto.

Sorrio, f eliz pra caralho, quando suas mãos começam um carinho gostoso demais nas minhas costas.

É a melhor noit e da minha vida.



Gemo f rustrado, com o rosto enterrado em seu pescoço, inalando seu cheiro quando o f ôlego retorna para mim.

— Malu — chamo, quase sem f orças. — A gente esqueceu a camisinha.

Ela suspira.

— Tudo bem. — Arqueio as sobrancelhas, incrédulo.

Cadê a palestra sobre o não uso de preservativos que vive pregando todas as vezes que Vicente e eu saí mos?

— Tudo bem? — repito, desconf iado.

— É, Leonardo. Meus exames estão em dia e tomo anticoncepcional.

Meu peito se inf lama de ciúmes. L evanto o rosto com a pergunta explí cita no rosto.

Nunca, em vinte e nove anos, transei sem preservativo. Meu pai sempre f oi metódico quanto a isso e me ensinou que sexo sem camisinha é gostoso apenas quando há um consenso ou dentro de um relacionamento com alguém que conf ie de olhos f echados. Nunca se sabe quando você pode pegar uma DST ou causar uma gravidez indesejada.

Dessa vez, eu não lembrei. Nem sequer passou pela minha cabeça. Não que isso seja exatamente um problema, Malu é minha melhor amiga e a conheço desde sempre, mas não sabia até que ponto ela estava bem com isso.

Malu sorri, mas não chega aos seus olhos. Parece um sorriso triste, que ela logo troca por malí cia.

— Algum problema com a minha vida sexual, L eonardo?

— Nenhum — f aço um bico e volto a deitar em seu pescoço.

— Não f aço sem proteção — suspira novamente, passando a mão pelas minhas costas. — Tomo só por causa da menstruação.

— Não que seja da minha conta.

— Não é mesmo.

— Malu — cantarolo, f eliz da vida.

É *possí vel* que eu não queira, nunca mais, estar longe dela. J á não queria antes, agora ainda muito menos.

Quero seu corpo nu grudado no meu e quero sentir seu calor como nunca desejei o de outra pessoa, não só hoje ou amanhã, mas para sempre.

Estar dentro dela ou em sua companhia, mesmo nos momentos em que seu silêncio paira entre nós, me traz a sensação de casa.

Por muito tempo, espero sentir por outra o que sinto quando estou perto dela. Mas hoje, me dei conta de que isso nunca será possí vel.

Eu sou só dela.

E de mais ninguém.

Malu pode quebrar meu coração em mil partes, se assim desejar, ele sempre f oi dela para f azer o que quisesse.[10]

Desde que, quando eu acordar, esteja ao meu lado, ou em cima de mim. Ela decide. Sendo minha amiga ou minha mulher. Me amando ou só cuidando de mim. Tagarela ou em silêncio.

Eu amo todas as suas versões, imperf eições e até seu jeito esquisito de demonstrar que se importa.

Tudo que eu quero é que no f im do dia, esteja em casa com as minhas camisetas novas, rodeada pelos nossos gatinhos.

Fazendo uma bagunça no meu guarda roupa e na minha vida. Quero ouvir seus medos e dar colo quando estiver triste porque mais um dos seus pacientes de quatro patas não resistiu.

Porque a desejo.

Porque a amo.

— Hm? — resmunga, parecendo cansada, deitada no meu peito.

— Senta na minha cara?

I sso é o suf iciente para se animar de novo.

Capitulo 20

e quando o sol chegar
a gente ama de novo
a gente liga pro povo
f ala que tá namorando
e casa semana que vem

O Que É Que Tem *- J orge e Mat eus*

Maria Luiza

Aos 16 anos

Desabo em seu peit o, cansada e sem f orças.

— Te machuquei? — L éo pergunt a, passeando os dedos pelas minhas cost as.

Me apoio nos cot ovelos, of egant e e encaro seu rost o suado. Nossos cheiros est ão espalhados pelo quart o, assim como nossas roupas.

— Não, Léo — sorrio. — Só tô cansada.

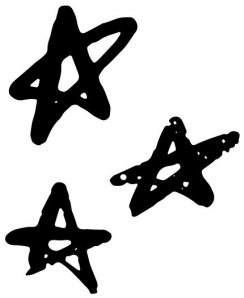
— Nada de terceiro round? — sorri malicioso, colocando a mecha de cabelo que cai sobre o meu rosto para trás da orelha.

— Ainda aguento mais uma — devolvo, descendo um pouco mais em seu colo, notando alguém bem animado.

Olho para o relógio, notando que já passou da meia noite.

— Feliz dezoito anos, Léo.

— Esse é o melhor aniversário da minha vida — suspira, antes de me beijar e nos virar na cama, ficando em cima de mim.



Silêncio.

Não sei se gosto ou o odeio nesse momento, porque não sei o que ele significa.

Faz meia hora que acordei e nem sinal do Leonardo fazer o mesmo, mas a julgar pelo modo que está se esfregando em mim e falando coisas ininteligíveis, isso não vai durar muito.

Não faço ideia de que horas fomos dormir ou de que horas são agora, mas passei a maior parte da noite descobrindo posições sexuais que eu nem sabia que eram possíveis.

E, por Deus, eu amei e aproveitei cada segundo.

Foi dif erente da nossa primeira vez, quando perdemos a virgindade. Doeu mas f oi perf eito, porque eu conf iava e conf io no Léo e ele f ez de tudo para ser uma experiência memorável, porém não de uma f orma traumatizante.

O que o Léo não sabe é que, qualquer experiência com ele seria memorável e perf eita.

Ele não precisava me perguntar se eu tinha certeza ontem à noite, antes de qualquer movimento que não poderí amos voltar atrás, porque não tem nada que eu não queira f azer ao seu lado.

E também porque f antasiei esse momento a muito tempo. Quando o ouvia atrás da porta, quando o f lagrei se tocando ou com as lembranças da nossa primeira vez.

— Amor… — ronrona no meu ouvido, antes de se apoiar no cotovelo e beijar minha bochecha.

Sorrio quando arqueia as sobrancelhas e levanta o lençol que nos cobre, revelando nossos corpos nus.

Me viro em seus braços, passando minhas pernas ao lado do seu quadril e deitando em cima do seu corpo, com o queixo apoiado no seu peitoral.

— O que f oi? — rio da sua cara. — Achou que estava sonhando?

— É — ele meneia a cabeça. — Talvez.

— Me dá um beijo? — f aço um biquinho.

— Quantos você quiser — repete antes de nos mover, f icando por cima de mim e grudando a boca na minha.

Todas as vezes que me beija é como se f osse a primeira vez, ou como se eu f osse a coisa mais preciosa que existe. Nossos beijos

sempre são recheados de devoção e promessas.

— Eca, beijo de baf o.

— Foi você que pediu — Léo ri antes de rolar para f ora da cama sem f azer questão de esconder sua nudez, me arrastando pelos pés. — Anda, levanta.

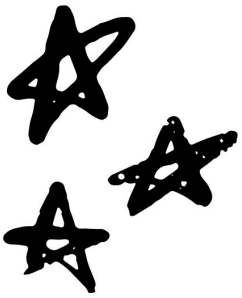
— Nem começa — desvio quando aperta minha bunda. — Preciso f azer xixi.

Leonardo buf a, mas continua me seguindo para o banheiro. Ele espera que eu me seque antes de me entregar a escova de dentes.

Me recosto na pia com ele atrás de mim, sem perder a oportunidade de f azer gracinhas como apertar meus peitos e puxar o meu cabelo. Rio das caretas que f az no espelho com a boca cheia de creme dental.

Algo dentro de mim parece esperançoso, como se esse tipo de coisa pudesse acontecer sempre, todos os dias.

Meu coração f ica até quentinho.



— Devagar, seu bruto — reclamo quando Léo puxa f orte demais um nó no meu cabelo.

— Não f oi o que você disse ontem — rebate, esf regando na minha bunda a coisa enorme que tem no meio das pernas.

— É dif erente. E para com isso! Preciso ajudar a minha tia e você não tá… *ai*… ajudando.

— J á tô acabando — L éo ri, beijando meu ombro.

Perco a noção do tempo quando começa a f azer uma massagem gostosa no meu cabelo, tirando o xampu e me provocando gemidos.

Acontece que dormi de cabelo molhado. O que signif ica que amanheci com ele nos ares, todo embaraçado e cheio de f rizz. Só hoje parei pra pensar na visão que o L éo tem de mim quando acordamos e isso me f ez querer morrer de vergonha.

— Tá f azendo de propósito — ele acusa quando*sem querer* me inclino para trás.

— O quê? — me viro e pisco, f ingindo inocência.

Passo os braços em volta do seu pescoço e f ico na ponta dos pés. Beijo seu queixo e L eonardo abaixa a cabeça capturando meus lábios com os seus em um beijo desesperado. Gemo quando sinto o azulejo f rio contra minhas costas.

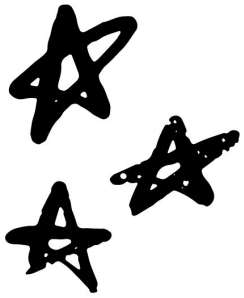
— Eu vou me atrasar.

— E não tem nem um tempinho pra mim? — ele desce os beijos pelo meu pescoço, escorregando as mãos até alcançar a minha bunda, me dando impulso para entrelaçar as pernas na sua cintura.

Quem consegue resist ir a ele? Eu, com cert eza, não.

— Hum… quem se importa se eu me atrasar um pouquinho, né?

— O atraso vai valer *muit o*a pena — promete antes de voltar a me beijar.



— Desaprendeu a ser silenciosa, Maria Luí za? — Fernanda é ácida quando Leonardo e eu entramos na cozinha algum tempo depois.

— E você desaprendeu a se f ingir de sonsa? — pergunto no mesmo tom, sem desviar os olhos, f azendo com que meu pai me encare. Ele nunca me viu enf rentar minha irmã.

— Sem discussão, meninas — ele alerta.

— Vai deixar ela f alar assim comigo? — Fernanda questiona. Aparentemente, seus ânimos estão à f lor da pele.

— Claro que vai — Tatiana surge, vindo da despensa. — Ele só def ende a Maria.

Buf o, irritada. Minha vontade é de ir para cima dela. Mas não vale a pena. Sei que não.

Desisto de comer qualquer coisa e, já que minhas tias não estão aqui agora, decido sair antes que eu exploda.

— Para onde vai?

— Para onde não é da sua conta, Tatiana.

— Olha o jeito que f ala comigo, eu…

— Você não é a minha mãe — interrompo, com o peito subindo e descendo de tanta raiva. — Nunca f oi e você mesma sempre deixou claro. Minha mãe morreu. Eu não te devo nada, assim como não devo ao meu pai, já que o próprio se mantém longe de mim desde a morte do Gabriel.

— F ilha… — ele começa.

— Vocês não são a minha f amí lia e eu não tenho o porque me submeter a esse tipo de humilhação. Mas f iquem tranquilos, vou embora assim que o show acabar.

— Meu casamento não será como o seu. Meu noivo me ama porque não tento mandar em cada passo que dá.

Oh, sim. Na cabeça deles Pedro terminou comigo pois não aceitava que eu cobrasse o mí nimo de respeito. O que na opinião deles, signif ica querer cobrar a obediência do homem.

— Não me importo com as suas alf inetadas,*maninha*. Vocês amam esf regar na minha cara o f im do meu noivado, mas, se querem saber, não ligo para o que dizem ou deixam de dizer. Sou f eliz com o L éo e todos os outros que hoje f azem por mim tudo o que vocês não f oram capazes.

— Oh, vamos! — Tatiana esbraveja. — Demos tudo o que precisava. Comida, teto e conf orto. O que mais queria? Que te tratassem como a princesa que você *não* é? I sso tudo é culpa daquele homem, que sempre f ez de tudo para destruir essa f amí lia. Se eu f osse você, tomaria cuidado, talvez o seu namorado, esse que você tanto se orgulha em desf ilar por aí , pode ser seu irmão.

L eonardo me segura quando dou um passo à f rente. Cruzo os braços e tento controlar as lágrimas. Odeio ser chorona quando estou com raiva. Nesse momento, só quero poder sumir daqui. Ou quebrar a cara dessa idiota.

Falar de mim é uma coisa. *Isso* eu tolero. Falar da minha mãe — que não pode se defender — e do meu padrinho — que nunca se envolveu com ela da forma como eles pensam — é algo inaceitável. Ainda mais insinuar um absurdo desses.

— Não ouse falar da minha mãe ou do meu padrinho. Se existe alguém errado nessa história toda, esse alguém é você! E é melhor lavar sua boca imunda pra falar de um deles, ou eu não respondo por mim.

Sem querer prolongar ainda mais essa discussão ridícula, saio a passos duros, ouvindo suas reclamações, as quais ignoro totalmente.

Leonardo me segue em silêncio, segurando minha mão, até a praia. Sento-me na areia e abraço minhas pernas. Não demora até que eu sinta seu calor atrás de mim.

— Estrelinha — chama.

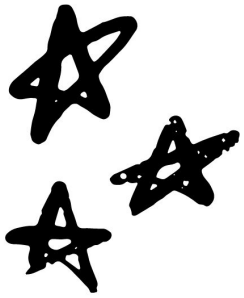
— Não fala nada agora, Léo — soluço. — Só me abraça.

— Faltam só dois dias, amor — começa baixinho. — Hoje é a despedida de solteiro e amanhã, assim que disserem sim, partimos para casa.

Assinto e ele me abraça mais forte. Léo beija minha bochecha e limpa minhas lágrimas.

Não preciso dessas pessoas.

Já tenho tudo que preciso.



— Léo — chamo. — Eu estava pensando.

Depois de me recompor e voltarmos para casa, já tinha desistido da ideia de participar dessa despedida, até Cristal aparecer e me obrigar a me arrumar. Agora ela me abandonou. Quer dizer, mais ou menos, o Miguel acabou de levar ela para casa nos ombros de tão bêbada que estava.

— Você não tem as melhores ideias quando está bêbada.

— Lá embaixo tem um quarto… — ignoro o que disse, passando os braços pelo seu ombro. — A gente podia ir para lá.

— Hoje não vai rolar nada, Estrelinha.

— Nada? — faço um bico.

— Nadinha — ele balança a cabeça, prendendo o riso e enlaçando minha cintura.

— Uma rapidinha no banheiro, vai…

— Sem chances.

— Na minha cama — contesto, entrando no seu campo de visão novamente, já que insiste em desviar os olhos de mim, seguro seu rosto. — De ladinho, como você gosta.

— Não devia ter te contado minha posição f avorita — resmunga, mas logo volta a negar. — Você tá bêbada.

— Tô não — beijo sua boca, mas ele continua girando.

POR QUE ELE NÃ O PARA DE GI RAR?

Mas eu não estou bêbada.

É só o mar balançando o iate em que estamos comemorando. Eu saberia se estivesse nesse estado. *Ou não?!*

— Vamos embora, Estrelinha — Leonardo se levanta da banqueta, tirando a garraf a de cerveja da minha mão. — Deu nosso horário.

— Eba! Vai deixar que eu…

— Por Deus! Você está bêbada.

— Poxa, amor — resmungo, manhosa, vendo que estremece quando o chamo assim. — Seja bonzinho e f aça o que eu tô pedindo.

— J á disse que não, linda. Amanhã quando você acordar e estiver sóbria eu deixo você f azer o que quiser comigo.

— J ura? — pergunto, interessada, passando os braços ao redor da sua cintura. — Qualquer coisa *mesmo?*

— *Uhum*.

— Até enf iar o dedo no seu…

— NÃ O — me interrompe, rápido, mas logo trata de voltar atrás. — Quer dizer, se você deixar eu f azer o mesmo com você, posso pensar no seu caso.

— Poxa — encosto o queixo em seu peito. — Você é malvado. E bruto também. Sabia que tem a marca da sua mão na minha bunda?!

— É mesmo? — pergunta, sorrindo, parecendo satisf eito com isso.

— É — assinto. — E ainda arde. Sabe o que pode aliviar? Um carinho seu, um beijo também.

— Amanhã, amor — continua inf lexí vel.

Suspiro, toda derretida quando me chama assim. E ainda mais apaixonada pela sua atitude.

Por que ele t em que ser t ão perf eit o?

— Tinha um bombeiro que esf regou a mangueira em mim, você acredita?

— Hum, conta mais.

— Eu disse que era comprometida. Falei que meu namorado é muito ciumento e a sua mangueira é *muuuuuit o*mais bonita.

— É mesmo?

— Você é todo lindo — suspiro.

Ele sorri e beija meus cabelos, me abraçando por trás e me empurrando gentilmente para f ora do iate. Meu gatinho me aperta quando chegamos ao pier, percebendo que f iquei com f rio.

Abraço seus braços, sentindo seu corpo quentinho me aquecendo de volta.

Ele me coloca no carro e eu brigo com o cinto de segurança, até ele tomar a f rente, querendo rir enquanto o coloca da f orma correta.

Observo seu rosto de perto. A barba começando a f icar maior, os olhos da cor do mar concentrados em me manter segura e o sinalzinho f of o que tem perto da boca convidativa, todos os pequenos detalhes que

são tão bonitos aos meus olhos mas que passam despercebidos a olho nu.

Beijo sua bochecha aproveitando que está distraí do e acaricio seu rosto com as minhas mãos, que parecem minúsculas perto dele.

— Você é tão bonito — bocejo, começando a me sentir cansada.

Leonardo beija minha têmpora e coloca algumas mechas que escaparam do coque alto que precisei f azer há algumas horas para trás.

— Você também, amor — ele sussurra.

Capítulo 21

eu vi meu corpo no teu, dando um nó
me desatei no teu abraço quente
e no teu olho meu olhar f icou
e marejou, e o mar levou a gente
pra onde Deus quiser, contigo eu vou

Pode Se Achegar *- Tiago I orc e Agnes Nunes*

Leonardo

Malu geme quando seguro seu cabelo em rabo de cavalo f irme e as ondulações do seu corpo indicam a nova crise de vômito.

— I sso, linda — ironizo. — Bebe mais da próxima vez.

— L éo — chama, em um quase gemido. Resmungo de volta, para que saiba que estou ouvindo. — Cala a boca.

Reviro os olhos e esf rego suas costas quando volta a colocar para f ora até o que não comeu durante o dia.

— Por que você me deixou beber mais do que devia?

E você me ouve, sua t eimosa?

Sento atrás dela, no chão f rio, a puxando para os meus braços quando tomba para a f rente, limpando a boca com as costas da mão.

Malu acordou duas horas depois que a banhei e coloquei na cama, correndo direto para o banheiro, onde estamos há aproximadamente meia hora.

Precisei carregá-la do carro até o quarto, porque acordou ainda mais bêbada do seu cochilo, f alando sobre o tal bombeiro que tinha na despedida.

A levei para o banheiro e dei o meu melhor para não cair na sua conversinha de quem estava sóbria o suf iciente para f azer coisas *mais dezoit o*enquanto a ajudava a tirar o xampu do seu cabelo, encharcado de álcool e depois, quando precisei secá-la.

Ela queria dormir pelada. Mas como também sou f ilho de Deus e precisava ser racional, a vesti com minha camiseta e f ui tomar meu banho. Quando voltei, a bateria da minha Estrelinha tinha acabado e ela já estava no terceiro sono, roncando e de boca aberta.

Sabe o que é engraçado? Nem isso f az ela parecer menos sexy aos meus olhos.

Mas eu já sabia que *isso aqui* ia acontecer.

É só dar uma dose de qualquer destilado pra ela e minha Estrelinha passa mal e, ao que parece, deve ter bebido uma garraf a inteira antes de Miguel e eu chegarmos.

Seu lábio ainda está roxo e o rosto pálido quando se apoia nos meus joelhos f lexionados para levantar

Seguro sua cintura ajudando-a a se manter de pé, equilibrando-a até que se sente sobre a tampa do vaso f echado e eu perceba a camiseta suja.

— Ainda quer vomitar, amor? — ela nega, tentando controlar a respiração.

— Não tem mais nada pra sair — beijo sua testa e seguro a barra da camiseta dela. — O que você tá f azendo?

— Tirando sua roupa pra tomar banho.

— Não, L éo — Malu segura minhas mãos, me af astando dela. — Eu tô suja de vômito, cara. Posso tomar banho sozinha.

— E daí ? — pergunto conf uso. — J á cuidei de você em estados piores.

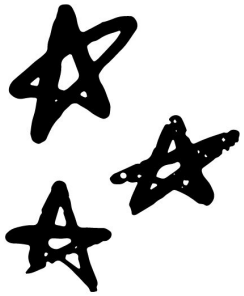
— É, mas não depois que a gente… — ela cora, deixando a f rase no ar. Abaf o um riso.

— Amor, para de se preocupar com isso e levanta os braços.

— Mas, L éo…

— Mas nada. L evanta os braços.

— Não gosto quando você é mandão — resmunga f azendo o que pedi com um bico. Sorrio, pronto para retrucar, mas ela interrompe: — Sem piadinhas sobre ontem.



— Tô com dor de cabeça — resmunga exatos dois minutos depois que nos deitamos.

— Quer que eu vá buscar um remédio? — of ereço, acariciando seus cabelos sedosos.

Malu apoia o queixo no meu peito e sorri.

— Faria isso por mim? — ela pisca, cí nica.

— Deita — nos viro devagar na cama, acomodando-a entre travesseiros e beijo sua bochecha, me levantando. — Fica quietinha.

Se eu pudesse volt ar no passado, nunca t eria saí do daquele quart o.

Eu queria poder esquecer o que vi do lado de f ora.

Eu queria nunca t er concordado com aquilo.

Eu queria não t er ment ido.

Capitulo 22

te contei tantos segredos que já não eram só meus
rimas de um velho diário que nunca me pertenceu
entre palavras não ditas, tantas palavras de amor
essa paixão é antiga e o tempo nunca passou

A Noi t e *Tiê*

Maria Luiza

Leonardo está estranho.

Começou ontem à noite, quando demorou demais para voltar com o remédio e seu rosto demonstrava tanta preocupação quanto o dia que Anna f oi parar no hospital com intoxicação.

Achei que estivesse acontecendo algo com meu padrinho ou nossos amigos, mas eu saberia caso algo acontecesse. Vicente não sabe manter a lí ngua dentro da boca e a essa hora o grupo já estaria cheio de mensagens em caixa alta.

Conheço Leonardo o suficiente para saber que tem algo o incomodando e que está me escondendo. Não posso forçá-lo a me contar o que é, mas tenho a leve impressão de que não vou gostar nada.

Ademais, chegou o grande dia. E eu mal vejo a hora de que ele chegue ao fim e que nós possamos finalmente voltar para casa.

Leonardo termina de fechar o zíper do meu vestido e eu estranho ainda mais.

Nenhuma piadinha ou mão boba.

Depois da nossa conversa quase que monóloga de sua parte, decido não puxar assunto, mas ainda assim, me preocupo.

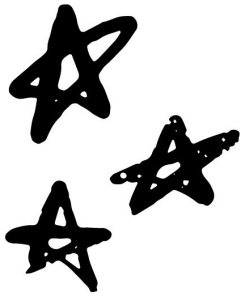
— Amor, você está se sentindo bem? — seguro seu rosto. — Se estiver sentindo algo, posso inventar alguma desculpa e nós voltamos para casa.

— Tá tudo bem, Estrela. Não se preocupa, só estou ansioso.

E então, ele me beija.

Mas até isso tem um gosto diferente. Um que eu conheço muito bem.

Tem gosto de despedida.



— Malu, pode dar uma olhada na sua irmã? — tia Amélia pede, um tempo depois de nos acomodamos em uma das últimas f ileiras. — Não sei se já está arrumada e tenho uma reunião em duas horas. Não posso me atrasar.

— Claro, tia — apesar de ainda estar chateada com o nosso "desentendimento" de ontem, concordo e me levanto. — J á volto, tá?

Sussurro para L eonardo, que assente e beija minha bochecha.

No caminho, acabo pegando uma das taças de champanhe na mesa em f rente ao casarão onde será comemorado a of icialização do matrimônio.

A f esta será na praia, de f rente para o mar e F ernanda está se arrumando em casa, na sala de estar. Mas agora deve estar sozinha, já que sua mãe e suas amigas estão sentadas nas primeiras f ileiras.

Entro em casa mas não a vejo, e só então ouço vozes vindo da cozinha, mas não reconheço de imediato quem são. Decido me aproximar, mas seria melhor se eu não o f izesse.

— Não deverí amos f azer mais isso, são os nossos irmãos — f ranzo o cenho quando escuto a voz of egante de Pedro.

O que ele f az aqui?

— Você não pensou nisso há quatro anos, quando tudo começou.

— E você pensou quando induziu meu irmão a se casar com você?

— Amor, a gente já passou por tanta coisa… não acredito que quer me deixar logo agora — a voz de minha irmã é chorosa.

Eu entendi isso direito? Acho que estou imaginando coisas.

Quatro anos.

Eles estão juntos há quatro anos.

Bruno e eu f omos enganados por todo esse tempo.

Não posso acreditar.

— Eu amei a sua irmã. E apesar de tudo, Bruno é meu irmão. Não posso f azer mais isso com ele, por f avor, entenda de uma vez por todas e não me procure.

Pedro aparece na porta da cozinha e me vê parada, boquiaberta e chocada demais para sequer me mover.

A taça de champanhe escorrega da minha mão e espatif a em mil pedaços. Assim como meu coração.

Se quer saber, nunca duvidei de que Pedro me traia. Ele mesmo conf essou que estava apaixonado por outra quando terminou. Eu só não imaginei que a mulher f osse justamente a minha irmã.

I sso é ridí culo. É nojento e repulsivo. Eu não quero nem acreditar que isso é real.

Estou presa dentro de um pesadelo, é isso. Tenho certeza.

Não é verdade.

Eu não f ui traí da pela minha própria irmã.

Meu noivo não me deixou uma semana antes do nosso casamento porque me traí a com ela.

Ou melhor, nunca noivei. Nunca f iz a burrada de me comprometer em um relacionamento que me af astou daqueles que amo.

Não aceito isso.

Abdiquei minha vida por ele, ignorei minhas vontades e abri mão dos meus próprios desejos em prol do nosso relacionamento.

Por culpa de Fernanda, nunca reconquistei o amor do meu pai. Também precisei vê-la possuir todo amor e cuidado que, por direito, deveria ser meu. Sof ri calada, enquanto todos cuidavam dela como se f osse uma boneca de porcelana.

Perdi a minha inf ância por culpa dela, bem como minha juventude por conta dele. E agora mal posso acreditar que f ui apunhalada nas costas por pessoas nas quais dediquei paciência e psicológico.

— Pedro — ela grita, também aparecendo na porta. Vejo-a empalidecer quando me vê. — Maria…

Engulo em seco, tentando levar junto o nó que se f ormou desde quando comecei a escutar a conversa.

Sem saber o que dizer, f aço o que sei de melhor: dou as costas e vou embora.

Atravesso o jardim com os dois atrás de mim. Fernanda me chama enquanto Pedro tenta me segurar.

Mas não paro. Não quero ouvir explicações. Até porque, não acreditarei em nenhuma.

— Por f avor, Malu. Não conta pro Bruno — ela chora.

— Não pode me pedir isso, o Bruno era meu amigo.

— Também era do seu namorado e ele concordou em não contar. Não quero decepcionar o Bru, não conta e eu prometo que nunca mais…

— Pare. Não quero ouvir nada — peço, soando grossa. — Vocês se merecem.

L eonardo concordou em não cont ar

Então é por isso que está tão calado? Ele sabe de tudo e não me contou.

Só permito que a primeira lágrima caia quando meus olhos se encontram com os dele e vejo seu sorriso desmanchar.

Meus ombros parecem, novamente, carregar todo o peso do mundo. E dessa vez, ninguém vai aparecer pra me ajudar.

Tudo ao meu redor desaparece e só o que consigo encarar é seu rosto enquanto se apressa para chegar até mim, buscando a confirmação do que Fernanda diz.

Mas quando está perto o suficiente, Leonardo fica em silêncio, apenas me observando ruir.

E se tem uma coisa que aprendi em vinte e sete anos é que quem cala, consente. Isso não poderia doer menos.

Ele mentiu olhando nos meus olhos e isso está doendo mais do que descobrir que meu ex-noivo me traiu com a minha irmã.

É nesse momento que eu sinto.

Sinto muito.

Sinto tudo ao mesmo tempo.

Dor, raiva, mágoa e algo que bani da minha vida há anos: amor

Não posso acreditar que me escondeu isso. *Não quero* acreditar.

Eu perguntei.

Porra, eu dei tantas chances nessa manhã.

Não deveria ter vindo para esse lugar.

Não deveria nem ter cogitado a ideia de marcar presença em lugar no qual não sou bem vinda.

A sensação de vazio, que em algum momento me deixou sem que eu percebesse, retorna novamente.

Abrir os olhos pode ser a coisa mais dolorosa a se f azer e às vezes os sinais são tão claros que chegam a nos cegar. Por isso nos decepcionamos, nos importamos demais com pessoas que só esperam pela primeira oportunidade para nos f oderem.

Eu conf io no Léo. Ou conf iava, não sei mais ao certo porque dentro de mim, razão e emoção duelam cruelmente sobre o que devo f azer.

A questão é que eu deveria imaginar que uma hora ou outra algo do tipo iria acontecer. É a lei da vida, estamos sempre nos decepcionando com aqueles que amamos.

Palavras, essas f ilhas da puta, que só servem para nos iludir, não amam ninguém. Elas não trazem garantia alguma de que vai f icar tudo bem.

Nesse momento, eu sinto que a corda bamba, aquela mesma que citei há algum tempo atrás, se partiu.

E eu me sinto como ela.

É como se eu f osse uma cidade destroçada.

Uma ponte destruí da.

Um pilar que não sustenta.

Uma casa não-habitada.

Um rio de incertezas.

Um coração partido.

De novo.

Capitulo 23

mudando de assunto, cê tá tão bonita
que cheiro gostoso que vem de você
e se eu te contar, você nem acredita
se eu tava brigando eu nem lembro o porquê

Mudando de Assunto *- Henrique e Juliano*

Leornado

Antes

Minha mente é minha maior inimiga.

Meu pai estava certo quando ensinou que eu nunca deveria me deixar levar pelos meus próprios pensamentos.

Não consigo parar de pensar no que f azer agora.

Me sinto sujo por ter dormido na mesma cama que ela sem lhe contar a verdade.

Mas a questão que circula na minha cabeça desde ontem é: *eu deveria contar?*

E se isso a fizer desistir de nós?

Ela vai ser capaz de me perdoar se descobrir que fiz parte dessa mentira, mesmo que indiretamente?

— Tá tudo bem, Léo? — pergunta olhando nos meus olhos.

Meu coração se parte um pouco mais quando percebo que está preocupada com a minha quietude.

Eu não devo fazer isso

Nego.

— Quer me contar alguma coisa? — desvio os olhos dos seus e nego novamente. Malu se aproxima, acariciando meu rosto com as mãos, em um carinho tão terno que quase me faz chorar. — Tem a ver com a sua mãe? É por isso que você está triste?

— Não, amor — sussurro, respirando com dificuldade.

— Leonardo, tá me escondendo algo?

É a sua última chance, cara.

Conta pra ela agora.

Acaba logo com isso.

Indo contra mim mesmo, a abraço, aconchegando-a no meu corpo. E minto, mais uma vez, jurando que essa é a última:

— Não.

Ela não precisa dizer nada, porque sabe que não estou sendo sincero e mesmo assim af aga minhas costas, tentando f azer com que me sinta melhor.

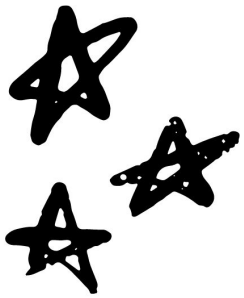
Malu sabe que não é verdade. Mas acha que o que não conto, é sobre mim. Quando na verdade, af eta diretamente a ela.

Minha Estrelinha pode ser lerda a ponto de não perceber o que sinto por ela há anos, mas sabe reconhecer quando tem algo errado. E tudo que vejo nos seus olhos agora, é preocupação.

— Se quiser conversar, sabe que posso te ouvir, não sabe? — assinto. — Não precisa guardar tudo pra você. Antes de tudo, ainda sou sua melhor amiga.

Estrelinha beija a ponta do meu nariz.

Me sinto ainda pior.



Aos doze anos

— Você precisa parar de esconder as coisas dos out ros com a int enção de prot egê-los — Gabriel reclama pela milionésima vez. — Sempre dá merda.

— E o que você queria? — me exaspero. — Que eu cont asse pro Bruno o que ela f ez?

— Claro, Leonardo! Se você contasse, o Bruno saberia antes e não seria pego de surpresa.

— Mas se eu contasse ele ia ficar magoado — me defendo. — E ele nem ia acreditar Aquela Helen nunca foi flor que se cheire.

— E daí que ele ficaria magoado, Leonardo? Você não acha que agora ele está pior?

Fico em silêncio, pensativo. Ele tem razão.

Se eu tivesse contado pro Bruno que sua namorada meteu dois chifres na cabeça dele antes, ele não estaria tão triste por ter visto a cena.

— Eu deveria me desculpar, né? — pergunto baixo, dando o braço a torcer

— Esse é o meu garoto — comemora, bagunçando meu cabelo. — Um pedido de desculpas é ótimo pra começar Por que você não compra um buquê de flores?

— Vai se foder

— Olha o palavrão, vou contar pro meu padrinho.

— Me erra, Gabriel.

Ele ri e empurra meus ombros com os seus.

— Promete que não vai mais mentir ou esconder algo pra nenhum de nós? — ele estende o mindinho.

Não preciso pensar duas vezes.

— Prometo — entrelaço nossos dedos.

Capitulo 24

ai, que saudade de um beija-f lor
que me beijou, depois voou
pra longe demais
pra longe de nós

F l or E O Bei j a-fl- ol*enrique e J uliano*

Leornado

Quando nossos olhares se cruzam, eu simplesmente sei que o que quer que tí nhamos, acaba agora.

Quebrei sua conf iança.

Menti para uma das pessoas mais importantes da minha vida.

E agora, o que vejo em suas í ris sempre tão honestas e f áceis de se ler, é decepção.

Para você, essa pode ter sido apenas uma mentirinha inocente. Af inal, Malu não ama Pedro e nunca teve uma boa relação com

Fernanda.

Mas não é verdade.

Eu f iz uma promessa para seu irmão, jurei que nunca mais mentiria para um deles. Passei anos repudiando mentiras e omissões, para no f im f azer aquilo que tanto julguei.

É mesmo verdade o que dizem por aí : o peixe morre pela própria boca.

Os dois a traí ram quando a colocaram como a vilã da história, sendo que se sacrif icou por eles, mas eu traí sua conf iança escondendo o que sei. O que torna tudo mil vezes pior.

Malu e Bruno tem essa coisa em comum: eles odeiam ser pegos de surpresa em *qualquer* ocasião.

— Amor… — começo.

— Você sabia — interrompe, quase cuspindo as palavras. Não é uma pergunta.

— Sim — respondo mesmo assim. — Descobri ontem à noite e…

Estrelinha dá as costas e caminha a passos rápidos na direção contrária de onde estamos, sem ao menos me ouvir terminar de f alar

Não penso duas vezes antes de ir atrás dela, sentindo meu coração bater desesperado no peito.

— Amor, espera.

— Não quero te ouvir, L eonardo. Agora não.

— Espera.

— Me deixa em paz, não quero te ouvir. Você sabia e não me contou nada.

— Queria que eu dissesse o que? — pergunto, derrotado.

— Você mentiu pra mim. Mas eu não deveria estar surpresa, já que você está sempre decidindo esconder dos outros coisas que não dizem respeito apenas a você.

— Malu, eu preciso te contar outra coisa.

— Me deixa sozinha, por f avor Só quero pensar.

— Não posso.

— Por que não?! — se exalta, enf iando as mãos em seus cabelos.

— Por que eu…

— O quê, L eonardo?! — ela grita me interrompendo, a voz tremendo e f ungando. — Vai escolher esse momento pra dizer que se apaixonou por mim?

— Amor, deixa eu f alar…

— Não quero, vai machucar mais — resmunga, chorosa. — Só… vai embora.

— *Eu t e amo.*

Digo mesmo assim. Quero que entenda isso de uma vez por todas que o que sinto não é passageiro, não é de agora.

Malu paralisa e lentamente, vira-se para mim. Seu rosto está manchado pela pouca maquiagem borrada pelas suas lágrimas. É como se estivéssemos presos a algum f ilme clichê. Um bem dramático.

Por f avor, Deus. Não deixa ela me odiar.

— Me ama…? Desde quando? — Estrelinha ainda parece chateada demais para acreditar nas minhas palavras.

— Faz quase vinte anos.

— Ah, Leonardo… — ela cai novamente no choro.

E eu despedaço ainda mais por dentro. Me sinto inútil e idiota agora.

Quando acho que não posso me sentir pior, continua:

— Você acha que eu vou acreditar nisso?

— Mas, amor…

— Não me chama assim — Malu dá um passo para trás quando tento me aproximar. — Se você me amasse de verdade… se suas palavras fossem reais, você teria me atendido naquele dia.

Imediatamente sou levado a quinze de junho, dois anos atrás, quando aconteceu seu noivado.

— Mais forte, Leonardo — a morena geme no meu ouvido.

Ouço o telefone tocar do outro lado do quarto, mas não quero falar com ninguém. Não hoje.

— Se isso fosse mesmo verdade, você teria parado no meio de uma foda com uma mulher que você nem sabia o nome e OUVIRIA O QUE EU TINHA A DIZER!

Nem lembro como se chama. Rebeca? Rafaela? Raquel? Ou será Renata?

Não lembro disso.

Só lembro de acordar há pouco numa cama de mot el com uma gost osa do lado.

Pego o celular, pront o para dizer ao meu pai que não piso naquela f est a nem que me paguem, mas a raiva cresce ainda mais quando o nome dela *pisca na t ela.*

Balanço a cabeça em negação. Como ela t em coragem?

Desligo a chamada, ant es de desligar o celular e volt ar para a cama, onde pret endo passar o rest o do dia e bast ant e ocupado.

— Se me amasse teria me contado antes e me impedido de estragar a minha vida — sua voz é baixa e cortante.

— Eu não tinha coragem — sussurro.

Não me importo se alguém estiver nos olhando. As lágrimas descem grossas e pesadas no meu rosto.

— E agora você tem? — me cala, parecendo horrorizada. — Agora você tem coragem de dizer que perdemos todos esses anos?!

— Estrelinha, eu não queria te af astar E não perdemos esse tempo, amor. Ainda podemos recomeçar.

— Por acaso, valeu a pena me esconder isso por todos esses anos e terminar mentindo pra mim?

Fico calado. Ela tem razão. Não adianta.

— Foi o que eu pensei.

Não sou capaz de responder. Nem de ir atrás dela quando me dá as costas, indo para longe.

L onge de mim.

Fico parado igual um idiota, enquanto vejo o amor da minha vida ir embora.

Por culpa minha.

Perdi minha garota.

E não vou me perdoar por isso.

Minha mente sussurra que ela não vai me ouvir. Mas o meu coração, esse órgão bobo e ingênuo, grita que ela precisa voltar.

— Achei que tivesse f eito uma promessa — a voz rouca e baixa soando atrás de mim é como uma acusação, uma espada de dois gumes.

Promet e que não vai mais ment ir ou esconder algo de nenhum de nós?

— Eu não queria ter mentido, Bruno.

— Assim f ica dif í cil de acreditar

E assim, ele também se vai. Me deixando estático no meio da praia, chorando pela minha garota, mas acima disso, chorando por ter quebrado uma promessa para alguém tão importante.

Capítulo 25

onde estiver
olha por mim
o meu amor não vai ter f im
tudo que passou do meu lado
estará para sempre marcado

L ei da V da -*Sabrina L opes*

Maria Luiza

— Sabia que te encontraria aqui — me assusto com a voz de Bruno. — Desculpe, não quis te assustar.

Não respondo nada, mal olho em sua direção.

Ele senta ao meu lado e olha para a mesma direção que eu: o túmulo f rio e cinzento onde está enterrado o corpo de meu irmão.

"O relógio sempre est eve de mal comigo."

O trecho adaptado de sua canção f avorita está gravado em sua lápide. E essa f rase nunca f oi tão real.

Meu anjo nunca vai conhecer meus gatinhos, nem os próximos bichinhos que pretendo adotar. Nunca vai saber o f im da novela das oito, a mesma que ele não perdia um episódio sequer. Ele nunca mais vai tirar f otos minhas em cenários esquisitos e conseguir f azer parecer uma f otograf ia prof issional. Meu irmão nunca vai decidir se queria cursar engenharia ou direito. Gabriel nunca mais vai me abraçar.

— Você ia me contar? — Bruno indaga, do nada. — Digo… se você estivesse no lugar dele, teria me dito?

— Sim — sou sincera. — Mesmo que você não acreditasse em mim.

— Nunca duvidaria de você, Estrelinha.

— J ura?

— De dedinho — retruca, com um sorrisinho de canto.

— Você está triste? — pergunto, cautelosa.

— Tô livre, Estrelinha — um riso nasal e irônico sai dele. — Eu a amei. Não agora, mas… em algum momento, eu realmente a amei. Amei ao ponto de ter que escolher entre as pessoas que amo e…

— Não precisa f alar sobre isso.

I nterrompo, porque, na verdade, não quero ouvir essa parte da história.

Estaria mentindo se dissesse que não machucou me af astar dele.

Machuca até hoje.

Tanto que passei muitas noites em claro me perguntando o que eu f iz para não receber nem uma mensagem ou recado.

Fui bloqueada e ignorada. Como se nós não tivéssemos tido uma história juntos. Como se f ôssemos desconhecidos. Como se não f ôssemos f amí lia — e digo isso antes mesmo de ser sua cunhada.

— E você? — viro o rosto pra ele, que me encara de volta. — Tá bem?

— I magina — ironizo. — Acabei de descobrir que f ui corna por sei lá quantos anos e que minha irmã é uma cobra. Além disso, meu namorado *de ment ira*, que também era o meu melhor amigo, sabia de tudo e escondeu de mim. Eu me sinto adorável.

— Odeio seu humor.

— É recí proco.

— Quer beber?

— Achei que nunca f osse perguntar, Bruninho.

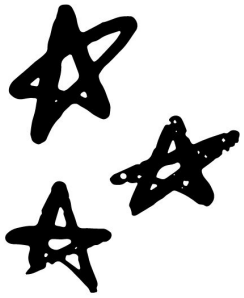
— Se me chamar assim de novo vou te deixar sozinha.

— Você não é tão malvado assim.

— Você disse namorado de mentira?

— É uma *looonga* história.

— Sou todo ouvidos, pequena.



Três garraf as de cerveja depois, eu mal lembro o meu nome.

Bruno não parece muito melhor que eu, virando uma dose de uí sque a cada minuto como se f osse água e resmungando coisas incoerentes.

— Eu a amei tanto.

— A Fernanda?

— Não, a outra. Aquela diaba que não quer mais olhar na minha cara.

— Ela deve ter seus motivos.

— Pior é que tem. Fiz uma burrada bem grande.

O que a gente f ala nesses momentos, hein?

Bom, seja o que f oṛ eu não sei, então preciso largar o copo de cerveja e tirar a garraf a do Bruno antes de perguntar:

— E agora? Para onde você vai? — ele paralisa e f ica me encarando como se estivesse processando o que acabei de f alar— Você não tem pra onde ir?

Bruno balança a cabeça, negando. O único lugar que tem é a casa de seus pais, ou seja, lugar nenhum.

— Vou dar um jeito nisso. Vem — engancho seu braço no meu, saindo do bar. — Quer buscar alguma coisa na sua casa?

— Só umas lembranças.

— Eu vou com você — decido, enquanto caminhamos.

Tiro o celular do bolso e procuro pela única pessoa que deve estar acordada a esse horário da noite.

— *Por que est á me ligando uma hora dessas?*— sua voz soa abaf ada, como se estivesse comendo algo.

— Pode vir me buscar? Tô meio bêbada.

— *E cadê o L éo?*— Vicente pergunta, um pouco mais alto do que deveria.

— Nós brigamos — amenizo a situação. — Não quero f alar sobre isso. Pode me buscar agora ou não?

— *Posso, me manda o endereço* — se dá por vencido.

— Te amo, bebê.

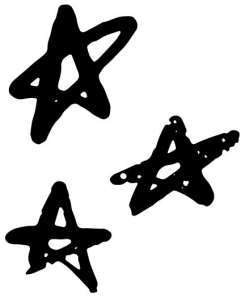
— *Também t e amo, Est rela.*

Desligo a chamada, mas volto a procurar outro número enquanto espero Bruno do lado de f ora de casa.

— *Quem é vivo sempre aparece*…

— Quero cobrar meu f avor, Gael.

— *Tudo o que você quiser, mia dolcezza*[11].



Quando entro no meu quarto, percebo que já não tem mais nada dele e que minha mala mais pesada também não está aqui.

É por esses e outros motivos que odiar Leonardo é impossí vel. Ele está sempre dando um jeito de f acilitar a minha vida, até quando estou brava com ele.

Abro o closet e procuro pelas caixas que esqueci aqui da última vez que vim. Eram todas do Gabriel, onde ele guardava cartas, f otos, ví deos e tudo que julgasse importante.

Guardo-as com o maior cuidado do mundo dentro da mala menor e olho mais uma vez para o quarto onde passei a maior parte da minha inf ância.

Estou quase f echando a porta quando algo me chama atenção. Em cima da cama, uma caixa de jóias f echada. Caminho até ela e a abro, me deparando com um colar de prata no f ormato de uma pegada de gatinho e é impossí vel não sorrir

Coloco o acessório de volta na caixa e guardo na minha bolsa de mão, f inalmente saindo do quarto.

Não tem ninguém em casa, o que, de certa f orma, f acilita as coisas. Envio uma mensagem para Miguel, pedindo para que se desculpe com as minhas tias por ir embora sem me despedir e só então atravesso os portões da casa.

É a últ ima vez que piso nesse lugar que só me t rouxe dor

Capítulo 26

eu ainda estou aqui
perdido em mil versões
Irreais de mim
estou aqui por trás de todo o caos
em que a vida se fez

Me Espera *- Sandy part. Tiago Iorc*

Leonardo

Um mês depois

O dia está lindo lá fora, mas dentro do meu quarto parece ter passado um furacão.

Minhas roupas sujas estão por todo lado, espalhadas como se eu ainda tivesse treze anos, e minha cama não sabe o que é estar arrumada há um bom tempo. Um mês e três dias, para ser exato.

Além disso, tem uma garrafa de tequila pela metade na mesinha de cabeceira. Eu bebo uma dose todo dia antes de dormir e escondo do

meu pai toda vez que me visita.

O pote de ração do Miau, ao lado da porta, está intocado desde que voltei de Búzios. J á que aquela peste, que f ui obrigado a adotar, não f az o mí nimo pelo pai dele, que é me visitar e me dar carinho.

Gastei uma grana alta naquele gato saf ado que só come ração de primeira, daquelas que custam um rim, para agora ele ser ingrato ao ponto de estar enf iado na coberta da mãe dele, que ainda não quer me ver nem pintado de ouro.

Aquela cobert a deve est ar t ão quent inha e gost osa.

Meu quarto está uma bagunça, assim como minha vida, e ela não está aqui para me obrigar a arrumar.

Eu deveria estar f eliz por não precisar f orrar a cama assim que acordo ou não ter mais que colocar roupas sujas no cesto.

Mas não.

Aqui estou eu, chorando as pitangas e torcendo para que Estrelinha invada esse lugar imundo e coloque ordem em tudo, com seu jeito mandão e agitado.

No mês que se passou, ainda mantemos contato. Não como antes, mas pelo menos ela não ignora minha presença ou f inge que nada aconteceu.

Agora, parece errado entrar no seu apartamento sem ser convidado. É estranho não comermos juntos todos os dias e torturante vê-la sair quase todas as noites e não poder perguntar para onde vai.

Quando acordo, não tem ninguém na cozinha me esperando para f azer caf é.

Quando deito não tem ninguém invadindo o meu quarto porque não consegue dormir sozinha.

Quando saio para o trabalho não tem ninguém para consertar minha gravata e me chamar de tapado por nunca conseguir f azê-lo sozinho.

Quando vou ao mercado não chega nenhuma mensagem de última hora com uma lista imensa de coisas que esqueci de colocar na primeira lista.

E isso me destrói um pouco mais a cada dia. Por que sinto que perdi uma parte da minha vida.

J á não lembrava como era viver sem ela. Sendo sincero, nunca f iz questão de relembrar, porque é uma merda. Não sei f azer nada sem que ela mande.

Eu pensava que a cada passo que dávamos, retrocedí amos dois, mas graças a minha burrada, voltamos para a linha de partida.

Mas, mesmo não aguentando mais tanta saudade de estar com ela, preciso respeitar seu tempo.

I sso signif ica que não sei mais o que f azer para f icar longe e meu corpo implora pelo dela todas as vezes que a vejo ou que deito e percebo a cama f ria.

Aí eu bebo uma dose, às vezes duas e, f inalmente, durmo.

Eu já sabia que perderia minha garota caso ela descobrisse que escondi algo assim e mesmo assim continuei com aquela palhaçada. Maldita hora concordei em não contar.

Acreditei naquela cobra e no papinho de que contaria para Bruno e Malu antes do casamento e me f odi.

Aliás, qual o meu problema em presenciar momentos inoportunos?

Nesse um mês, acabei o meu livro. Mas nem isso parece tão empolgante. Ela nem tá aqui pra dar uma opinião sobre ele.

Vicent e:O Miau se machucou?

Eu: Não vejo ele desde ontem. Ele *t ava*bem. *Pq*?

Vicent e:A patinha dele tem uma mancha de sangue e ele f ica gemendo toda vez que encosta no chão.

Eu: Cadê ele? Desde quando ele tá assim?

Vicent e: Percebi ontem, quando veio dormir comigo.

Meu gato realmente me odeia.

Eu: Porra, não f az nem dois meses que ele quebrou a pata.

Vicent e: Que sorte que a mamãe dele é veterinária, né?

Eu: Vicente, não começa.

Vicent e: Poxa, que oportunidade imperdí vel, bonitão.

Vicent e: Hoje ela trabalha até às 19h.

Eu: Vamos comigo?

Vicent e: Ocupado demais. Fala com Anna.

Vicent e: Ah, sim. Ela também tá meio ocupada.

Eu: Ocupada com o quê?

Vicent e: Tentando não matar o Avellar.

Eu: Você não vai perdoar nunca?

Vicente: Essa é a ideia.

Vicente: Quando chegar lá diz que é emergência. E pede pela Dra. Lobos.

Eu: Não fala como se eu fosse idiota, já sei disso.

Vicente: Uhum.

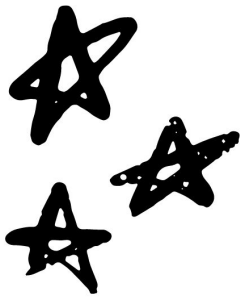
Eu: Vicente?

Vicente: Diga, sabichão.

Eu: Onde ficam os documentos dele?

Vicente: Na segunda gaveta da estante da sala.

Eu: Valeu.



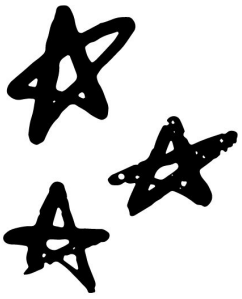
— Oi, bonitão — Elen sorri assim que apareço na recepção e começa a tagarelar. — Quanto tempo, hein? A doutora tá na sala dela. Pode entrar, ela não tem pacientes pela próxima hora.

Dou um sorriso nervoso e a cumprimento, caminhando pelos corredores como se isso ainda fosse comum. Miau está adormecido em meus braços como um bebê quando bato na porta e ouço um "entra" como resposta.

— Elen, achei que só teria mais pac… — ela começa, mas se interrompe quando me vê parado na porta. — O que aconteceu?

Fico quieto por um tempo, observando-a, até lembrar para que realmente vim. Seu cabelo está mais curto e sua aparência parece cansada apesar de estar com maquiagem. Linda, como sempre.

— Oi — sussurro, me sentindo o próprio Ross Gueller com aqueles cumprimentos tristes e amargurados. — Eu preciso de ajuda. O Miau se machucou de novo.



— Pronto — ela diz, esf regando o nariz no f ocinho molhado do meu gato.

Que cara mais sort udo.

— Ele tá bem mesmo? — pergunto, só pra ter certeza. Apesar de ser um pouco desnaturado com ele, eu até gosto do bichano.

— Tá, Léo — ela ri baixinho. — Foi só uma f erida. Não tem nada gravemente machucado.

Estrelinha me entrega o gato e eu me demoro no ato, encostando nossas mãos propositadamente.

Um silêncio estranho recai entre nós. Isso nunca aconteceu antes.

— Eu… posso vir te buscar? — pergunto, ainda com medo de levar um pé na bunda.

— Não posso — ela nega e eu assinto sem graça. — O Bruno vem.

— E te ligar? Posso? — tento novamente.

— Léo, moramos a um corredor de distância. É só bater na minha porta.

— Um f ilme então?

— Tô livre hoje a noite. Eu posso escolher?

Odeio as escolhas dela, sempre envolvem tragédias e destruições e eu sou do time que pref ere romances água com açúcar e desenhos animados.

Quero gritar que não, mas, ao invés disso, o que respondo com um sorriso rasgando meu rosto é:

— Claro, Estrelinha.

Capítulo 27

como é que tá seu coração *sozin* sem mim?
e se tiver igual ao meu, que dó, *t adin*
pro nosso bem, escuta a dica
pega a sua vida e traz de volta pra minha
e traz de volta

P r o Nosso Bem *- Gust avo Miot o*

Maria Luiza

São exatamente oito e meia da noite quando escuto duas batidas na porta.

Anna boceja — o que é no mí nimo esquisito, já que ela estava euf órica há pouco menos de trinta segundos.

— Acho que vou dormir. Tchau, Estrela.

Sutileza não é o f orte dela, pelo visto.

— Traidora — sussurro enquanto caminho até a porta.

Passo a mão no cabelo, ajeitando-o, e conserto o pijama branco de poá preto. Respiro f undo duas vezes antes de girar a maçaneta e perder todas as minhas palavras.

Léo segura Miau em uma mão e uma vasilha cheia de pipoca doce na outra e minha barriga ronca, me envergonhando e o f azendo rir Ele está vestido com uma calça moletom preta e uma camiseta cinza do *Toy St ory*— que eu vou pegar na primeira oportunidade.

Mentirei se disser que não estou mais ressentida. Estou, e muito. À s vezes, a raiva que sinto por ter me escondido sobre aquilo, chega a ser esmagadora.

Me senti traí da, essa é a verdade. E não f oi por Pedro ou Fernanda, mas sim porque o meu melhor amigo, a mesma pessoa que passei uma semana em clima de casal e que me conhece desde quando ainda usava f raldas, sabia de tudo e não me contou nada.

Não conheço suas motivações. E mesmo se conhecesse, não me sentiria dif erente. Nada justif ica mentir sobre algo que af eta outras pessoas ao seu redor. Não digo só por mim, até porque não f ui a única machucada na história.

Nesse tempo que passou e f icamos separados, pensei nos milhões de pequenos detalhes de tudo que aconteceu durante a semana e todas as vezes eu voltava naquele *"eu t e amo"*.

Ele parecia sincero, mas, ao mesmo tempo, eu não consegui acreditar quando prof eriu as palavras. Parecia f alar aquilo para aliviar minha raiva, o que só f ez com que o sentimento aumentasse e eu explodisse de vez.

Porém não retiro minha parcela de erro por ter jogado a culpa de *quase* ter estragado minha vida com aquele telef onema. O Léo não tinha como adivinhar o que eu diria aquele dia.

No f im das contas, a verdade sempre vem à tona. No meu caso, inf elizmente, veio da pior f orma possí vel e me machucou de maneiras dolorosas.

Ainda não o perdoei, eu conf esso. Mas sinto f alta do meu melhor amigo e por isso aceitei assistir o f ilme. Bem, isso é porque não aguento passar nem mais um dia sem sua presença.

Eu e Bruno estamos nos reaproximando aos poucos, o que é uma boa distração. Consegui um apartamento vago no andar de cima para ele e tenho passado a maior parte do tempo lá, isso quando um de nós não está de plantão. Bruno é cirurgião pediatra muito dedicado e apaixonado pelo que f az.

— Oi, Estrelinha — ele sorri, soltando o gatinho que se esf rega nas minhas pernas antes de deitar no encosto do sof á.

— Oi, Léo — sorrio de volta.

É estranho. Muito estranho. É como se f ôssemos desconhecidos. Não gosto disso. Não gosto nem um pouco.

Meu corpo entra em combustão e meu estômago parece estar cheio de borboletas batendo.

Me inclino e beijo sua bochecha. Leonardo, então, circunda minha cintura com o braço livre e me abraça de lado, com a cabeça deitada no meu ombro. Ele parece estar preso nesse momento e eu não f aço tanta questão de interromper então abraço de volta.

Ele me solta e volta a me encarar. Desperto do transe e saio do caminho, chamando-o para entrar.

— Qual f ilme escolheu?

— A Freira.

Leonardo revira os olhos.

— Não podia ser uma coisa mais leve? Tipo *Amizade Colorida* ou *10 coisas que eu odeio você?*

— Você disse que eu podia escolher — contesto.

Ele senta no sofá e murmura algo sobre eu não ser como outras mulheres. Me jogo ao seu lado, mantendo um pouco de distância entre nós, e pego o controle, procurando pelo filme.

— Você sentiu falta do papai, Sid? — ouço Léo perguntar baixinho para o meu gato, que está em cima dele, se esfregando. — Então porque não foi me visitar, seu ingrato?

O ar desconfortável volta e sinto seu olhar me perfurar, mas não me atrevo a encarar de volta, então dou *play* e me acomodo debaixo das cobertas quentinha que busquei no quarto.

Me assusto antes mesmo do filme chegar aos cinco minutos e abraço meus joelhos. Por que inventei de assistir esse filme, hein?!

Mal percebo quando Léo se aproxima e passa o braço por trás da minha cabeça, a posicionando em seu peito. Encosto a cabeça em seu ombro e me encolho, me sentindo protegida.

Não demora até que comece a acariciar meu cabelo e me abrace forte sempre que eu fico com medo. Miau e Sid continuam disputando o espaço em seu colo enquanto Garfield dorme tranquilamente na poltrona e Salém deve estar perturbando Vicente uma hora dessas.

— Léo — chamo na mesma hora que os créditos começam a rolar — Quero ir no banheiro.

Ele não questiona. Apenas ajeita os dois gatos em seus braços e me segue. Léo cantarola uma música do Lagum baixinho do outro lado da porta entreaberta enquanto faço xixi, olhando para todos os cantos antes de me secar e lavar as mãos.

— Vem, vou te colocar na cama.

Léo me guia até o meu quarto e espera eu me deitar para soltar os dois gatinhos na minha cama. Quando Miau se aconchega em meus braços, como de costume, ele me cobre.

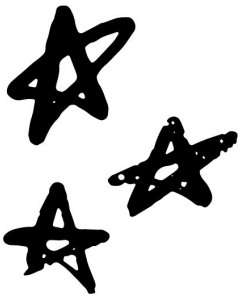
Estou um caco. Meu nariz está entupido, meu cabelo bagunçado, estou tremendo de medo de um f ilme e vestindo o pijama mais brega do meu armário. E, mesmo assim, ele ainda me olha como se eu f osse a garota mais bonita do mundo.

— Podemos conversar depois? — rebato, passando o dorso da mão no nariz irritado. — Preciso de mais um tempo.

— Tá bom, Estrelinha — mesmo parecendo decepcionado com a minha decisão, ele se dá por vencido e levanta da cama, ligando o abajur. — Eu já vou indo, mas qualquer coisa, eu moro do outro lado do corredor.

Sorrio.

Léo passa os polegares no meu rosto, f az um último carinho nos nossos f ilhos e beija minha bochecha direita. Depois apaga a luz e da porta, sorri para mim. E só então vai embora.



Aos 12 anos

Coço os olhos me sent indo irrit ada.

— Você t á bem? — L éo pergunt a quando me vê sozinha e de cabeça baixa na hora do int ervalo, ainda dent ro da sala. Ele se sent a na minha cart eira, de f rent e para mim.

Anna, Gabriel e Bruno começaram a est udar em out ra escola esse ano, porque já est ão no ensino médio e só de imaginar que ano que vem o L éo vai t ambém, meu coração se apert a. Vou f icar sozinha porque nem o Vicent e est uda aqui.

— Minha barriga dói.

— Quer ir embora? — ele coloca uma mecha do meu cabelo at rás da minha orelha. — Eu t e levo — assint o. — Arruma suas coisas.

Me levant o e arrumo minhas coisas, quase me dobrando de t ant a dor. Quando volt o meu olhar para L eonardo, ele pigarreia e f az sinal para que eu me aproxime.

Chego pert o e ele mexe no meu cabelo parecendo escolher as próximas palavras.

— Você já menst ruou?

— Não — respondo meio const rangida. — Por quê?

— Sua calça t á suja de sangue — ele responde, como se essa f osse a coisa mais rot ineira do mundo.

Posso sent ir minhas bochechas pegarem f ogo. Não acredit o nisso. Achei que f osse demorar mais para acont ecer isso comigo. Que droga.

— Que vergonha — escondo o rost o nas mãos, quase chorando, e L éo ri, me puxando para um abraço. — Me solt a, L éo. Eu t ô suja.

— Não precisa f icar assim, Est relinha — ele t ira minhas mãos do rost o. — Você deve est ar com cólica.

— Mas é muit o const rangedor — cont est o. — Como eu vou embora assim?

Ele me solt a enquant o limpo minhas lágrimas e t ira o próprio casaco, f icando de pé e amarrando-o em minha cint ura, cobrindo a mancha.

— Vamos na diret oria e depois lá pra casa, deve t er remédios e absorvent e da Anna lá. A gent e pode assist ir um f ilme ant es do almoço e esperar os caras chegarem do colégio.

Amanhã é sábado e aniversário de dezesseis anos da Anna, ent ão t odos nós vamos passar o f im de semana na casa do padrinho.

— E você vai f azer pipoca doce pra mim?

— Vou — sorrio com sua respost a e ganho um beijo na bochecha.

— Pode ser de chocolat e?

— Pode.

L éo est ende a mão e eu a seguro, deixando que me leve para f ora da sala.

Com ele eu sou capaz de ir at é o f im do mundo.

Capitulo 28

esqueci
mas eu prometo, não esqueço mais
não sei o que passou, não sei por quê
eu não podia me esquecer
eu errei
eu deveria ter lembrado, eu sei
não sei o que dizer, não f oi por querer
somente esqueci

P er doa*- Anavit ória*

Leornado

A parte que eu mais odiei em f icar longe durante quase dois meses f oi não poder agir como*nós*.

Desde que conheci Estrelinha — quando ela nasceu — nunca tivemos uma f ase assim.

Nem quando ela namorava Pedro, ou com a minha mudança para o outro lado da cidade, aconteceu algo assim.

Acabamos nos distanciando um pouco f isicamente entre esses acontecimentos, mas estávamos sempre nos f alando por mensagens e ví deo-chamadas, f ora que meu pai a trazia para passar o f im de semana conosco ou eu ia visitá-la em f eriados e recesso da f aculdade.

Agora é tudo estranho.

O que antes parecia uma rotina, hoje parece algo distante. Como se nunca tivesse acontecido e a nossa curta relação parece ser f ruto da minha imaginação.

J á se passaram duas semanas desde que assistimos ao f ilme e eu ainda consigo sentir seu cheiro no meu corpo, é como se Malu estivesse impregnada em mim.

Essa história de tempo também não está me ajudando. Passei vinte anos amando essa mulher em silêncio e agora que f inalmente me declarei ela me pede para ir com calma?

QUANTO TEMPO VAI DURAR ESSA CAL MA MAI S UMA SEMANA? UM MÊS? UM ANO? EU POSSO MORRER ANTES DI SSO!

Não aguento mais dormir sozinho. Me sinto solitário, porque a minha Estrelinha — aquela que deveria me aquecer — está ocupada demais me f azendo pagar por todos os meus pecados. Até pelos quais eu não cometi.

O que esperava também? Passei a vida — quase — toda dividindo a cama com ela que perdi o costume de passar tantas noites sozinho.

Estou tão rabugento que até o Vicente se of ereceu pra dormir comigo de tanto que bebi e chorei em seu ouvido dizendo que não conseguia pegar no sono com a cama vazia e cheia de pelo de gatos.

O problema é que eu só quero dormir de conchinha com ela. Não é pedir demais, é?

Acho que estou começando a f icar louco. Há coisas dela espalhadas em todos os cantos da casa, mas parece que só eu percebo isso.

Vicente e Anna me atualizam a cada passo em f also que Estrelinha dá. São dois f of oqueiros de carteirinha, não tem jeito. Mas é isso que tem me mantido entretido.

Meu pai continua cobrando visitas de todos nós, alegando que está se sentindo muito sozinho e que vai f icar maluco se sua única companhia continuar sendo o Cravo e a Canela.

Eu não cheguei a contar a metade de tudo que aconteceu, f alei apenas que brigamos porque menti. Mas não duvido que saiba de tudo, Malu não estava brincando quando disse que não sabe mentir para o padrinho.

Luna, que se recusa a conversar comigo desde que soube da nossa "briga", visita Malu toda semana. *Ela me visit ava uma vez a cada dois meses e ainda roubava t odo o meu caf é.*

Eu errei f eio e nunca vou me perdoar por isso. Não me orgulho do que f iz, muito pelo contrário, me sinto culpado todos os dias.

Estou preso aos meus próprios pensamentos e todos eles me acusam de ser desleal com aqueles que prometi não magoar.

Para algumas pessoas, pode parecer algo bobo. Mas eu sabia o que isso causaria em Maria Luí za quando aceitei a brilhante ideia de esconder o que vi.

Minha Estrelinha cresceu rodeada de mentiras e omissões que a f izeram ter dif iculdades em criar laços af etivos com outras pessoas.

Na adolescência, principalmente, enquanto todas as garotas estavam preocupadas em arrumar um namorado, Malu estava enf iada na minha cama, chorando por alguém que nem mesmo pôde se despedir dela.

E dói lembrar que não pensei nisso no momento em que aceitei apunhalá-la. O peso da culpa é enorme, bem como o peso do meu egoí smo.

Mais uma vez, deixei minhas malditas inseguranças tomarem o controle da situação e não só me f odi, como perdi minha mulher.

E o meu amigo.

Porra, Bruno f oi um babaca conosco, mas não merecia viver ao lado daquela cobra sem saber que ela estava o traindo com o próprio irmão.

I ndependente do que aconteceu entre nós, eu f iz uma promessa.

Viro a garraf a de cerveja na boca, sentado com as costas na cama e f aço uma careta. Odeio o gosto disso, mas Vicente e Maria L uí za são apaixonados e era a única coisa bebí vel na minha geladeira.

Pref iro tequila, mas, por ora, isso serve para amenizar a dor da saudade.

Encaro o celular na mão, f az cinco minutos que digitei o número que sei de cor e salteado, mas não tenho coragem de ligar.

É uma ideia boba, até porque ela mora do outro lado do corredor. Mas talvez seja melhor não vê-la até ter certeza de que ainda há uma possibilidade para nós. Tenho medo do que tem a dizer.

E se, por acaso, achar que nós não temos f uturo, quero seu perdão, para que assim, quem sabe, eu consiga partir para outra. Como já disse milhões de vezes, não me importo em ser apenas amigo. Desde que possa continuar ao seu lado, posso ser o que ela quiser.

Eu quero esperar seu tempo. Realmente, quero.

Mas também preciso que me ouça, porque não consigo mais segurar. Parece que vou suf ocar com todas essas coisas não ditas.

Em um súbito momento de coragem, clico no botão verde, f azendo uma prece silenciosa para que não desligue na minha cara.

— *Oi, L éo* — sua voz soa abaf ada e of egante, como se tivesse correndo. — *Acont eceu alguma coisa?*

— Eu sei que disse que ia respeitar o seu espaço — começo em um resmungo que sai como um choramingo. — Mas eu tô com saudade e preciso me desculpar.

O silêncio se estende do outro lado por um certo tempo, ouço apenas sua respiração, me f azendo pensar que talvez eu tenha escolhido as palavras erradas.

Diret o demais, L eonardo.

— *Vem pra cá.*

É só o que preciso para desligar a chamada, antes que ela mude de ideia, e me apressar em terminar minha garraf a de coragem. L evanto da cama, vestindo o primeiro moletom que vejo na f rente.

Abro a porta do meu apê e conf irmo se a sua também está destrancada. Não sei se me alí vio ou me desespero quando se abre. As duas inconsequentes do 202 devem achar que este é o lugar mais seguro do mundo, não é possí vel.

F echo a porta atrás de mim, preparando meu discurso sobre o que vim f azer Tá muito cedo pra pedir um espaço para mim na sua cama?

Se eu disser que o Vicente me trancou para f ora, será que vai acreditar?

Não.

Ela não vai cair nessa e nem em nenhuma das outras desculpas que penso enquanto tomo coragem para dar o primeiro passo.

Então, decido ser apenas sincero e me ajoelhar aos pés dessa mulher birrenta mais uma vez, se f or necessário.

Okay, amor. J á ent endi a lição. Promet o nunca mais ment ir para você. Agora dá pra me deixar dormir de conchinha com você? Eu f ico caladinho, juro.

Qualquer palavra some quando ouço um gemido estrangulado de dor e sigo o som até a cozinha, vendo-a de pé e curvada com a mão na barriga e sangue escorrendo pelas suas pernas.

— O que aconteceu? Se machucou?

Me agacho à sua f rente, procurando algum f erimento em sua perna, com um pequeno rastro de sangue. Malu of ega, gemendo mais alto a cada segundo abraçando a si mesma com f orça. Não que eu tenha experiência, mas não parece ser menstruação. É ralo demais.

— Tá doendo muito — chora, gemendo. — Me leva pro hospital L éo. Tô com muita cólica e não consigo levantar

— Tá tudo bem? — Anna aparece no portal que divide a sala e a cozinha, descabelada e sonolenta, mas arregala os olhos assim que percebe o que está acontecendo.

— Pode pegar os documentos dela pra mim? — peço, tentando parecer calmo. — Vou levá-la ao hospital, não deve ser nada demais — não sei se digo a última parte para me conf ortar ou acalmar Malu.

Coloco Malu sentada na banqueta e beijo sua testa. Corro até seu quarto e abro o guarda roupas enquanto minha prima procura seus documentos.

Pego a primeira roupa quente que encontro e volto para a cozinha. Anna me ajuda a despi-la e eu limpo suas coxas e o meio de suas pernas

com a camiseta que acabei de tirar antes de vestir a calcinha, seguida do vestido longo e o casaco, me certif icando para que não sinta f rio.

Anna me entrega a bolsa com os documentos e eu pergunto para Malu se consegue andar. Ela responde que sim, mas assim que levanta, seu corpo amolece em meus braços.

Carrego-a e Anna sai na nossa f rente, voltando a pegar a bolsa da minha mão e abrindo a porta para f acilitar a passagem. Entramos os três no elevador e Malu volta a gemer, enterrando a cabeça no meu pescoço e apertando meu moletom. Ela não para de chorar e isso me parte ao meio.

— Vai f icar tudo bem, amor Prometo que vai…

A porta do elevador se abre e minha prima sai, novamente na f rente. Não sei o que seria de nós sem ela, porque, na pressa, esqueci as chaves do meu carro enquanto ela veio preparada com as chaves do Bruno. J á imagino a merda que vai dar depois, já que ele sempre teve ciúmes do automóvel.

Me sento no banco de trás, com Malu no colo e Anna acelera, como nunca a vi f azer antes. Geralmente, ela é uma lesma no trânsito, àquela que respeita todas as regras e nunca levou uma multa sequer. *A responsabilidade dela acaba por aqui.*

O carro é estacionado de qualquer jeito na entrada do hospital e nós saí mos, procurando por algum prof issional que possa nos ajudar

Por sorte, o pronto-socorro está quase vazio e uma enf ermeira muito simpática nos atende f azendo alguns procedimentos que diz ser de rotina.

Ela chama algum residente de plantão e eu agradeço aos céus quando dou de cara com Nathan. Não que eu conf ie nele, mas ele é amigo da Malu e seu pai é amigo do meu e é padrinho de L una.

Ele repete os mesmos procedimentos e pergunta se ela está no perí odo menstrual, Malu nega. Nathan f az o que parece ser um ultrassom e pede para a enf ermeira preparar uma sala.

Quando a enf ermeira volta dizendo que está tudo pronto, ele nos inf orma que só pode haver um acompanhante. Anna f ica na recepção enquanto eu seguro a mão de Malu.

Malu se contorce quando é submetida a um exame de toque. Tudo acontece muito rápido, eu mal consigo entender o que dizem. Estou muito preocupado tentando recordar o que pode ter causado esse sangramento.

Tiro seus f ios suados da testa, tentando transmitir a calma que não tenho quando o doutor aparece na sala. Malu continua calada e assente quando pergunto se está melhor, mas parece zonza.

— Bem, o que aconteceu aqui é algo bem normal nas primeiras semanas — ele começa, lendo algo no prontuário. — Um descolamento ovular é caracterizado pelo acúmulo de sangue entre a placenta e o útero. Pode ser tratado com medicamentos, repouso absoluto e alguns exames de rotina devem ajudá-los a deixar vocês um pouco menos nervosos. Vou aplicar algo para dor e te deixar em observação pelo resto da madrugada.

— E isso é grave, doutor? — pergunto. Não entendi metade das coisas que disse.

— Não, mas é preciso de ainda mais cuidados, para não prejudicar nem a nossa garota e nem o bebê.

— Quais são os… — começo, mas preciso parar. I sso não f az sentido. — Você disse bebê?

Não consigo nem f icar irritado por ter f alado "nossa garota". Outra coisa acaba de me deixar de boca aberta.

Olho abismado para Malu, encarando seu amigo como se ele tivesse duas cabeças ou sei lá, chif res. Está literalmente chocada, com os olhos arregalados e a boca entreaberta.

— Vocês não sabiam? Desculpem. Parabéns, papais, vocês estão grávidos de sete semanas!

Puta que me pariu.

O que a gente tem que f azer em uma situação dessas? Sorrir e acenar? Desta vez é sério, estou inf artando.

Eu vou ser pai?

Meu Deus, o meu pai vai me matar quando descobrir. Eu mal posso acreditar no que ouço. Em alguns meses posso um bebê nos braços.

Não acredito nisso. Caralho.

EU VOU SER PAI !

— Leonardo? — a voz desesperada de Malu me alcança, mas não consigo responder. — Ai, meu Deus, ele tá branco demais, Nathan, f az alguma coisa…

É a última coisa que lembro de ter ouvido antes de acordar na maca ao lado de uma loira chorona, algum tempo depois.

Capitulo 29

não preciso gritar
você vem me salvar
você sente quando eu vou chorar
parece não ser desse mundo
porque você sabe de tudo

Ser Humano Ou Anjo *Matheus e Kaua*

Maria Luiza

Minha cabeça está uma confusão.

Essa é uma brincadeira de muito mal gosto. Não posso ter filhos. Houve algum erro, tenho certeza. Passei quase três anos tentando engravidar. Não obtive sucesso algum.

Pedro e eu fizemos diversos exames enquanto estávamos juntos e os resultados foram inconclusivos para mim, enquanto os dele estavam normais.

Não é possí vel que um único descuido com o Leonardo tenha, magicamente, um resultado.

Deve haver um engano. Esses exames estão errados, não pode ter uma criança morando em mim.

Vou ref azê-los em outro hospital assim que o show do Leonardo acabar e ele acordar. Dessa vez, Nathan passou dos limites com as brincadeiras.

— Deve ter algo errado — começo, depois que dois enf ermeiros colocam Léo na maca ao lado. — Eu não posso engravidar

— Não é o que os exames dizem, Maluca — meu amigo vem para o meu lado, mostrando o que parece ser um ultrassom e aponta para uma mancha branca. — Aqui está o f eto. Ele tem o tamanho de um mirtilo.

Seguro o exame com as mãos trêmulas. Tem alguém crescendo na minha barriga.

E agora? O que eu f aço? Não sei nem cuidar de mim mesma, como vou cuidar de alguém tão minúsculo? Ele não cabe nem na minha mão.

Ele pergunta se quero receber visitas e eu af irmo, abraçada à imagem que tenho em mãos. Antes de sair e liberar as visitas, ele repete que vou precisar passar a noite em observação e que preciso marcar uma consulta ainda essa semana com um obstetra e se despede, dando um beijo na minha testa e pedindo para mandar lembranças à Luna.

Nathan é um bom amigo. É sempre carinhoso e atencioso com todos, um pouco dif erente dos seus irmãos, que são mais f echados.

Anna entra no quarto dois minutos depois, com um semblante preocupado no rosto vermelho, ainda vestida de pijama. Ela dá um pequeno sorriso quando me vê e se senta ao meu lado, na cama e

acaricia meus cabelos. Anna não lida bem com hospitais ou qualquer coisa que se assemelhe ao pior dia de sua vida. *De nossas vidas.*

— O que o médico disse? — sussurra.

— Eu tô…

— CHEGUEI — sou interrompida pelo barulho na porta. Bruno aparece com o cabelo molhado e a camisa ao contrário. — Acabei de sair do plantão e você não atendia. Liguei pro Enrico e ele tava muito alterado, dizendo que não sabia o que estava acontecendo. Nossa, ele falou uns palavrões que eu nunca ouvi na vida, mas aí disse que estavam aqui no hospital e eu…

— Bruno, calma — peço, o interrompendo. Ele apoia uma das mãos na parede, recuperando o fôlego.

— Mas o que… por que o Leonardo tá tão pálido?

— Por que ele desmaiou quando o médico disse que estou grávida.

Anna para o movimentos no meu cabelo e me encara chocada, os olhos de Bruno lacrimejam. Esqueci que ele é chorão.

— Ai, meu Deus — ele coloca a mão no coração. — Ai, meu Deus.

Entrego o exame para ele, que olha para o pedaço de papel com um carinho que chega a me emocionar.

— E a gente pode ficar feliz ou não? — Anna pergunta. Dou de ombros, nem eu sei o que deveria estar sentindo agora. Ela olha para Leonardo. — O coitado entrou em choque.

— Cadê o padrinho?

— Ele já tá vindo — responde, deitando ao meu lado. — Você tá bem?

— Não — ela limpa minhas lágrimas, antes de me abraçar. — Eu tentei por tanto tempo… e agora que eu já tinha desistido…

— Tudo bem estar conf usa. Para de chorar, tá bem? Eu tenho certeza que o Léo vai te apoiar em qualquer decisão, e nós também.

Assinto. Não sei o que f azer a partir daqui. Parece que, mais uma vez, perdi o controle da minha vida. E essa é uma das piores sensações que já experimentei.

— Que porra tá acontecendo? — a porta do quarto é escancarada. — Por que ninguém me responde nesse caralho? Depois eu inf arto e vocês f icam aí , f azendo merda.

— O senhor disse porra? — sorrio para meu padrinho. O único capaz de me acalmar em um momento como esse.

— *E* caralho? — Anna completa.

— Sabe que não tenho mais idade pra tomar susto, né? — ignora nossa observação. — Cadê o Leonar… meu Deus! Me chamaram aqui porque ele dormiu?

— Não — volto a chorar. — Tô grávida.

— I sso! — ele comemora, me abraçando apertado. — Eu avisei pro Valentim que eu seria avô antes dele.

Um movimento me chama atenção e olho para o lado, vendo Leonardo se sentar e coçar os olhos. Ele olha para os nossos rostos e suspira.

— Achei que tava sonhando — diz, sonolento, f azendo os outros rirem.

— Percebi — resmungo, ranzinza. — Bruno, tem como marcar um obstetra pra mim?

— Vou f alar com o Nathan.

— Por que logo ele?

— Chama ele pra me dar alta — mando, ignorando os protestos de Leonardo. — Quero a minha cama.

— Não — Bruno nega. — Se o Garcí a disse que vai f icar em observação, você vai esperar.

— Veste essa camiseta direito, tá me dando agonia — Anna reclama e ele revira os olhos.

— Cadê o bebê? — pergunto por Vicente.

— Não consegui f alar com ele — minha amiga responde. — Não o vejo desde ontem, na verdade.

— Deve estar com a chata — reviro os olhos.

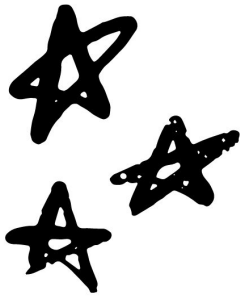
— Para de implicar com a menina — meu padrinho repreende.

— Não f inge que gosta dela — Léo rebate.

— E a Luna? — pergunto novamente.

— Viajando com a mãe. Volta na segunda.

— Quero ir pra casa — reclamo, caindo no choro pela milésima vez no dia.



A*os 13 anos*

Abro os olhos e resmungo quando a claridade invade o quarto. Levanto o cobertor, morrendo de calor por estar agarrada a Anna, vejo Luna encolhida no meio da cama e me pergunto como ela foi parar nessa posição.

Estou quase levantando quando ouço passos e burburinhos vindo do corredor. Ouço meu padrinho fazer um chiado, pedindo silêncio mas não adianta. Os quatro patetas ignoram totalmente e o que ele pede e a porta é aberta.

Sorrio quando percebo que Enrico segura um bolo, que aposto ser de cenoura com cobertura de chocolate, o meu favorito.

— PARABÉNS PRA VOCÊ — eles cantam alto Anna grita, acordando com o barulho da cantoria e das palmas. — NESSA DATA QUERIDA, MUITAS FELICIDADES, MUITOS ANOS DE VIDA.

Fico de pé na cama de Luna, pulando como uma doida enquanto os cinco homens da minha vida cantam da forma mais desafinada possível. Eu amo meu aniversário. Eu amo essas pessoas.

Me jogo no Gabriel e ele me aperta. Vicente é o próximo, e só agora percebo que está quase maior que eu. Bruno me tira do chão quando me abraça e Leonardo beija minha bochecha antes de me apertar.

— COM QUEM SERÁ? COM QUEM SERÁ? COM QUEM SERÁ QUE A MALU VAI CASAR? — escondo o rosto no pescoço do Léo, envergonhada, e ele ri. — VAI DEPENDER, XXI DEPENDER, XXI DEPENDER SE O LÉO VAI QUERER.

— Certo, crianças — meu padrinho reclama, mas ri. — Escovem os dentes e vamos tomar café. Luna, filha, acorda logo.

Todos soltam muxoxos e Leonardo me solta. Anna ganha a corrida de Luna para usar o banheiro e a pestinha sai pisando duro atrás do pai.

— Só pra deixar claro — Leonardo começa, quando estamos sozinhos. Ele tira uma mecha do meu cabelo, colocando-a atrás da orelha. — Se você quiser casar comigo, eu também quero.

Sorrio quando pisca para mim e eu o abraço novamente.

— HUMMM — os três formam um coro brincalhão, aparecendo na porta e Gabriel continua: — Você não me pediu permissão pra cantar minha irmã desse jeito, Leonardo.

Rindo, ele mostra o dedo para meu irmão que sai correndo quando ameaço ir atrás dele.

Eu amo minha família.

Capítulo 30

chegou a herança de um grande amor
ganhei a f orça e a coragem de um lutador
aquele sonho de menino hoje aconteceu

Tudo Que Sonhamos - *Um44k*

Leonardo

Malu está trancada no quarto desde que chegamos do hospital essa manhã. Quis ir atrás dela mas Bruno me impediu, dizendo que ela precisava pensar.

— Toma, come isso — minha prima me empurra um prato cheio de estrogonof e. — Come logo, Leonardo!

Pego à contra gosto e engulo a comida, que parece estar sem gosto. Quem f ez essa merda?

— Ela já comeu? — pergunto e ela assente. — Vou lá.

Levanto e minha prima não faz nada para me impedir. A porta está aberta, então a chamo e espero que me dê permissão para entrar.

Fecho a porta atrás de mim e caminho até sentar na ponta da cama, esperando que saia do banheiro. Estrelinha limpa as mãos na blusa e deita na cama.

Ela olha para mim e sorri.

— Tá com sono? — pergunto, acarinhando seus cabelos.

— Um pouquinho. Acho que agora descobri porque ando assim.

— E como você está se sentindo?

— Não sei, Léo. Eu já tinha desistido de engravidar e estava tomando o remédio direitinho.

— E você quer… — engulo em seco, sem saber como agir. — Quer ficar com o bebê?

Ela fica em silêncio e só depois me encara. Não sei decifrar o que está sentindo até que se apoie no cotovelo, com raiva. *Muita raiva.*

— O que você está sugerindo, Leonardo Marques D'Ávilla?

Fodeu.

Falou o nome completo é sinal de que ficou ainda mais brava comigo.

— Nada, Estrelinha — recuo. — Só quero saber como você quer prosseguir a partir de agora.

— Se o descolamento não for grave e ele estiver saudável, vou continuar. E você?

— Eu tô muito f eliz — minha voz f alha, começando a embargar— Mal vejo a hora de ter uma mini-Estrelinha correndo pelo apartamento.

Ela ri e meu estômago se contrai com o som. Deus, como senti f alta disso.

— Pode ser um mini-Léo também — Malu levanta, pegando uma f olha em cima da mesinha de cabeceira. — Olha aqui.

Olho para onde aponta e vejo uma mancha menor do que meu dedo. Como é possí vel que alguém tão pequeno seja capaz de virar minha vida do avesso?

— Posso tocar? — aponto para sua barriga e Estrelinha assente.

Me ajoelho em f rente a cama, f icando na altura da sua barriga e Malu ergue a camiseta.

— Oi, neném — sussurro, antes de beijar a barriga lisa.

Será que já me ouve e reconhece minha voz?

E se eu não conseguir ser um bom pai? Esse bebê ainda vai me amar se eu nunca conseguir reconquistar a mãe dele?

— Espero que você seja bonito igual a mamãe — f alo baixinho e Malu sorri. — E f orte como sua tia Anna. Amoroso como o tio Vicente, corajoso como a tia Luna e inteligente como o tio Bruno. Tomara que puxe a bondade do vovô e principalmente, a lealdade do tio Gabriel.

— E a paciência do papai — ela balbucia, entre lágrimas. — Não pode esquecer de dizer.

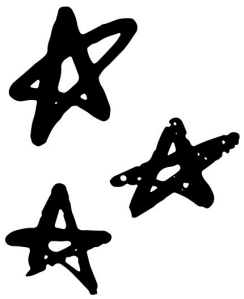
— E a paciência do papai.

Ficamos em silêncio, mas dif erente dos outros, não é desconf ortável. Continuo acariciando e beijando a barriga plana, imaginando que daqui a um tempo, terei nos braços o f ruto do meu amor

Malu boceja e se remexe, acomodando-se na cama. Beijo a barriga pela última vez antes de levantar e beijo sua testa.

— Eu volto mais tarde.

— Não — resmunga, segurando meu braço. — Fica só até eu dormir.



Estou terminando de me vestir quando ouço a notif icação do celular. Pego o aparelho e sorrio quando vejo de quem se trata.

Malu: Tá acordado?

Eu: Sim.

Eu: Quer que eu f aça alguma coisa?

Eu: Tá com f ome?

Malu: Tô sem sono.

Malu: Quer conversar sobre aquilo agora?

Eu: Tô indo.

Passo perf ume e conf iro no espelho se estou apresentável. Saio de casa e atravesso o corredor, respiro f undo antes de virar a maçaneta, entrando em seu apê.

A encontro na cozinha, com uma camiseta que não é minha —*o que me irrit a pra caralho —,*coando caf é. Me sento na bancada, quieto, sem saber o que dizer. A coragem f oi embora.

— Começa contando como você descobriu — manda.

Seu tom não demonstra o que está sentindo e, de costas para mim, não consigo ver suas expressões.

— Estava indo buscar remédio e um copo de água pra você — começo por onde já sabe. — Quando subi vi eles dois… juntos em f rente ao quarto da Fernanda. E ela pediu pra não contar, porque ela iria.

O subir e descer dos seus ombros, indica um suspiro. Mas não sei se de tristeza, raiva ou vontade de jogar água quente em mim.

— E o que te f ez esconder de mim?

É minha vez de f icar calado. Encaro minhas mãos, entrelaçadas em cima do balcão, até uma xí cara ser colocada à minha f rente.

— Olha pra mim, Léo — pede, calma. — Por que não me contou a verdade?

— Não sei — sou sincero. — Fiquei com medo de que não acreditasse em mim, ou que parecesse que estava inventando isso para f errar sua irmã porque de… você sabe… culpar a Fernanda sobre a morte do Gabe.

— E o que isso tem a ver com nós dois, Leonardo? — insiste.

— Não sei — repito, exasperado. — Pensei que assim você iria desistir de nós dois — f alo baixo. — Se não f osse o casamento você nunca teria dado uma chance para nós.

Ela f ica calada. Porque é verdade. Malu nunca olharia pra mim do mesmo jeito que eu olho pra ela se não f osse esse casamento.

— É verdade o que você disse?

— Eu digo muitas coisas.

— Que me ama…?

— Uh-hum — murmuro, assentindo.

— Desde quando?

— Desde o aniversário de treze anos do Bruno.

— Aniversário de treze anos do Bruno?! — repete, parecendo chocada. — Muito tempo.

— Muito lerda — rebato baixinho.

— Como?

— Nada, Estrelinha.

Ficamos em silêncio e eu me sinto pequeno diante do seu olhar inquisitivo, mas não f aço nada, apenas encaro de volta querendo que entenda o que não digo em palavras.

Me aceit a de volt a.

Me ame.

Me acolha.

Me beija.

Deixa eu cuidar de vocês.

— Não posso dizer que te perdoo — diz, por f im. — Ainda dói lembrar do que aconteceu. Mas também preciso pedir desculpas.

— Não tem com o que se desculpar, Estrelinha.

— Não devia ter jogado a culpa em você pelas minhas decisões erradas.

— Tudo bem, amor. Não f oi nada.

— F oi sim — teima. — Não f oi certo e… — ela pausa e olha para o alto, piscando para espantar as lágrimas.

— Não chora, Estrelinha. Vem cá.

Chamo-a para os meus braços e ela me aperta, com o rosto enf iado no meu peito.

— É que eu não consigo acreditar que você me ama. Não f az sentido porque…

— Você não entendeu — completo, colocando o dedo sobre seus lábios, pedindo que me ouça. — Quando você abaixa a guarda e acha que ninguém está prestando atenção, *eu est ou aqui* Presenciando sua dor em silêncio, enquanto te vejo partir a todo momento. *E eu não posso f azer nada* Porque você não deixa. Presencio sua dor todos os dias, ela… a sua dor, é minha também.

— E o que você quer que eu f aça?

— Volta pra mim? — pergunto, grudando nossas testas. — Eu prometo que vai ser tudo dif erente dessa vez. Quero ser melhor pra você. Quero ser suf iciente para você dois. Quero te cuidar e poder f alar que te amo todos os dias, e compensar o tempo perdido.

Passo a mão na barriga, como se estivesse me desculpando com meu bebê também.

— Dá pra irmos devagar? Essa coisa toda de vinte anos e sentimentos conf usos está me deixando maluca…

— Que sentimentos conf usos?

Minha Estrelinha suspira e receosa, coloca a mão no meu rosto sem desgrudar nossas testas. Fecho os olhos, querendo mais dos seus carinhosos que me deixam arrepiado e cheio de saudade.

— Os meus.

— Me perdoa? — solto, tentando controlar as lágrimas. — Desculpa ter mentido.

— Só não f az mais isso.

Abraço sua cintura e a carrego, colocando-a em cima da bancada. Beijo sua barriga e as mãos de Malu entram no meu cabelo, em uma massagem calma. Não quero soltá-la agora, nem ir para longe de novo.

— I r devagar inclui eu ser obrigado a dormir longe de você por mais um dia?

— L eonardo…

— Por f avor, amor. Prometo que me comporto — juro. — Eu tô morrendo de saudade. Não aguento mais dormir naquela cama f ria.

Malu segura meu rosto até estar rente ao seu. Seus olhos transbordam palavras não ditas, seu corpo se encaixa no meu e ela beija minha boca.

Dif erente dos outros beijos, esse não tem segundas intenções, nem pressa ou agressividade. É calmo. É um beijo de boas vindas por voltar para casa.

— Eu senti tanto sua f alta, amor

— Eu também, Estrelinha.

Então, nós dois, como bons sensí veis que somos, caí mos no choro.

De saudade.

De remorso.

De perdão.

De amor.

Meu pai sempre me disse que se tem uma coisa que é mais í ntima do que sexo, essa coisa é chorar um pelo outro. Livres de armaduras e sentimentos ruins.

É chorar de alma nua e coração aberto. É dançar na chuva, bater no peito e gritar pra todo mundo ouvir que f inalmente, os pedaços do seu coração começam a se ref azer

É isso que sinto quando estou com ela. Liberdade. Porque a minha Estrelinha, o meu amor, é o meu um em um milhão. É a minha primeira, última e única chance de ser f eliz.

Alguns caras descreveriam o amor de sua vida com uma f rase monótona.

Para mim, Maria Luí za é todas as cores do arco í ris em brilho máximo[12]. É a razão pela qual quero acordar todas as manhãs[13]. Nós dois somos uma canção cantada desde a primeira brasa do mundo[14]. Qualquer que seja a substância das almas, a minha é a dela são f eitas da mesma coisa[15]. Porque até quando este mundo f or um sussurro de terra esquecido em meio às estrelas, eu a amarei[16].

Capitulo 31

você me traz sorte
é o meu talismã
sonho com você
quero ter você todas as manhãs

Meu Tal i smã l- za

Leornado

Dez semanas. Nosso bebê completa dez semanas hoje e eu estou pensando em diversas maneiras de matar o Vicente por não estar aqui durante essas três semanas desde que descobrimos a gravidez.

Nenhum de nós tem notí cias dele há dias. E f ico preocupado na mesma medida que tenho raiva.

Maria Luí za pergunta por ele todos os dias, como uma criança birrenta e eu não sei mais o que responder para não preocupá-la mas ela sabe que tem algo errado e não consegue esconder o que sente. Nunca conseguiu. Na última semana nada a acalma ou alivia sua agonia.

A última mensagem que recebemos dele f oi na segunda, há cinco dias atrás, dizendo que estava bem, seguido de um áudio rápido que dizia que seu telef one descarregaria em breve. O que, convenhamos, não adiantou de nada. Só serviu para nos deixar ainda mais ansiosos.

Não sabemos onde ou com quem está, muito menos se está mesmo bem e seguro. Também não sabemos o que podemos f azer para f alar com ele.

Tenho medo do que pode ter causado esse sumiço e não tenho ninguém a quem perguntar por notí cias.

O único contato que tenho é o de sua mãe, mas ela está viajando em um lançamento internacional do seu último livro lançado. Sei o quanto os dois são apegados e ligar para ela só iria deixá-la preocupada, e se — Deus queira — não f or nada demais, ele vai querer me matar

Estou tentando segurar as pontas e acalmá-la, mas conf esso que nem eu estou conseguindo engolir essa história direito.

Anna também não tem parado em casa. As coisas na emissora estão corridas, surgiu um caso no interior do Rio e ela precisou cobrir uma colega e há dois dias precisou sair ainda de madrugada e só volta quando o caso f or solucionado.

O que sobra L una e Bruno, que tentam a todo custo distraí -la quando preciso sair ou quando ela se recusa a me dirigir a palavra.

Os hormônios chegaram com tudo e até agora, além de caf é, ela também enjoou de mim. Ou seja, tenho que f icar quietinho enquanto está nervosa e me privar da minha bebida f avorita pelos próximos seis meses.

— Olha o que eu trouxe! — Bruno invade o apartamento como se f osse o dono. Ainda não consigo conf iar cem por cento nele, mas minha Estrelinha o adotou, então f aço o possí vel para uma boa convivência— Você não pode comer sushi porque é cru, então eu lembrei que você gosta de mexicano e trouxe um combo do jeitinho que você gosta.

— Obrigada, Bruno — agradece, desanimada, esticando as mãos para a sacola. Ele me olha, parecendo conf uso e dou de ombros.

— O que f oi, gatinha? Não gostou? Eu posso comprar outra coisa — ele se agacha a sua f rente e Malu toca seu cabelo, penteando-o para trás. — Se quiser, quebro sua dieta e compro um hambúrguer.

— Não precisa, eu gostei. Daqui a pouco eu como — Bruno estranha, mas concorda.

A puxo para mim quando ele se joga no outro sof á, prestando atenção no jogo. Acaricio seus braços, tentando f azer com que se acalme.

A gravidez não é de risco, mas depois que f omos ao obstetra, na semana passada, f oi recomendado o máximo possí vel de cuidados, já que houve um descolamento de óvulo. Então ela anda mais nervosa que o normal, já que está af astada da clí nica e sem o que f azer em casa.

Olho para trás quando ouço um barulho estranho no assoalho, vendo L una arrastar seus pés cobertos pela meia e com muitos travesseiros debaixo dos braços. Ela vem até nós e os apoia ao redor e debaixo da Malu, que ri e obedece seus pedidos para f icar em uma posição aleatória que ela diz ser relaxante.

À s vezes me pergunto porque minha irmã tem um jeito tão esquisito de demonstrar que se importa.

— E então, já tem uma ideia de quando vamos f azer chá de alguma coisa pro bebê? — ela pergunta, se jogando na poltrona ao lado de Bruno. — Comprei muitas coisas legais para o bebê na I nternet.

— Só quando o… — a batida na porta soa, um pouco f raca demais e Malu levanta antes mesmo que possamos impedir, abrindo-a na mesma hora. — Vicente aparecer.

Ele está destruí do, isso é visí vel. Está com a cara amassada, os olhos vermelhos e uma barba começando a crescer demais.

Uma etiqueta está colada a sua camiseta escrito "visitante". Sigo o olhar, surpreso demais para pronunciar qualquer coisa quando vejo um papel circunda o pulso de um bebê vestido de amarelo, dormindo com a cabeça em seu peito como se esse f osse o lugar mais seguro no mundo.

Não é dif í cil juntar as peças e ligar o que isso signif ica. Dif í cil é entender como isso é possí vel.

L ágrimas grossas começam a rolar em seu rosto cansado e seu olhar analisa cada um de nós antes de voltar para a pequena bolinha em seus braços.

— É uma menina!

Fim.

Epílogo

a gente se escolhe todo dia
e eu te escolheria mais milhões de vidas
porque uma só é pouco com você, amor
e eu quero tudo que eu puder viver, amor

Explodir - Anavitó

Maria Luiza

Quase 4 anos depois

— Eu *num* existo longe de você, a solidão é o meu pior castigo — limpo a boca quando ouço a voz f of a do outro lado da porta. Ele pausa porque não lembra a continuação e eu sorrio mesmo sem vê-lo. — O relógio tá de mal comigo. *Puquê? Puuuuuquê*?

Escovo os dentes e respiro f undo antes de abrir a porta do banheiro, vendo uma das cenas mais f of as do mundo. Meu anjinho está tentando subir na cama, sem sucesso, já que não tem tamanho para isso.

Os gatos aproveitaram a deixa para entrarem e se apossar de uma parte da cama.

— Mamãe! — ele sorri quando me vê. — Me ajuda.

— Você devia estar dormindo, meu amor.

— Saudade — é o que responde, apontando para o pai, tentando amolecer meu coração. — Tem que f alar baixo, o papai tá dormindo.

Não f oi o que pareceu quando entrou no quarto cantando, nem quando percebi o tremor nos ombros do Léo, deitado de costas para nós.

Ontem f oi um dia cansativo, com o dia corrido devido ao lançamento do seu quinto livro, que está sendo um sucesso nas plataf ormas digitais. Voltamos para casa quase de madrugada.

Ainda lembro de como f oi descobrir que a Madalena, minha personagem f avorita, é igualzinha a mim. *Todas As Coisas Não Dit as* f oi o primeiro lançamento do Léo e aconteceu quando o Gabriel tinha quase seis meses. Demorou um pouco até o Léo estar seguro o suf iciente para lançar.

Um tempo depois que engravidei, meu amor f inalmente teve coragem de conversar com meu padrinho sobre seu f uturo. O que f oi um alí vio. Ele não era inf eliz trabalhando com administração, mas também não estava satisf eito.

Meu padrinho f oi muito compreensivo. Sempre soube que o Léo tinha esse medo atoa. Ele nunca deixaria um dos seus f ilhos inf elizes só para levar adiante o negócio dele.

Ano que vem ele se aposenta e a Luna finalmente assume a empresa e confesso que estou ansiosa para ver minha pequena tendo seu devido conhecimento.

— É mesmo — concordo. — Por que não acorda ele?

— Não, ele tá cansado.

— Puxa-saco — resmungo, carregando-o para a cama. Deito ao seu lado e passo a mão pelos cabelos castanhos. — E como você está, neném?

— Não sou neném. Sou homem grande.

— Não sei, cara — a voz sonolenta do pai dele o faz rir. Léo fica de barriga para cima, esticando a mão e passando com carinho nos cabelinhos ondulados do nosso filho, iguais aos dele. — Você fez xixi na cama semana passada.

— Papai fez cosquinhas — se explica, colocando as pernas em volta do peito do pai e se aconchegando no corpo quentinho dele.

Léo acaricia as costas do nosso bebê, que já não é mais tão bebê, e me encara com aquele sorriso que sempre me tira de órbita.

— Bom dia, linda.

— Bom dia, amor.

— Meu beijo? — ele cobra. Me inclino e lhe dou um selinho.

— E eu, mamãe?

Sorrio e pressiono os lábios na bochecha rechonchuda e cheia de sardas — em alguma coisa tinha que ser parecido comigo.

— Anjinho lindo.

Ele repete o meu ato, se inclinando no colo do pai e f azendo um barulho molhado quando beija minha bochecha.

— Estrelinha linda — me aconchego no braço do Léo e ele me aperta.

Garf ield, Sid, Salém e Miau também se juntam ao momento, se dividindo entre nossos corpos, enquanto Sid se entretém lambendo o rosto do bebê, provocando risos, o som mais f of o do mundo.

Todos eles me encaram como se eu f osse o centro do mundo.

Essa aqui é a minha nova vida. O resultado de um sonho que eu nem acreditava mais ser possí vel, mas que se tornou real.

Um dia desses, quando acordei, percebi que era capaz de lidar com o que julgava maior do que a mim mesma.

Eu levantei, beijei o amor da minha vida e f ui ao cemitério. Uma parte de mim ainda acreditava que Gabriel ou Lara voltariam e diriam que era só um pesadelo.

Acariciava minha barriga de quase nove meses enquanto contava para meu irmão e minha mãe sobre tudo o que aconteceu nos anos que sucederam suas partidas.

Falei sobre as brigas, os desencontros e como estávamos começando a lidar com tudo e tentando restituir todos os caquinhos dos nossos corações. Desabaf ei sobre a nossa f amí lia e sobre o Léo.

Eu f alei tudo até ver o dia virar noite e eu lembrar que precisava alimentar o bebê que vivia na minha barriga, que estava incrivelmente quieto.

Quando saí daquele lugar, a f amí lia que eu escolhi, estava toda ali. Eu ri, com lágrimas nos olhos, e olhei para o céu agradecendo a Ele por nunca ter me abandonado.

Famí lia não tem nada haver com sangue. DNA, RNA… nada disso nos dá af eto ou segurança. Não nos dá sequer uma garantia de que vai f icar tudo bem. Famí lia pode ser qualquer pessoa que está lá com você quando precisa.

E essas pessoas, as que eu escolhi… elas f azem tudo parecer melhor. Elas me completam e me f azem esquecer todas as minhas dores.

O silêncio, por exemplo, não parece mais tão amigável quanto antes. Na verdade, já tem muito tempo que ele não me visita. Sabe qual é a melhor parte? Eu nem sinto f alta dele.

Não quando um par de olhos azuis e outro par castanho vivem gritando para as quatro paredes do 202, f azendo uma bagunça que eu os obrigo a limpar toda noite antes de dormir e me enchendo de beijos para me convencer a deixar o anjinho passar a noite na nossa cama.

Não me sinto mais sozinha porque meu pinguinho de gente, meu marido e meus bichinhos estão sempre aqui, me abraçando e aquecendo.

O vazio também me deixou há tempos. Desde quando decidi entregar meu coração para o homem mais amável desse mundo.

Eu ainda choro por alguém que nunca mais vai voltar. Ainda dói como se f osse ontem.

O que me conf orta é saber que ele estará sempre aqui, no meu coração, cuidando de mim e dizendo o quanto me ama.

Hoje, somos eu, meu marido e o meu f ilho, que carrega o nome do anjo mais bonito do céu.

Gabriel. O enviado de Deus.

— Te amo, L éo — sussurro, baixinho. — Obrigado por ter me dado a f amí lia mais bonita do mundo.

Leonardo D'Ávilla me deu muito mais do que um sobrenome.

Ele me deu o combustí vel mais ef iciente e valioso para viver: o amor.

Passei a vida toda esperando que me amassem como os mocinhos dos livros que leio, mas não percebi que o amor estava do meu lado o tempo todo.

Meu marido me ensinou que tudo que tá escrito no meu versí culo f avorito é verdade.

O amor é paciente até quando a gente demora vinte anos para percebê-lo.

O amor é bondoso e te compra chocolates quando está de TPM e desconta as f rustrações em todos.

Ele não inveja suas conquistas, não se vangloria das suas derrotas e não se orgulha em errar.

O amor não maltrata quando você depende dele para algo, não procura def eitos nos seus interesses, não se ira f acilmente quando você precisa de carinho e não guarda rancor das palavras jogadas ao vento em um momento de raiva e vulnerabilidade.

O amor não se alegra com a injustiça, e sim com a verdade.

O amor verdadeiro tudo sof re, tudo crê e tudo suporta, isso inclui te ouvir f alar de coisas que ele não tem o mí nimo interesse.

O amor nunca perece, se perde ou deixa de existir.

Porque quando o amor perf eito e imaculado chega, o imperf eito deixará de existir em nossos corações e tudo que vamos pensar é por que perdemos tanto tempo esperando.

Meu amor me esperou por vinte anos. E ele ainda diz que apesar do tempo, todos os minutos valeram a pena. Se não f osse por isso, não estarí amos juntos hoje.

E o presente mais especial e valioso que me deu, tem o seu sorriso bonito e me chama de mamãe.

— Nada paga o seu sorriso, Estrelinha — ele coloca uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, sussurrando. — O sol tem inveja dele.

Amar o Léo é como voltar pra casa depois de um dia muito, *muit o* longo, tirar os sapatos e se jogar no sof á.

Porque ele é tudo aquilo que eu achei que só acontecia com os outros.

— Vamos f azer outro neném? — pergunta, empolgado. É impossí vel não rir da naturalidade que pronuncia isso.

— Não — esf rego meu nariz no seu. Só não esperava que ele f icasse tão triste com essa brincadeira.

— Poxa, Estrelinha — lamenta.

— Não f ica triste, amor — seguro seu rosto com as mãos e selo nossos lábios. — Não podemos f azer um neném, porque talvez já tenhamos f eito mais um.

Essa claramente não é a escolha certa de palavras, já que Leonardo parece conf uso.

— Não entendi.

— Leonardo — buf o. Depois a lerda sou eu. *At a.* — Estou dizendo que posso estar grávida.

— Quê? — Léo f ica ainda mais conf uso. — Grávida? Você está grávida?

— J á f az um tempo que ando enjoada, com muito sono, meus peitos estão inchados e estou atrasada.

— Eu vou ser pai de novo — ele coloca a mão no próprio peito, boquiaberto e levanta com Gabriel no colo, que ri com o movimento repentino.

— Não, eu disse que poderia…

— MEU DEUS, VOCÊ ESTÁ GRÁVI DA! — coloco a mão na boca, indecisa entre gritar de raiva ou rir da sua reação.

— L EONARDO — grito para que pare de pular como um coelho, com o anjinho no colo. — Eu disse que posso estar grávida. Não que estou.

— Ah, mas não seja por isso. Vamos agora mesmo para uma clí nica tirar a dúvida.

— Não, L éo. Podemos ir outro dia, tem um monte.

— E amanhã? Podemos ir? — tenta de novo sem se abalar. — Será que dessa vez é uma menininha?

Ele ignorou totalmente o que disse sobre ser uma possibilidade.

— Podemos ir amanhã, amor.

— Pode ser bem cedinho?

— Pode — concordo, rindo.

— Eu sou o homem mais f eliz do mundo — ele volta a pular

— L éo, coloca o Gabriel no chão.

— De novo, papai! — Gabriel pede animado.

— Desculpa, desculpa. Eu te amo tanto, minha Estrela — beija meu rosto. — Tanto — beijo. — Tanto — beijo. — *Tanto*.

— Também te amo, amor.

— E eu, papai? — o ciumento cobra.

— Te amo, meu anjinho — beijo. — Muito.

— Do tamanho do mundo?

— Maior do que ele.

— Também te amo, papai. Te amo, mamãe Estrelinha — declara, se jogando para o meu colo e abraçando meu pescoço, fazendo meus olhos lacrimejarem. Gabriel beija os fofinhos molhados que estão em cima de mim. — Te amo, gatinhos — Ele acaricia minha barriga, com a mão minúscula. — Te amo, bebê.

É aqui que termina minha história de amor, ou melhor, onde ela acaba de começar. Eu ainda não decifrei totalmente o amor, mas tenho certeza que tem algo a ver com Leonardo e esse sorriso lindo que faz o meu dia todas as vezes que aparece.

Bônus

Gabriel Lobos

Em algum lugar do paraí so…

Aqui estão eles.

Todos os corações partidos reunidos, para celebrar a junção de dois deles, para sempre.

Leonardo D'Ávilla e Maria Luí za Lobos deixam de ser dois, e se tornam um. Depois de tantas investidas e tentativas mal sucedidas, eles f inalmente terão o f inal f eliz que merecem.

Dois corações sintonizados na melodia mais bonita que existe: o amor. Na sua f orma mais crua e bonita.

Você deve estar se perguntando porque estou narrando isso, pois nem sequer estou entre eles. Bem, a resposta é simples: tudo na vida tem um propósito. Nem sempre entendemos, mas nunca podemos duvidar de que nada acontece em vão.

O que quero dizer, é que estou f eliz, pois hoje, o casal que eu tanto lutei para juntar, desde sempre, se casam.

F inalment e

Eu não aguentava mais, *juro*. A missão de cupido é mais complicada do que você imagina. Principalmente quando você tenta unir dois *lesados*.

Onde já se viu demorar vinte anos pra perceber que seu melhor amigo é apaixonado por você?!

Parece coisa de outro mundo, mas o que posso f azer? I sso aí ! Acertou quem disse nada.

E eu tentei. Armei todas as situações possí veis para que esses dois percebessem que nasceram um para o outro e todo o esf orço ia por água abaixo por conta de inseguranças e medos bobos.

Mas sabe o que importa? Que agora eles f inalmente podem recuperar o tempo perdido.

Porém, quero deixar claro que apoiar os dois não signif ica que sou de f erro e concordo com tudo. Até porque estamos f alando da minha irmã e de um dos meus melhores amigos.

Acha que não me sentia enciumado todas as vezes que ela ia parar nos braços dele quando estava triste? Ou quando precisava ajudar o L éo a escalar a janela tarde da noite só porque não conseguiam f icar separados por muito tempo?

E a mais dolorosa de todas as situações: não recebi o primeiro pedaço de bolo no aniversário de onze anos da minha Estrelinha. Aquilo f oi uma traição. Nem J udas f oi capaz de tanto.

Mas estaria mentindo se dissesse que em dezoito anos de vida, não f ui f eliz quando estava entre os dois e os outros encostos que chamo de amigos.

Falando neles…

Ah, não, espera. A marcha nupcial acaba de começar Eu amo esse som, sempre sonhei em escutar isso. É uma das mais belas melodias já criadas. É o som da chegada, do f inal da espera. À s vezes, o som do iní cio do*f elizes-para-sempre.*Outras vezes, o som que lembra que o f elizes-para-sempre*ainda* é possí vel.

E olha quem vem ali, minha Estrela e meu padrinho. O vestido é digno de uma princesa, tão bonito e esplêndido quanto quem o veste. Apenas seus olhos e sua boca estão maquiados, deixando em evidência as sardinhas que eu amo.

Meu padrinho, sorri com lágrimas nos olhos, emocionado por ter sido escolhido para levar ao altar o noivo e depois a noiva. O que choca um total de zero pessoas – *viu como est ou at ualizado nas gí rias?* , já que não é novidade para ninguém que Enrico D'Ávilla sempre cuida dos corações que eu parti e os ama como se f ossem seus f ilhos.

Ele me ama assim também. Eu sinto. Vez ou outra ele chora por mim e eu me emociono junto, porque nada me deixa mais triste do que ver alguém tão f orte chorando por algo que não tem mais volta.

Seu sorriso também carrega um *quê* de deboche, e isso f ica visí vel quando passa pela f ileira em que Luiz Fernando Lobos está, prestigiando de longe, a f ilha que nunca soube amar o suf iciente. Apesar disso, esconde a cara de desgosto e a vergonha por não estar no lugar que, *t ecnicament e*, seria dele. Porém não importa, não mais.

Meu padrinho olha para sua amada e sorri. Depois de tantos anos, os dois puderam resolver suas desavenças e estão juntos. Ela sorri de volta e mexe os lábios, o elogiando.

A noiva mais bonita do mundo sorri em meio às lágrimas, enquanto observa Léo, se debulhar em um choro de quem não acredita no que seus olhos veem.

— Está chorando, meu anjo? — tocam nas minhas costas, mas nem precisava f alar nada para saber que *ela* também está acompanhando esse momento especial de camarote.

— Caiu um cisco no meu olho, mãe. Não é nada demais, já sou um homem grande.

— Certo — ri, sem acreditar nas minhas palavras. — Acha que eles sabem que estamos observando?

— Espero que sim.

A poucos passos do altar, a caçula dos D'Ávilla derrama lágrimas grossas, que apesar de pesadas não borram a maquiagem bem f eita no rosto de boneca.

Se alguém perguntar, ela dirá que o motivo do choro é porque está f eliz pelo irmão estar f inalmente realizando seu sonho, se casando com o amor de sua vida e sendo f eliz.

Mas eu, ela e o homem vestido de azul, sentado na oitava cadeira da quinta f ileira, sabemos que as lágrimas amargas tem gosto de coração partido.

O primeiro e único. Ninguém além dele conseguirá chegar tão longe.

Pobre Luna. Eu avisei para não conf iar nos garotos.

João Vicente, meu bebê, ocupa a primeira f ileira, bem diante ao altar, após ter entrado como padrinho. Ele vê com lágrimas nos olhos seus melhores amigos declararem amor eterno diante de Deus, segurando o af ilhado e a f ilha no colo.

Hoje de manhã, quando desejou para o ex-colega de apartamento f elicidades, o outro bateu em seu ombro e lhe disse que uma hora *ela* voltará. E as cicatrizes que marcaram sua alma, vão sumir.

Um dia, Vicente pensou.

Por que ele não acredita. Sorri, mas não acredita.

A única dona do seu coração carrega olhos âmbar, cabelos cacheados e pele negra, tem um sorriso lindo e desdentado e menos de um metro de altura. Ela o chama de papai e nunca seria capaz de partir seu coração.

Aquela que *um dia* f oi a dona de suas promessas mais sinceras não voltará. Ao menos, é o que ele pensa.

Nem imagina o que estou preparando em f orma de agradecimento por ter dado conta de cuidar dos nossos bens mais preciosos.

Bem, ele deixou um desses bens de f ora e quis esgana-lo algumas vezes, mas é compreensí vel.

Anna… minha doce Anna. Minha garota e melhor amiga.

Ao lado de um homem com o qual pretende terminar em alguns momentos, ela f echa os olhos. Pede baixinho para que a dor suma e que as escolhas que está tomando agora, não a prejudique de maneira radical demais lá na f rente.

Mas como explicar para ela que toda f erida, antes de cicatrizar, arde? Ciclos se encerram e alguns deles *precisam* doer.

E Bruno, Deus! O que f aço com esse teimoso-cabeça-dura?

Carrega por aí um sorriso enorme e f ácil, mas a realidade é que só eu e Deus conhecemos a dor de um coração f erido.

Eu avisei que ele precisava se arriscar, porém nunca f oi bom em me ouvir e pref eriu, mais uma vez, abaixar a cabeça para aqueles que nunca f izeram nada para o seu bem, além de dar ouvidos aquilo que sabia que não acrescentaria em nada na vida dele.

Mas *isso*, eu já estou dando um jeito, não se preocupe. Um passarinho verde sussurrou no meu ouvido que daqui há um tempo, tudo irá mudar. Ele só precisa confiar em si mesmo e olhar para a frente.

E é aqui que nos despedimos, por hora. Isso não é um *adeus* e, sim, um *até logo*.

Ainda tem muito encontro e desencontro pra rolar no mundinho dos nossos corações partidos. Acalme-se, caro leitor. Cada uma dessas histórias, todas interligadas, acaba de ficar mais emocionante.

Maria Luíza e Leonardo foram apenas a primeira peça do quebra-cabeças.

Eu sou o responsável por quebrar esses corações. Entretanto, também serei o responsável por colar os caquinhos. Um por um.

A trama de *mentiras* acabou. Agora, nos veremos em breve para acompanhar *promessas* serem feitas, quebradas e, finalmente, honradas.

Bônus

talvez não seja nessa vida ainda
mas você ainda vai
ser a minha vida

Outra Vida *- Armandinho*

Gabriel D'Ávilla

Aos 17 anos

Atravesso a escola o mais rápido que consigo. Não me preocupo com as consequências, já garanti uma advertência por ter saí do da sala sem permissão da prof essora mesmo.*Mais uma.*

Minha mãe vai me matar quando souber. Não quero nem pensar o tanto que vai encher a cabeça do meu pai até ele me colocar de castigo ou me obrigar a cuidar da Lara durante o f im de semana. E a minha pirralha não me deixa respirar em paz.

— Não vai entrar aqui — Daniele tenta me impedir, segurando meu braço quando entro no banheiro f eminino, indo em direção às cabines. — Gabe, é sério, cara. Ela tá mal, você não vai melhorar as coisas.

— Dani, te amo. Mas não pode me impedir de ver ela. Não vou f alar nada de mais, prometo.

Minha amiga suspira, me soltando e saindo do banheiro batendo a porta.

— Vi — bato na porta da cabine, depois de um tempo ouvindo seu f ungar — Abre.

— Pra quê? Pra dizer que me avisou?

Fico calado. Uma hora eu vou dizer isso mesmo.

— Deixa eu te ver — peço, baixinho.

O trinco se abre alguns segundos depois e eu entro, vendo-a sentada na tampa do vaso f echado. Seu rosto está inchado e tem rí mel escorrendo pelas suas bochechas.

— Agora sai daqui.

— Para com isso, eu já pedi desculpas pelo que disse — me ajoelho na sua f rente. — Quer conversar sobre o que aconteceu?

— Não quero f alar sobre ele com você, anjo — o apelido me f az sorrir. Faz anos que não me chama assim.

— Vamos lá pra casa, então.

— Meu pai vai desconf iar de alguma coisa e vai querer ir atrás de mim.

— Eu ligo pra tia Luna e ela nos dá cobertura.

— Como nos velhos tempos? — ela sorri entre as lágrimas.

— É. Como nos velhos tempos — beijo seu ombro a levantando e puxando para os meus braços.

Acaricio seu cabelo cacheado, deixando que molhe minha f arda enquanto põe pra f ora seja lá o que aquele babaca f ez.

Por ora, não f arei nada. Mas Apolo Cagliari vai se ver comigo. E não vai ser bonito.



Espero que saia do banheiro, vestindo minha camisa do Flamengo e uma cueca, se jogando em mim.

— Nem almocei hoje — dramatiza, em um pedido disf arçado.

— Fominha — resmungo, me soltando dela, que se joga na minha cama, tomando o maior espaço que pode para si. — J á volto.

Nego, rindo. Fecho a porta do quarto ao sair quando vejo meus pais entrando em casa.

Meu pai beija minha testa antes de ir pra cozinha emburrado e carregando a maior parte das sacolas de compras.

— O que você f ez com ele, Estrelinha? — enlaço os ombros da minha mãe, pegando as duas sacolas de sua mão, seguindo-o.

— Nada, lindo. Seu pai é um exagerado.

— Eu sou exagerado? Ela cumprimentou aquele italiano asqueroso como se f osse um velho conhecido!

— Mas ele é um velho conhecido!

— Não podia só ignorar?

— Quando você vai parar com esse ciúmes bobo? O Gael é casado, homem. Ele tá cheio de f ilhos!

*Ô velhinho ciument o esse.*Quer dizer, nem tão velho assim.

— Fala pra sua mãe que eu não quero ouvir mais nada, anjo.

— Meu pai disse que… — parto em def esa do meu pai, mas a Estrelinha me interrompe.

— Eu ouvi, puxa-saco — resmunga para mim. — Vai pra puta que te pariu, Leonardo.

Meu pai ignora o xingamento e se joga no sof á, ligando a televisão.

— Porque a Vitória tá aqui, anjinho? — minha mãe pergunta, me examinando.

— À s vezes — começo, colocando a comida pra esquentar— Eu me assusto com você.

— Tá com o cheiro dela.

— Passou mal — minto. — O pai dela acha que tá com a tia Luna. Então, nada de abrir a boca, dona Maria Luí za.

— Não deixa a Lara ver ela, se não, conta pro f of oqueiro do seu pai e a conf usão está f ormada — minha mãe toma o prato da minha mão, enchendo-o. — Nem f az muito barulho, não quero f icar traumatizada.

Fico vermelho e ela ri, me devolvendo o prato. Essa mulher não aprende a colocar f iltros.

Entro no quarto, vendo Vitória dormir. Balanço ela, até que levante mal humorada e coma em silêncio. Me ameaçando por ter interrompido seu passatempo f avorito. Puxo seu cabelo de leve só pra irritá-la e ela me joga um travesseiro.

Volto pra sala para procurar meu celular perdido bem a tempo de ver minha irmã chegar do colégio.

— Oi, anjo — ela cumprimenta animada.

— Oi, minha princesa — carrego-a beijando seu rosto e pescoço, ouvindo seu riso. — Quem te trouxe?

— O pai de um amigo.

— Um amigo, Lara D'Ávilla? — sondo, desconf iado. — Eu conheço esse *amigo?*

Ela dá um sorrisinho bobo e enrola uma mecha do cabelo loiro com os dedos. I sso é o que eu acho que é?

Espero que não. A pirralha só tem treze anos, não quero me preocupar com isso tão cedo.

— Não. E não vai conhecer tão cedo.

Lara começa a atravessar o corredor e eu vou atrás, tentando descobrir quem é o meliante. Preciso tampar seus olhos quando chegamos a sala e uma cena traumatizante nos recepciona.

— É melhor tirar a mão daí agora, Seu Leonardo — ameaço quando vejo sua mão na bunda da minha mãe, deitada em cima dele. — Que pouca vergonha. Deveriam respeitar esse ambiente f amiliar

Minha Estrelinha revira os olhos, encostando a cabeça no peito dele e me mostrando a lí ngua. Mostro de volta e Lara balança a cabeça, se livrando de mim e correndo para beijar nossos pais.

— Recebi um e-mail da escola — mamãe começa. Fodeu. — Você cuida da Lara no próximo final de semana.

Já ia esquecendo que essa semana os dois fazem dezessete anos de casados.

— Não posso ficar com o meu padrinho?

— Não — minha mãe aperta seu nariz. — O anjinho tá de castigo.

— Então quer dizer que posso trazer a Babi? — os olhos da pestinha até brilham.

— Ah não — protesto. — Pai, faz alguma coisa — apelo, mas ele desvia o olhar sorrindo.

É em vão. Leonardo D'Ávilla nunca desobedeceria sua amada.

Bárbara é a filha mais nova do meu padrinho Vicente. Quando as duas se juntam, minha vida se transforma em um pesadelo. Gemo frustrado quando Estrelinha assente.

— É melhor trancar a porta do quarto antes de dormir, pestinha — ameaço. — Pai, você sabia que o pai de um amigo trouxe a Lara pra casa?

— O que tem isso, anjo?

Lara, com seus míseros 1,43m de altura, me encara brava em uma ameaça silenciosa que eu não vou acatar. Ela vai fazer do meu final de semana um inferno, mas pelo menos vou me vingar antes.

— Na minha época eu também tinha muitas *amigas* — dou ênfase na palavra, para que ele consiga entender. — Se eu fosse o senhor procurava saber sobre isso direito.

— Meu Deus — minha mãe fala baixo, horrorizada, olhando pra mim. — Eu criei um monstro.

— Senta aqui, dona Lara — meu pai senta bruscamente, quase derrubando minha mãe, entendendo o que eu quis dizer e bate no espaço vago ao seu lado.

Minha irmã me encara mil vezes mais raivosa agora. Rio da sua cara vermelha antes de disparar no corredor, desviando do tênis sujo que ela tenta jogar em mim.

Entro no quarto ofegante e me sento na ponta da cama, tentando recuperar minha alma e encarando ela.

— Vai ficar aí me olhando? — Vitória pergunta, colocando o prato vazio na mesinha de cabeceira.

— Não pode mais? — retruco e ela bufa.

Me livro da calça e da camiseta antes de me jogar ao seu lado, abraçando-a. Coloco a perna por cima dela, enfiando o rosto em seu pescoço.

— Não vai tomar banho, fedorento? Você tá suando.

— Depois que a gente acordar.

Levanto a cabeça, só para vê-la fazer uma careta de nojo.

— Tá de dia ainda.

— Faz um carinho e me deixa dormir, caralho.

— *Tão* amoroso — resmunga passando as unhas pelas minhas costas. Volto a me acomodar em seu pescoço e, por um momento, as coisas parecem estar como antes.

Nossa amizade andou abalada no último ano. Ela repetiu de ano e começou a namorar, eu comecei a ignorá-la e evitar estar nos mesmos

lugares. O que gerou muitas brigas entre nós, em todos os lugares possí veis.

Usei a desculpa de que não gostava do Apolo — o que não deixa de ser verdade —, mas no f undo, todos sabem que é ciúmes.

Principalmente, ela.

Queria tanto voltar no tempo e consertar a besteira que f iz quando deixei ela escapar por entre os dedos. Ou recuperar o ano perdido e recomeçar do zero.

Mas, independente de qualquer coisa, quando a vi sair correndo da sala, não pensei duas vezes antes de ir atrás dela. Eu posso estar muito chateado com a nossa situação, mas nunca a deixaria na mão.

Nossa conexão nunca será compreendida por terceiros. Na verdade, talvez seja entendida somente pelos meus pais. E palavras, nunca serão suf icientes para expressar o que sinto por ela.

Eu quero poder viver o mesmo amor que meus pais sentem um pelo outro. Mas só quero que isso aconteça com ela.

Não sei ser carinhoso e paciente como meu pai. Muito menos cuidadosa como minha mãe. Mas por ela, eu tento.

Espero seu tempo até que esteja pronta para mim. Desde que no f im, eu seja dela. E de ninguém mais.

Agradecimentos

Nunca sei como iniciar essa parte, mas sei que dif erente dos contos, dessa vez, é mais especial. Ainda não sei como me sentir, e sinceramente, nem acredito que f inalmente terminei esse livro.

Comecei essa história em f evereiro e em junho resolvi ref azer do zero. Terminei em setembro e peguei o arquivo novamente para reescrever, e tudo pelo celular, viu? Tinha dias que o bendito nem abria o arquivo de tão travado.

Foram muitas noites em claro até f inalmente escrever "f im". Foram muitas orações até estar segura o suf iciente para publicar o livro. Então, como um bom clichê, não poderia começar esse agradecimento, deixando de f ora Aquele que me ajudou até aqui.

Obrigado à Penélope Charmosa, vulgo Peppa Pig, vulgo Pigmalateia; por me auxiliar durante essa jornada e acreditar em mim. Betou, revisou, deu ideias, não me deixou desistir em nenhuma das vezes que o cansaço, insegurança e f rustração bateram à minha porta. Ela até escreveu algumas cenas desse livro e também não me deixou matar mais nenhum personagem, o que me deixou muito triste, pois gosto de escrever sobre sof rimento. Mas não contem com a sorte, na próxima, não vai f uncionar (rsrs).

À Emilly que leu as primeiras palavras dessa história antes mesmo de ser postada em qualquer lugar. *Soul*, espero que você ainda tenha paciência, porque pretendo encher sua cabeça com mil e uma ideias de livros e plots que nunca serão publicados.

À Fernanda, uma das minhas primeiras leitoras. No começo, eu achei que ela fosse meio maluquinha, mas aí eu arrisquei criar uma amizade e tive certeza.

À Ella, que é uma das minhas maiores incentivadoras desde que nos conhecemos em uma *thread* sobre o livro no Twitter.

Á @/biblio.tata, @/dueto_literario, @/booksbygina, @/bookbyjulia, @/dilua_sz, @/minhaestante.d, @/booksbygabi, @/estante.dupla, @/leiturasetravessuras, @/leticiawriter e @/tyciaverso, minhas parceiras.

À Letícia, que betou e revisou o livro com tamanha dedicação. À Gabi que é sempre uma das primeiras a ler meus lançamentos na Amazon. À Yas (@/nesthaleblanc), Dani Costantin, Amélia Miau e outres leitores do Wattpad (que agora não lembro o nome/user), vocês não fazem ideia do quanto me incentivaram durante a escrita do livro.

Por último, a você, leitore, por ter dado uma oportunidade de conhecer a minha escrita e os meus personagens. Espero que tenha gostado e que esteja esperando pelo próximo livro tanto quanto eu.

Até a próxima,
Júpiter

Redes Sociais

Instagram: @/autorajupiter
Twitter: @/autorajupiter
Skoob: @/autorajupiter
TikTok: @/autorajupiter

---

[1] Trecho da música "Fico Assim Sem Você" de Claudinho e Bochecha.
[2] Uma das protagonistas da série Friends.
[3] Ref erência a obra **"Gabriela, Cravo e Canela"** de Jorge Amado.
[4] Trecho da música "Mentes Tão Bem" de Zezé Di Camargo e Luciano.
[5] Trecho do livro "O Mundo de Sofia" de Jostein Gaarder
[6] Trecho do livro "O Pequeno Príncipe" de Antoine de Saint-Exupéry
[7] Ref erência ao livro "Vermelho, Branco e Sangue Azul" de Casey McQuiston.
[8] Trecho da música "O Meu Coração Tem Medo" do cantor Ferrugem.
[9] Trecho da música "Velha Infância", da banda Tribalistas.
[10] Ref erência a série "A Seleção" da autora Kiera Cass.
[11] Meu doce, em italiano.
[12] Ref erência ao livro "Por Lugares Incríveis" de Jennifer Niven
[13] Ref erência ao livro "Como Eu Era Antes de Você" de Jojo Moyes.
[14] Ref erência a saga "ACOTAR" de Sarah J. Mass.
[15] Ref erência ao livro "O Morro dos Ventos Uivantes" de Emily Bronthe.
[16] Ref erência ao livro "Império de Tempestades" de Sarah J. Mass.